

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS - ELA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS**  
**AMÉRICAS**

**DO HAITI AO BRASIL: UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE A CONSTANTE**  
**RECONSTRUÇÃO DO PROJETO MIGRATÓRIO DOS HAITIANOS NO BRASIL**

**Carolina de Almeida Pereira**

**Brasília**

**2019**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS - ELA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS**  
**AMÉRICAS**

**DO HAITI AO BRASIL: UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE A CONSTANTE  
RECONSTRUÇÃO DO PROJETO MIGRATÓRIO DOS HAITIANOS NO BRASIL**

Carolina de Almeida Pereira

Dissertação apresentada ao Departamento de Estudos Latino Americanos como parte dos requisitos para obtenção de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva

**Brasília**

**2019**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS - ELA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS**  
**AMÉRICAS**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Carolina de Almeida Pereira

Dissertação apresentada ao Departamento de Estudos Latino Americanos como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti - Presidente - ELA\UnB

---

Profa. Dra. Lúcia Maria de Assunção Barbosa – LET\UnB

---

Profa. Dra. Elaine Moreira – ELA\UnB

Brasília

2019

*Para minha Mãe e meu Pai (In memorian).*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pela graça de ter conseguido alcançar meu sonho de cursar o mestrado na Universidade de Brasília. Agradeço a ele também por minha família, o suporte de tudo o que sou hoje. Agradeço especialmente à minha mãe Regina, minha maior incentivadora, refúgio carinhoso nos momentos difíceis e exemplo de perseverança e trabalho duro. Agradeço à minha irmã Lívia, eterna parceira. Ao Rafael, meu companheiro.

Aos professores do ELA que me ajudaram a desconstruir e reconstruir o mundo sob uma nova perspectiva, mais crítica, mais humana e mais inclusiva, meu respeito e meu muito obrigada. Em especial, agradeço ao Prof. Leonardo Cavalcanti pela orientação, ensinamentos profissionais e pessoais, e por me conceder a honra de ser sua orientanda e poder agregar tantas ricas experiências a minha carreira acadêmica. Agradeço também ao prof. Duval Fernandes pela contribuição desde a minha qualificação.

Com muito apreço agradeço aos funcionários do ELA, especialmente a Cecília, pela prontidão e amizade com me que atendeu e amparou em todos os momentos desta minha trajetória. Agradeço com muito carinho aos meus colegas de turma, especialmente a Lorena, Marília, Susana, Kassoum e Ana Luísa com quem tive a satisfação de trabalhar sempre em um ambiente de harmonia, alegria, compartilhamento de conhecimento e respeito.

## RESUMO

Esta dissertação analisa o conceito de projeto migratório e sua aplicação no estudo dos movimentos migratórios de haitianos a partir do aumento do número de imigrantes deste coletivo que chegaram ao Brasil desde o início desta década. A ocorrência do terremoto no Haiti em 2010, que devastou grande parte da infraestrutura do país e culminou para a intensificação da crise socioeconômica que o país enfrentava, associado ao crescimento econômico do Brasil no período e sua maior participação em acordos de cooperação e de defesa dos direitos humanitários, se apresentaram como as principais motivações para o aumento deste fluxo de acordo com o alinhamento macroestrutural. No entanto, para além desses elementos buscou-se analisar os aspectos microestruturais presentes nos relatos dos imigrantes investigando quais fatores os motivaram a migrar e escolher o Brasil como país de destino. Foi observado que os aspectos microestruturais evidenciados pelas relações interpessoais e familiares tiveram preponderância sobre os macroestruturais, embora estes permaneçam como pano de fundo de todo este padrão migratório evidenciado pelo fenômeno da diáspora haitiana. O referencial teórico adotado envolve a perspectiva da migração internacional nas ciências sociais partindo dos conceitos de projeto migratório e diáspora haitiana, e passando por teorias que fundamentam toda essa experiência como o transnacionalismo, redes migratórias e retorno. Foi realizada pesquisa de campo para coleta dos relatos por meio da realização de grupo focal e também de entrevistas individuais semi-estruturadas em Curitiba - PR, em 2018, com imigrantes do contingente de haitianos vindos ao Brasil entre 2010 e 2018.

**Palavras-chave:** projeto migratório, mobilidade haitiana, transnacionalismo, diáspora haitiana, mercado de trabalho.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the concept of migratory project and its application in the study of the migratory movements of Haitians, taking into consideration the significant increase in the number of migrants of this collective which have arrived in Brazil since the beginning of this decade. The occurrence of the earthquake in Haiti in 2010, which devastated most of the country's infrastructure and culminated to the intensification of the socio-economic crises that the country faced, associated with Brazil's economic growth in the period and its greater participation in cooperation and defense of humanitarian rights agreements, were presented as the main motivations for this flow's increase according to the macrostructural alignment. In addition to these elements, it was sought to analyze also the microstructural aspects that are present in the migrant's narratives investigating the factors that motivated their migration and why Brazil was chosen as destination country. It was observed that the microstructural aspects evidenced by the interpersonal and familiar relations had preponderance over the macrostructural, although they remain as background to this migratory pattern evidenced by the phenomenon of the Haitian diaspora. The theoretical framework adopted involves the perspective of the international migration in the social sciences based on the concepts of migratory project and Haitian diaspora going through other concepts that substantiate all such experiences as transnationalism, migratory networks and return. A field research was conducted in order to collect the reports by conducting a focal group and individual also semi-structured interviews in Curitiba, in 2018, with Haitian migrants who arrived in Brazil between 2010 and 2018.

**Keywords:** migratory project, Haitian mobility, transnationalism, Haitian diaspora, job market.

## RESUMEN

Esta disertación analiza el concepto de proyecto migratorio y su aplicación en el estudio de los movimientos migratorios de haitianos, a partir del aumento en el número de inmigrantes de este colectivo en Brasil desde el comienzo de esta década. El terremoto en Haití en 2010, que devastó gran parte de la infraestructura del país y culminó con la intensificación de la crisis socioeconómica que enfrenta el país, asociada con el crecimiento económico de Brasil en el período y su mayor participación en los acuerdos de cooperación y defensa de los derechos humanos, se presentaron como las principales motivaciones para el aumento de este flujo de acuerdo con el discurso macroestructural. Sin embargo, además de estos elementos, se buscó analizar los aspectos microestructurales presentes en los reportes de los inmigrantes para investigar qué factores los motivaron a migrar y elegir a Brasil como su país de destino. Se observó que los aspectos microestructurales evidenciados por las relaciones interpersonales y familiares tenían una preponderancia sobre los macroestructurales, aunque permanecen como un trasfondo de este patrón migratorio evidenciado por el fenómeno de la diáspora haitiana. El marco teórico adoptado implica la perspectiva de la migración internacional en las ciencias sociales a partir de los conceptos de proyecto migratorio y diáspora haitiana, pasando por otros conceptos que subyacen a todas estas experiencias, como el transnacionalismo, las redes migratorias y el retorno. Se realizó una investigación de campo para recopilar los informes a través de un grupo focal y entrevistas individuales semiestructuradas en Curitiba - PR, en 2018, con inmigrantes contingentes haitianos que llegaron a Brasil entre 2010 y 2018.

**PALABRAS CLAVE:** proyecto migratorio, movilidad haitiana, transnacionalismo, diáspora haitiana, mercado de trabajo.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**MTE** – Ministério do Trabalho e Emprego

**CONARE** – Comitê Nacional para os Refugiados

**CNIG** - Conselho Nacional de Imigração

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**EUA** - Estados Unidos da América

**MINUSTAH** – Missão das nações Unidas para estabilização do Haiti

**OBMIGRA** - Observatório de Migrações

**OEA** - Organização dos Estados Americanos

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ELA** - Departamento de Estudos Latino Americanos

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Refugiados haitianos no mundo por país de destino - (2000-2014).....	43
Tabela 2: Países de origem dos imigrantes por década de chegada - Brasil (1810 – 1979).....	52
Tabela 3: Movimento de imigrantes haitianos e haitianas, segundo áreas de fronteiras e aeroportos internacionais Brasil – (2010-2015).....	55
Tabela 4: Registro de imigrantes do Haiti com registro ativo, segundo Unidade da Federação de residência (2010-2015).....	56
Tabela 5: Número de permissões de residência permanente concedidos à nacionais haitianos pelo Brasil por meio da Resolução Normativa 27.....	57
Tabela 6: Número de vistos humanitários concedidos à nacionais haitianos pelo Brasil por meio da Resolução Normativa 97.....	57
Tabela 7 - Características demográficas dos participantes no Grupo Focal – Curitiba.....	83
Tabela 8 – Características demográficas dos entrevistados I – Curitiba.....	85
Tabela 9 – Características demográficas dos entrevistados II – Curitiba.....	85

## LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Hispaniola.....	33
Mapa 2: Migração haitiana regional – principais fluxos.....	45
Fotografia 1: Seleções – Haiti x Brasil.....	49
Fotografia 2: Seleção brasileira.....	50
Gráfico 1: Número de publicações sobre Migrações Internacionais nas Ciências Sociais por ano.....	62
Gráfico 2: motivação para a migração.....	92
Mapa 3: Rota 1.....	103
Mapa 4: Rota 2.....	104

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CONTEXTO SÓCIO - HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL ..	31
2.1. Contexto sociopolítico do Haiti.....	31
2.1.1. A MINUSTAH.....	46
2.1.2. O terremoto.....	51
2.2. Fluxos migratórios para o Brasil e a presença haitiana.....	52
2.3. Considerações finais sobre o capítulo.....	60
3. MARCO TEÓRICO CONCEITUAL.....	62
3.1. As migrações internacionais nas Ciências Sociais.....	62
3.2. Projeto Migratório.....	66
3.3. Abdelmalek Sayad e o retorno impossível.....	69
3.4. Redes migratórias.....	73
3.5. Transnacionalismo.....	75
3.5. Diáspora haitiana.....	79
3.6. Considerações finais sobre o capítulo.....	82
ANÁLISE DOS DADOS .....	83
4.1. Relato sobre a aproximação do campo – Grupo Focal.....	83
4.2. Relato sobre a aproximação do campo – Entrevistas individuais.....	86
4.3. Categorias de análise.....	87
4.3.1. Diáspora haitiana.....	88
4.3.2. Preparação do projeto migratório antes de chegar ao Brasil.....	92
4.3.3. Reconstrução do projeto migratório diante das mudanças/aspectos macroestruturais (Crise).....	98
4.3.4. Redes migratórias.....	102
4.3.5. Rotas migratórias.....	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	109
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	113

## 1. INTRODUÇÃO

As migrações internacionais são um fenômeno social, amplamente, discutido na atualidade. As massas de imigrantes deslocados por guerras, catástrofes naturais ou pobreza se tornaram uma grande preocupação principalmente para as autoridades dos países desenvolvidos. O fenômeno social composto pelas migrações é multifatorial, constituído por uma pluralidade de elementos como os aspectos político, étnico, econômico, cultural e de gênero, por exemplo. Uma das formas de se investigá-lo é por meio da análise do contexto em que se dá o movimento migratório partindo do plano idealizado pelo migrante e verificando como ele se materializa de fato na realidade, ou seja, analisando o que as Ciências Sociais chamam de projeto migratório.

Se analisados alguns fluxos migratórios que tiveram o Brasil como destino no período pós-colonial, como os japoneses, italianos, alemães e outros grupos étnicos europeus, observa-se a existência de planos de migração que se pode chamar de definitivos, isto porque esses grupos saíam de seus países, geralmente com todo seu grupo familiar, vendiam seus bens e buscavam se estabelecer definitivamente no Brasil (onde havia a promessa de doação de terras para os imigrantes italianos, por exemplo).

A ideia colonial do *eldorado* (SILVA, 2010) era circunscrita ao movimento de deslocamento desses grupos para o Brasil, de forma que chegar até à América era meta central de onde se desdobriam os benefícios esperados, como segurança e possibilidade de crescimento econômico. Assim, pode-se verificar ainda hoje a existência de colônias alemãs em algumas cidades da região Sul do Brasil e o expressivo número de descendentes italianos e japoneses no estado de São Paulo (a comunidade japonesa que reside no Brasil é a segunda maior do mundo, a primeira é a população que vive no próprio Japão<sup>1</sup>), grupos esses compostos, em sua maioria, por descendentes dos imigrantes que chegaram ao país no período pós-colonial e aqui permaneceram, comprovando assim o caráter definitivo do plano elaborado por esses fluxos.

Atualmente, no entanto, percebe-se que o desenvolvimento tecnológico associado ao avanço no processo da globalização dinamizou a forma como se estrutura o projeto

---

<sup>1</sup> <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/08/24/110-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil-serao-comemorados-em-sessao-especial>

migratório, isto é, ao invés de definitivo, os projetos migratórios agora se tratam de uma estrutura em permanente construção. Essa constante atualização é empreendida pelo próprio migrante em processos de negociação com as esferas macro (país de origem, país de destino, economia, regime político, políticas públicas, etc) e as esferas micro (desejos pessoais, anseios do grupo familiar, orçamento, dificuldades pessoais, etc). Assim, é possível observar nestes projetos uma pluralidade de possíveis alterações quanto aos objetivos e itinerários migratórios que implicam mudanças como o retorno ao país de origem, o retorno provisório, a mudança de cidade ou estado (no país de destino), a reemigração para outro país, mudança de profissão, etc, por exemplo.

Diante disso, a presente pesquisa busca dialogar com as teorias sobre migrações internacionais e os achados encontrados nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo com imigrantes haitianos no Brasil, de forma a compreender como se dá e em que consistem os projetos migratórios deste coletivo.

Antes de qualquer coisa, para que se possa aprofundar na problemática do projeto migratório, é essencial salientar que os padrões das migrações internacionais vêm se modificando drasticamente desde as últimas três décadas do século XX. Até então, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, que findou em 1945, os grandes fluxos de imigrantes internacionais que se verificavam no mundo se originavam desde a Europa e eram majoritariamente formados por europeus que buscavam fugir da destruição que a guerra causara. No entanto, a partir da década de 1970, com a reconstrução e recuperação das economias europeias, o continente se tornou então um grande polo de atração de imigrantes, dinâmica essa profundamente influenciada pela contínua evolução da globalização.

Destaca-se aqui que as influências do fenômeno da globalização observadas e levadas em conta para melhor compreensão da presente pesquisa podem ser percebidas, ao menos, de duas formas principais: tanto no que se refere ao aumento e facilidade de contato e trocas entre os países, quanto ao impacto socioeconômico que o estreitamento dessas relações pode causar. Partindo disso, verificou-se que no século XX a dinâmica da globalização, principalmente no que concerne seus aspectos econômicos, se caracterizou por intenso intercâmbio comercial e financeiro (MARTINE, 2005). Tal intercâmbio acabou por impor a países de diferentes matizes socioeconômicas o mesmo modelo econômico capitalista desenvolvido no seio do pensamento britânico-estadunidense, o que acabou causando profundas mudanças ou até mesmo o colapso das estruturas econômicas de diversos países

durante a Guerra Fria, de forma que aqueles países pouco industrializados e com economias mais frágeis enfrentaram sérias dificuldades, incluindo até mesmo recessão econômica, aumentando assim a dependência econômica dos países em desenvolvimento em relação aos países desenvolvidos.

Foi assim que na América Latina uma grave crise econômica em quase todos os países da região marcou profundamente a década de 1980, iniciada pela declaração de moratória da dívida externa pelo governo mexicano em 1982 (BERNAL, 1991). Segundo Martine (Op. Cit.), tais acontecimentos levaram a um quadro em que praticamente todos os países latino-americanos tiveram que adotar medidas e regras econômico-financeiras semelhantes, ao mesmo tempo em que se submetiam a fiscais externos (FMI, Banco Mundial) que os coordenavam, ou seja, um padrão semelhante de políticas e regimes econômicos foi adotado por esses países de forma que se deu início a uma grande e acelerada expansão do então chamado mercado global. Neste modelo de mercado, a interferência estatal e a proteção das economias nacionais são reduzidas, o que favorece a abertura das fronteiras (de modo que o global tem preponderância sobre o nacional e o local) tanto para o capital, quanto para bens e serviços (MARTINE, Op. Cit.).

O impacto das transformações promovidas pela globalização não foi evidente apenas na esfera econômica, mas foi igualmente sentido em termos políticos, sociais, culturais e também demográficos, cenário esse possibilitado pela significativa redução nos custos de transporte, informação e comunicação (MARTINE, Op. Cit.). Desta maior interação entre países com diferentes características político-econômicas passam a surgir e também a se tornarem evidentes a desigualdade de forças – política e econômica - dos diversos atores que participam deste processo.

De acordo com Milanovic (1999), o imperialismo é parte integrante da globalização, de forma que não se pode acreditar que todos os países participam com o mesmo peso e poder de barganha do desencadeamento deste fenômeno, já que existe desigualdade tanto na atividade produtiva, quanto no de intercâmbio de bens e serviços. Desta forma, verifica-se que na ocorrência de choques econômicos externos, os países em desenvolvimento são os que apresentam maior vulnerabilidade, e tal fragilidade tende a se intensificar quanto mais acentuado for o grau da globalização (CEPAL, 2002). Ou seja, a globalização alimenta um ciclo de interdependência econômica entre países desenvolvidos e em desenvolvimento que tende a intensificar cada vez mais a desigualdade econômica entre estes dois grupos.

As profundas e vertiginosas mudanças ocasionadas pelo processo da globalização também tiveram grande impacto sobre os movimentos migratórios (MARTINE, op. cit). De acordo com Massey (1998), a globalização pode ser considerada o motivador principal das migrações internacionais no contexto histórico contemporâneo. Isso porque a globalização tanto estimula a busca por novos lugares, oportunidades e padrões de vida, ocasionada pela facilidade de trânsito (no sentido da “compressão espaço-tempo”) e despertado pela imagem de sucesso e bem-estar difundida pelos países desenvolvidos; quanto intensifica as assimetrias político-econômicas, cujo impacto se faz sentir diretamente no valor da renda per capita (que tende a reduzir). Essas assimetrias são vividas majoritariamente nos países em desenvolvimento e são as principais responsáveis por ocasionar o deslocamento populacional.

No Brasil, a realidade do fenômeno migratório acompanhou a tendência mundial da intensificação da globalização e aumento de fluxos migratórios. Segundo Levy (1974), entre os anos 1872 e 1972, cerca de 5,4 milhões de europeus migraram para o Brasil. No entanto, entre as décadas de 1980 e 1990, assim como aconteceu em outros países do mundo, o padrão das migrações que ocorriam no país sofreu modificações (BRZOZOWSKI, 2012). Importante receptor de mão de obra desde o período pós-colonial (período esse em que a maioria dos imigrantes provinha da Europa) e ainda mais durante e no pós-Segunda Guerra, o Brasil se tornou uma região de emigração<sup>2</sup> a partir da década de 1980. Brzozowski (idem) aponta que naquela década o Brasil gerou um total de 1,8 milhões de emigrantes (1,6% da população), na década de 1990 o número estimado foi de 550 mil pessoas (0,4% da população), entretanto, como a maioria dos emigrantes que saíram do país na década anterior não retornou, pode-se considerar que já havia então uma significativa parcela da população brasileira fora do país.

Nos anos 2000 o número de emigrantes foi de quase dois milhões de pessoas e em 2008, por volta de 3,7 milhões de emigrantes brasileiros estavam fora do país. Os principais países de destino foram: Espanha, Portugal, Itália, Grã-Bretanha, Paraguai e Japão. Na atualidade, o Brasil continua recebendo imigrantes e o fluxo de emigrantes também permanece constante, assim, não há como se definir um movimento único que seja predominante no fluxo migratório do país (FERNANDES, 2015).

---

<sup>2</sup> Imigrante: indivíduo que chega em determinada localidade. Emigrante: indivíduo que deixa determinada localidade. CAMPOS, M. B. “Migração”. In: CAVALCANTI, L. et al (Org). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.



No entanto, é evidente que o crescimento significativo na economia brasileira durante os anos 2000 tornou o país um polo atrativo de imigrantes que buscavam melhoria na qualidade de vida. O crescimento econômico brasileiro remonta ao período da implantação do Plano Real<sup>3</sup> nos anos 1990, que permitiu ao país apresentar um quadro de crescimento contínuo que perseverou até a primeira década dos anos 2000. Dessa forma, quando a crise econômica ocasionada pela explosão da bolha imobiliária dos EUA em 2008 afetou boa parcela dos países europeus, o impacto no Brasil foi relativamente pouco sentido. De fato, as taxas de crescimento anual do PIB nos anos seguinte levaram o país a ocupar lugar de destaque entre as maiores economias do mundo<sup>4</sup>.

Este cenário econômico favorável aliado à política internacional de cunho cooperativista empregada pelo governo Lula, fortaleceu a imagem do Brasil no contexto internacional. Desde os mandatos de Fernando Henrique Cardoso, a promoção dos direitos humanos ganhou espaço significativo na agenda do governo. Um dos objetivos era justamente modificar a imagem negativa que o país possuía nesta área, herança dos anos da ditadura militar. Assim, neste período, o país passou a participar intensamente de foros multilaterais internacionais que tratavam sobre cooperação e colaborou ativamente para o desenvolvimento do Mercosul como forma de intensificar as relações sul-sul (MOREIRA, 2010).

Apesar disso, foi apenas no governo Lula que o tema se consolidou. Seguindo a linha do que já havia sido desenvolvido por FHC, “suas diretrizes mantiveram: o multilateralismo, a cooperação, a defesa dos direitos humanos, a adesão aos regimes e o respeito às organizações internacionais” (MOREIRA, idem), Lula procurou desenvolver ainda mais as relações sul-sul, não só com os países da América do Sul, como também com países africanos de língua portuguesa. O objetivo de FHC de alcançar um assento no Conselho de Segurança da ONU, por exemplo, foi perseguido com ainda mais afinco por Lula, que tratou de elevar a visão do Brasil como país de destaque entre os países em desenvolvimento. A operação de paz em que tropas brasileiras foram enviadas ao Haiti, que será tratada mais detidamente mais adiante, se

---

<sup>3</sup> “Plano de estabilização econômica implantado em 1994, e que obteve sucesso no combate à inflação que se tornava endêmica no Brasil”. FERNANDES, D. “O Brasil e a migração internacional no século XXI – notas introdutórias”. In: PRADO, E.J.P.; COELHO, R. (Org.). **Migrações e trabalho**. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015.

<sup>4</sup> Em 2011, mesmo em um período já de desaceleração do crescimento, o PIB do Brasil ultrapassou o do Reino Unido e a economia do país chegou a ser a 6ª maior do mundo. JUSTUS, P. Brasil é a sexta maior economia do mundo. O Globo, São Paulo. 06 mar, 2012. Economia [Online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-a-sexta-maior-economia-do-mundo-4233033>

insere neste contexto de busca por oportunidades de cooperar estrategicamente visando a maior inserção do país no contexto internacional ao mesmo tempo em que se colabora para questões referentes à proteção aos direitos humanos (MOREIRA, Op. cit.).

A presença dos haitianos no Brasil cresceu significativamente nas primeiras décadas do século XXI. Contudo, se comparado com outro grupo de imigrantes presentes no país, tal como os japoneses, por exemplo, os imigrantes haitianos certamente não se destacam pela porção numérica presente em território brasileiro, ainda assim, compreender e estudar a presença deste coletivo no Brasil é bastante significativo no que concerne as políticas migratórias e de cooperação internacional (FERNANDES, 2015). Pois que, tendo o fluxo migratório haitiano para o Brasil se intensificado principalmente depois do Terremoto que devastou a ilha em 2010, a presença deles no país foi fortemente associada à agenda dos direitos humanos que vinha se fortalecendo desde as décadas anteriores, de forma que o vínculo entre os dois países se deu sob a égide da cooperação humanitária, fortalecendo cada vez mais a imagem do Brasil na cena internacional.

Tal busca por uma relação do governo Brasileiro com Haiti com vistas à cooperação de cunho humanitário pode ser explicada pela histórica instabilidade política pela qual o Haiti passa. A história do Haiti, principalmente a partir da segunda metade do século XIX é marcada por períodos de instabilidade e centralização política. A influência e dominação de outros países como a França e os Estados Unidos da América foram intensas e acarretaram em décadas de significativo atraso econômico<sup>5</sup>. Nos períodos de centralização política, o país sofreu várias sanções econômicas e políticas que ocasionaram o crescimento contínuo da dívida externa (CÂMARA, 1998).

Internamente eram frequentes as eleições ilegais e também golpes de estado, além da perseguição de todos aqueles que não faziam parte da casta mulata privilegiada<sup>6</sup>. A ditadura imposta por François Duvalier a partir de 1957 agravou ainda mais essa situação (ABOTT, 1998). Em 1986 o país entrou em colapso. A crise econômica e os conflitos sociopolíticos eram tão intensos que se fez necessário o afastamento de Duvalier do governo<sup>7</sup>. Depois desta

---

<sup>5</sup> idem

<sup>6</sup> MATIJASCIC, Vanessa B. **Haiti: uma história de instabilidade política**. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Vanessa%20Braga%20Matijascic.pdf>

<sup>7</sup> idem

data as tentativas de eleições livres e legais foram frustradas, com exceção da que elegeu Jean-Bertrand Aristide em 1991. No entanto, no mesmo ano ele foi deposto e foi necessária a intervenção da ONU no intuito promover a manutenção da paz e o restabelecimento de Aristide no poder<sup>8</sup>.

Segundo Fernandes (2015), foi devido à presença do Brasil no Haiti como tropa comandante da Missão de Paz para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, que o país se definiu como um dos destinos mais escolhidos pelos imigrantes haitianos. No entanto, Handerson (2015b, p.50) afirma que a familiaridade com Brasil há algum tempo já faz parte “do universo haitiano”<sup>9</sup>, principalmente pela popularidade do futebol, da música e das novelas brasileiras no Haiti. Mesmo que em sua pesquisa de campo nenhum de seus interlocutores tenha associado diretamente sua vinda ao Brasil por causa da MINUSTAH, ele reconhece que a Missão possa ter sido fator determinante na intensificação do sentimento de familiaridade com o Brasil, tanto quanto foi o chamado “Jogo da Paz”, partida amistosa de futebol entre a seleção brasileira e a haitiana, que aconteceu no Haiti em 2004.

Foi a partir de 2010, após o terremoto, que o número de imigrantes haitianos no Brasil passou a aumentar de forma bastante significativa, donde se depreende que o projeto migratório dessa população, neste momento, está diretamente relacionado às consequências econômicas e sociais que o terremoto causou ou intensificou. A princípio, os imigrantes que vinham pelas fronteiras requisitavam a entrada no Brasil por meio de solicitação de pedido de refúgio, alegando as más condições de vida no país de origem depois da catástrofe. Entretanto, eles não foram considerados elegíveis para o status de refugiados por não se enquadrarem no perfil definido pela Convenção de Genebra de 1951 e seu Protocolo de 1967, segundo o qual, refugiado é qualquer pessoa que, possuindo medo bem fundamentado de ser perseguida por razões de raça, religião, nacionalidade, associação a qualquer grupo social

---

<sup>8</sup> MATIJASCIC, Vanessa B. **Haiti: uma história de instabilidade política**. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Vanessa%20Braga%20Matijascic.pdf>

<sup>9</sup> Segundo Handerson (2015, p. 50), há um ditado popular caribenho que diz “Os haitianos são mais brasileiros do que os próprios brasileiros”, visto que a maioria da população haitiana torce pela seleção brasileira.

particular ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e é incapaz, ou por temor, não deseja se valer da proteção deste país (ACNUR<sup>10</sup>)

Assim, o caso dos imigrantes haitianos não foi processado pelo CONARE, mas pelo Conselho Nacional de Imigração - CNIg, que entre 2012 e 2015 concedeu à esse grupo um visto especial humanitário<sup>11</sup> que lhes conferia a prerrogativa da proteção internacional e de direitos similares aos do refugiado<sup>12</sup>, por meio da Resolução Normativa Nº 97, de 12 janeiro de 2012 que vigorou até 2015 (Ver ANEXOS IV e V). Tal medida foi tomada porque o então ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, entendeu que a concessão de refugio político para um haitiano seria uma medida ilegal, visto que a situação deles se enquadra não condição de perseguição, mas sim na condição de vulnerabilidade<sup>13</sup> econômica<sup>14</sup>. Vale pontuar aqui uma importante questão levantada por Handerson (2015b), ele explica que a Resolução 97, de 2012, permite uma dupla leitura, pois, ao mesmo tempo em que busca a regularização de haitianos não documentados no Brasil, sob a defesa de um ideal humanitário, ela também atua como um lembrete que desencoraja a imigração de novos imigrantes, pois deixa clara a restrição em território daqueles que chegarem depois de 13 de janeiro de 2012.

Ainda de acordo com Handerson (2015a), dados oficiais do Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior demonstram que existem quase cinco milhões de haitianos vivendo fora do Haiti, ou seja, aproximadamente metade da população estava vivendo fora do país. Este dado torna ainda mais categórica a percepção de que a migração pode ser interpretada

---

<sup>10</sup> Disponível em:

[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)

<sup>11</sup> Segundo Handerson (2015), o Brasil não se preocupou em desenvolver esse mecanismo humanitário direcionado aos haitianos isoladamente. Ele aponta que outros países como Chile, França e Canadá também criaram políticas migratórias com o fim específico de ajuda humanitária após o acontecimento do terremoto. No Chile e no Canadá houve incentivo à reunião familiar; na França foi cessada temporariamente a deportação de haitianos e nos EUA foi criado um estatuto de proteção humanitária – *Temporary Protected Status* (TPS) que foi concedido a haitianos que haviam entrado no país antes do terremoto, mas ainda estavam não- documentados.

<sup>12</sup> Dados do Ministério da Justiça do Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/05/solicitacoes-de-refugio-cresceram-800-nos-ultimos-4-anos>. Acesso em: junho 2014

<sup>13</sup> Vulnerabilidade pode ser definida como “Capacidade diminuída de um grupo ou indivíduos de antecipar, lidar, resistir e se recuperar do impacto de um perigo natural ou causado pelo homem” (INTERNACIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2015)(Tradução nossa)

<sup>14</sup> Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE. Ministério da Justiça do Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/01/governo-vai-regularizar-situacao-de-haitianos-no-pais-e-restringir-novas-imigracoes>.

como um comportamento já integrado ao costume haitiano. Dentre esses cinco milhões de emigrantes, 80.998 mil haitianos imigraram para o Brasil no período de 2010 até 2016 (OLIVEIRA, 2016), e, em 2018, esse número chegou aos 101,9 mil (CAVALCANTI, 2018).

De acordo com Cavalcanti et al (2019), as formas de entrada de haitianos no Brasil se deu de três formas específicas, por meio de visto humanitário, solicitação de refúgio e autorizações concedidas pelo CNIg. As solicitações de visto humanitário foram feitas no Haiti e em países de trânsito como República Dominicana, Equador e Peru. Entre 2012 e 2016 o número de vistos concedidos, entre permanentes e de reunião familiar, foi de 48.361 vistos. Já as solicitações de refúgio foram feitas junto à Polícia Federal do Brasil nas regiões de fronteira (embora a decisão final caiba ao CONARE) e no período de 2010 a 2014 somaram um total de 34.887 solicitações, sendo que mais que 50% das solicitações foram realizadas a partir de 2012. Quanto às autorizações concedidas pelo CNIg, entre 2011 e 2015 foram realizadas 51.124 concessões de autorizações, sendo que 99% delas foram outorgadas por meio da Resolução Normativa nº27, de 1998, que segundo Cavalcanti et al (2019, p.32), “disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração”, enquanto 1% foram concedidas por meio da Resolução Normativa nº77, de 2008, que dispõe sobre reunião familiar<sup>15</sup>.

Como consequência já esperada os haitianos passaram a integrar o mercado de trabalho brasileiro. De acordo com Cavalcanti (2015), 814 imigrantes foram formalmente empregados em 2011, em 2013 esse número atingiu o patamar de 15 mil pessoas e 30.484 mil imigrantes em 2014. Em contrapartida, em 2016, ao passo que 18.774 mil haitianos foram formalmente contratados, 26.537 mil foram demitidos, resultando assim no primeiro saldo negativo do balanço entre admissões e demissões de haitianos desde 2011. Acredita-se que a crise econômica pela qual o Brasil está passando e que teve início em 2015 tenha incidido diretamente sobre tal dinâmica, já que o mercado de trabalho no país, de modo geral, tem passado por um período de cortes significativos que fez o nível de desemprego em 2017 chegar a 13%, segundo dados do IBGE<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> <http://trabalho.gov.br/mais-informacoes/cni/2016-02-16-20-30-45/itemlist/category/632-cnig-2resolucoes-normativas>

<sup>16</sup> Agência de Notícias – IBGE. PNAD Contínua: taxa de desocupação cai em 11 das 27 UFs no 2º trimestre de 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/15693-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-cai-em-11-das-27-ufs-no-2-trimestre-de-2017.html>

Esse cenário de crise econômica, afirma Cavalcanti (2016), geralmente afeta o fluxo das migrações, principalmente por se tratar a migração de um fenômeno que é afetado diretamente pelas políticas governamentais e pelas variações do mercado de trabalho. Sustentam tal inferência os fluxos migratórios alterados pela crise do petróleo de 1973, que reduziram drasticamente os programas para trabalhadores imigrantes na Alemanha; a década perdida na América Latina nos anos 1980, que provocou a emigração das classes médias para os EUA e diminuiu a migração para os países latinos; como também a crise asiática nos anos 1990, que resultou em retorno e expulsão de imigrantes (CAVALCANTI, 2016). É desta inferência sobre a relação entre crise econômica e a alteração no fluxo migratório dos haitianos para o Brasil de onde deriva o gérmen desta pesquisa, que com o intuito de melhor compreender o impacto que as mudanças macroestruturais tiveram no comportamento migratório haitiano, se propôs a lançar olhar sobre os relatos pessoais de cada migrante, buscando para tanto analisar suas narrativas a partir de seus projetos migratórios.

\*\*\*\*

Segundo Handerson (2015a), a expressão *peyi blan* do crioulo haitiano, que significa “país branco” (tradução nossa), é utilizada pelos haitianos para fazer referência aos países estrangeiros industrializados e economicamente desenvolvidos, que são geralmente povoados por população majoritariamente branca, e onde, principalmente, se pode ganhar *lajan diáspora*, isto é, dólar americano e euro. De modo geral, tudo o que é bom, seria originário do “país branco”. Handerson (idem) afirma que embora tenha observado alusões de que o Brasil poderia ser considerado um “país branco” por parte de seus entrevistados, também verificou significativa parcela de imigrantes que não compartilhavam da mesma percepção.

É no sentido de buscar compreender as motivações dos imigrantes de acordo com suas próprias palavras, deixando os dados quantitativos em segundo plano e com o intuito de desconstruir axiomas ultrapassados e construir proposições mais fidedignas à realidade haitiana, que o presente estudo se propôs a analisar e traçar perfis de projetos migratórios que revelem não só contexto econômico, como também o contexto social e cultural em que o migrante haitiano primeiramente concebeu seu plano de imigrar, além de também investigar como o indivíduo migrante percebe a si mesmo e o ambiente externo, e como o vivido e desejado se fundem e resultam no delineamento de seu percurso migratório. Desse modo, o

presente trabalho apresenta reflexões sobre a migração de haitianos para o Brasil e como tal projeto de migração se deu. É dada ênfase aos aspectos individuais, observado o contexto temporal em que se encaixam. Com isso, busca-se lançar luz sobre aspectos que passam despercebidos em uma análise sob a ótica macroestrutural, e também compreender as implicações importantes que a migração deste coletivo provoca na sociedade brasileira e os para os próprios imigrantes, no que concerne as políticas públicas que os amparam.

Com o fim de aprofundar adequadamente esta temática migratória recorreu-se às teorias das migrações internacionais no campo das Ciências Sociais. Abdelmalek Sayad constituiu um ponto de partida importante para compreender que a migração envolve muito mais que o cruzamento de uma fronteira político-administrativa.

[...] a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico [...] mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente. (SAYAD, 1998, p.15)

Em seu artigo sobre a teoria das migrações, Everett Lee (1980, p.114) afirma que “(...) a migração é um fenômeno complexo e é praticamente impossível satisfazer-se a condição simplificadora, amiúde necessária, de que todos os demais fatores permaneçam sem alteração”. Por se tratar de um fenômeno em constante transformação, por sua inerente mobilidade, sua ocorrência não é de fácil mensuração. Além do mais, para se compreender seu contexto e significado, muitos fatores devem ser levados em consideração, como a história, a cultura, as políticas públicas e de estado, a condição social, a afetividade, as redes sociais, os anseios e idiosincrasias pessoais, de tal forma que se faz necessário a análise conjunta de diversas disciplinas para que possa ter uma panorama satisfatório deste fenômeno.

“A imigração é um fato social completo, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica, todo itinerário do imigrante é [...] um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas, [...], linguística e sociolinguística, ciência política etc. [...] é fato social total, é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica [...] e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; desde que não se omita, se mutile a outra parte que é a emigração” (SAYAD, 1998, p.11)

Levando em consideração as perspectivas levantadas Sayad, pensou-se que as teorias micro e macro-sociológicas, ou seja, tanto aquelas que focam nos agentes individuais, quanto as que dão destaque aos elementos estruturais, seriam o fio condutor necessário para fundamentar este estudo. A começar pela pelos próprios conceitos elaborados por Sayad, presente de forma quase unânime nos estudos migratórios tanto brasileiros como estrangeiros, como a questão da presença-ausência e do retorno impossível, por exemplo, foram utilizadas também nessa pesquisa, produções teóricas que dialogam com a ideia de que além de um espaço físico, as migrações ao mesmo tempo acontecem em um espaço simbólico e social, de forma a fundamentar os conceitos de retorno, redes migratórias, transnacionalismo e diáspora haitiana.

O problema da pesquisa leva em conta que a crise econômica brasileira provocou importante impacto no mercado de trabalho que acabou afetando também a empregabilidade do migrante haitiano, diante disso se questiona: como essa mudança significativa no cenário macroeconômico afetou o projeto migratório desses indivíduos?

Outras questões secundárias se mostraram pertinentes à pesquisa uma vez que se levou em conta que novas táticas e objetivos que podem ter sido incorporados ao projeto migratório dos haitianos. Assim, buscou-se compreender:

- a) Os haitianos optaram por retornar ao Haiti?
- b) A migração circular para outras cidades do Brasil ou outros países se tornou uma nova alternativa?
- c) O que explica a escolha do Brasil como país de destino?
- d) Como as redes sociais auxiliam no planejamento e execução do projeto migratório?

Para poder empreender tal estudo, se escolheu um modelo de pesquisa que combina a análise da literatura e a investigação empírica por meio de entrevistas e grupo focal. A forma como este trabalho foi metodologicamente executado, será apresentada a seguir.

Pedro Demo (2006) explica que a importância da pesquisa científica encontra-se na sua condição de fazer compreender criticamente a realidade com o objetivo emancipatório de tornar possível a recriação de uma existência social que melhor se incorpore aos interesses e expectativas da sociedade. Neste sentido, o pesquisador não pode se ater ao papel do imitador que copia o conhecimento já construído, mas deve ter a função ativa de “re-produzir”, por meio da teoria e da prática de pesquisa a instrumentalização do conhecimento, para que se



possa intervir no contexto social em que se está inserido de forma a transformá-lo por meio de uma ação cidadã. Em suas palavras “pesquisa como princípio científico e educativo faz parte de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocrítico, participante e capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar o outro como objeto.” (DEMO, 2006, p.42-43)

É com base nesta orientação que para a execução deste trabalho optou-se pela utilização do método qualitativo por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas e grupo focal com um grupo de imigrantes haitianos atualmente residentes em Curitiba – PR. Entende-se que a pesquisa qualitativa torna possível analisar a trajetória dos imigrantes haitianos tomando-os, não como seres humanos passivos, mas sim como indivíduos capazes de interpretar e agirem ativamente no mundo em que vivem. Tal tipo de abordagem permite que se desconstruam as informações divulgadas pela grande mídia, para então reconstruí-las segundo o olhar do próprio migrante.

Devido à complexidade histórica, cultural e social do tema, a pesquisa qualitativa foi bastante desafiadora, pois houve aspectos objetivos e subjetivos que precisaram ser levados em conta, como a história familiar, a educação formal e o grau de politização de cada migrante, por exemplo. Além disso, este trabalho se trata também de pesquisa descritiva, já que busca examinar as características do fluxo migratório haitiano no Brasil, por meio da criação que categorias de análise, podendo, por meio delas, elaborar definições sobre a natureza da migração haitiana, estabelecendo correlações entre seus principais aspectos e variáveis (VERGARA, 2005). Vale acrescentar, que de acordo com a definição de pesquisa descritiva apresentada por Rudío (2001), o cerne da pesquisa descritiva consiste em observar fenômenos com o intuito de não apenas descrevê-los, como também de poder interpretá-los e classificá-los.

Os imigrantes haitianos maiores de 18 anos foram escolhidos como sujeitos da pesquisa a partir de um estudo prévio por meio do qual se percebeu a flexibilidade que este coletivo possui em modificar e adaptar seu projeto de migração diante a mudanças no contexto do país de destino. Os dados primários utilizados neste trabalho têm origem na pesquisa de campo realizada em Curitiba, em agosto de 2018. O projeto que viabilizou a realização desta pesquisa é intitulado “Imigração e crise econômica – As táticas migratórias de retorno e circularidade dos haitianos”, que foi conduzido pelo Laboratório de Estudos

sobre as Migrações Internacionais (LAEMI) da Universidade de Brasília, aprovado pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal, em março de 2016.

O projeto de pesquisa do LAEMI parte da hipótese de que, diante da crise econômica brasileira, os imigrantes haitianos criariam duas táticas que alterariam suas trajetórias migratórias: a circularidade e o retorno. Essas táticas são pensadas com fundamento no conceito de “táticas e estratégias” elaborado por Michel de Certeau (1990). De acordo com tal conceito, as “táticas” são as respostas com as quais o sujeito comum reage a situações cotidianas, em contraposição às “estratégias”, que são as repostas à essas mesmas questões, mas desta vez empregadas por sujeitos que possuem poder e maior capacidade de agência (como o governo, por exemplo). Uma vez que o número de imigrantes haitianos empregados formalmente no mercado de trabalho brasileiro decresceu desde o início da crise, este grupo de imigrantes se destacou por revelar-se possuidor de uma riqueza de experiências que se apresentou bastante notável para a equipe de pesquisa.

O processo de pesquisa perpassa o caminho da coleta dos dados sociodemográficos da migração haitiana no contexto da crise econômica brasileira. Para tanto, a pesquisa empreendida pelo LAEMI foi multisituada entre Brasília, Curitiba e o Haiti, com o objetivo de obter dados tanto no país de origem, quanto no país de destino, buscando assim examinar os possíveis contrastes que cada contexto pode conter. Desta forma, a pesquisa pode registrar dados observados não apenas nas entrevistas, como também aspectos que puderam ser apreendidos na prática e durante as conversas informais. A sequência na pesquisa se dá por meio da análise e interpretação dos fenômenos observados, que consiste na parte crucial da pesquisa qualitativa, partindo da premissa de que cada migrante haitiano ao sair de seu país elabora um projeto migratório que pode ou não ser alterado ao longo de sua trajetória, e é com base nessas informações que foi construído o capítulo final deste trabalho, em que serão apresentados os resultados encontrados durante o trabalho de campo.

Segundo Moreira, a investigação qualitativa pressupõe certa ênfase à subjetividade ao se buscar entrar em contato com a interpretação da realidade por meio dos olhos do próprio indivíduo, sujeito da pesquisa. Ademais, não se parte de conceitos estritamente pré-definidos, as ideias vão se moldando com o curso do contato com os participantes. Outro ponto a se ressaltar é a importância da interpretação como eixo da pesquisa, feita a partir do olhar do próprio migrante, no caso específico desta pesquisa, assim como também é importante saber examinar o peso e a relevância do contexto em que o participante está inserido e o quanto isso

influenciou sua formação pessoal. Outrossim, Moreira (Op.cit.) destaca que é importante se ter em mente que a pesquisa é sempre influenciada pelo pesquisador, bem como o pesquisador também é influenciado pela pesquisa.

Diante disso, optou-se por um instrumental de avaliação que consistisse em entrevistas semi-estruturadas e grupo focal, por meio dos quais foi possível se ter contato com os imigrantes em seu contexto social, tendo em vista que a pesquisa qualitativa apresentou-se como a metodologia que melhor abrange as perspectivas e objetivos que este estudo buscou atingir.

De acordo com Lüdke (1986), a entrevista é uma técnica que se destaca entre as outras por sua capacidade de captação de informação, pois ela ocorre de forma direta e instantânea independente de quem seja o entrevistado ou o tema tratado. A definição de Marconi (2005, p.197) adiciona ainda mais relevância à utilização da entrevista como técnica:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Executar a entrevista pode implicar situações inconvenientes ou desvantajosas. Podem ocorrer ruídos durante a comunicação que prejudiquem a coleta de dados, seja pela má interpretação das perguntas ou das respostas, ou até mesmo por certa influência exercida pelo posicionamento do entrevistador. Além disso, a logística de tempo (é uma tarefa relativamente longa) e de local (é importante que seja um local acessível e apropriado) pode significar outro entrave na execução desta tarefa. No entanto, esta técnica metodológica ainda se mostra bastante útil por se tratar de um instrumento altamente adaptável. É possível que a mesma seja realizada com qualquer pessoa, o que favorece a obtenção de uma amostragem bastante diversa da população. Além disso, ela fornece ao entrevistador a janela de oportunidade de esclarecer eventuais dúvidas no momento da conversa e de obter informações mais precisas, além de proporcionar também a possibilidade de avaliar condutas não-verbais do entrevistado, que não poderiam ser comunicadas por meio de uma coleta de dados indireta, como gestos, sotaque, vestimenta, por exemplo(MARCONI, idem).

Os tipos de entrevistas podem ser classificados em três formatos: estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas. As estruturadas consistem em um roteiro de questões

específico que é aplicada a todos os entrevistados na mesma ordem e com as mesmas palavras, independentemente se a compreensão deles sobre o roteiro e o tema seja variada (suficientes ou insuficientes). As entrevistas não-estruturadas ou abertas não possuem um roteiro prévio, embora haja um programa temático a ser apresentado ao entrevistado, as questões são elaboradas no momento, de acordo com a necessidade de exploração de determinado tema, segundo a percepção do entrevistador. Já a entrevista semi-estruturada se trata de uma combinação das duas categorias anteriores. Neste tipo de entrevista, existe um grupo pré-determinado de questões que compõem um roteiro, mas o entrevistador pode acrescentar outras à pauta, caso seja necessário explorar ou elucidar melhor determinado tema (MOREIRA, 2002).

Por outro lado, o grupo focal (doravante, GF) é uma técnica anglo-saxônica criada nos anos 1940 e amplamente utilizada na metodologia de pesquisa das ciências sociais. É uma técnica da pesquisa qualitativa que busca a coleta de dados por meio de conversas e interações entre um grupo de pessoas (MORGAN, 1997). Bem como na entrevista individual, o objetivo do GF é captar informações sobre um tema específico, que geralmente é proposto pelo pesquisador (moderador). Esta técnica difere da entrevista porque a partir da interação entre os próprios participantes do GF é possível coletar informações também, sem que haja a interferência direta do pesquisador, por meio de perguntas, por exemplo (PATTON, 1990). Nesta técnica o papel do pesquisador é apenas propor e provocar a discussão em um ambiente que seja adequado para tal, de preferência um ambiente confortável.

Assim, pode-se concluir que a combinação da entrevista semi-estruturada, que permite ao pesquisador obter um espaço seguro e de maior flexibilidade e autonomia diante do entrevistado, embora não de forma tendenciosa, com a técnica do grupo focal, se mostrou como o aporte metodológico mais favorável para a coleta mais precisa dos dados examinados na presente pesquisa.

As entrevistas individuais e os grupos focais foram conduzidos com base em um programa de temas e perguntas previamente preparado pelo grupo de pesquisadores do LAEMI. Assim como indicado na técnica da entrevista semi-estruturada, foi criado um roteiro<sup>17</sup> que abrangeu o máximo possível de informações sobre a trajetória migratória de cada migrante. Este roteiro contém um script de perguntas divididas em quatro blocos temáticos:

---

<sup>17</sup> Os roteiros completos da entrevista semi-estruturada e do grupo focal estão inseridos nos anexos I e II.

1) Situação atual de crise econômica; 2) Vínculos com o país de origem ou outros países; 3) Projetos de retorno; 4) Circularidade.

No primeiro bloco, o intuito das perguntas é compreender se a crise econômica no Brasil a partir de 2014 foi sentida pelos imigrantes, como eles a interpretam e a profundidade do impacto que ela pode ter causado em suas vidas. As principais perguntas foram feitas no sentido de perceber mudanças associadas ao mercado de trabalho e seus desdobramentos:

No segundo bloco, as questões foram formuladas com o objetivo de se lançar um olhar sobre como se dá a relação do migrante com o Haiti e/ou outros países em que ele/ela tenha pessoas com quem estabelece algum tipo de ligação de cuidado. As principais perguntas foram feitas no sentido de investigar o vínculo familiar ou relação de proximidade com outras pessoas fora do Brasil.

No terceiro bloco, as perguntas foram formuladas com o intuito de levantar pontos para a discussão em torno das motivações que possam levar ao migrante a decidir por voltar para o país de origem. As principais perguntas foram elaboradas com o objetivo de obter informações sobre os projetos de retorno para o Haiti.

E por fim, no quarto bloco, as perguntas foram idealizadas de forma a se levantar pontos para a discussão sobre as motivações que podem levar o migrante a adotar a migração circular.

No roteiro das entrevistas individuais existe ainda um quinto bloco que tem como objetivo levantar informações sobre como a crise econômica pode ter revelado algum tipo de discriminação racial ou de gênero. As principais perguntas foram feitas no sentido de perceber a presença de discriminação nas relações laborais, sociais ou até mesmo intra-familiares.

\*\*\*\*\*

O estudo do projeto migratório haitiano se justifica bastante relevante porque se percebeu que existe um profundo entrelaçamento do individual (migrante) com o estrutural (estado, neste caso, o Brasil), e a partir do esclarecimento e compreensão do funcionamento de certos pontos chave, é possível se obter considerável melhoria na formulação das políticas públicas que servem não apenas à este coletivo de imigrantes, mas à universalidade deles, na medida em que a generalização for possível. A demanda por políticas públicas que favoreçam sua melhor integração, ou nas palavras de Sayad (2000), inserção social, partiu da maioria dos

próprios imigrantes, quando concordaram em participar das entrevistas. Eles acreditavam ser muito importante compartilhar detalhes de suas vidas pessoais já que serviriam de canal para que o migrante contasse sobre sua própria experiência “Eu acho que esse trabalho que vocês estão fazendo é muito bom, ele vai dar a oportunidade do migrante falar por si mesmo. Muita gente fala de nós, mas nós fala (sic) pouco de nós mesmos, e acho que esse momento, é um momento muito bom para saber mais da nossa história”<sup>18</sup>.

Em suma, na parte introdutória deste trabalho buscou-se apresentar a temática de investigação desta pesquisa, evidenciando seus aspectos históricos, sociais e teóricos. A seguir a dissertação está dividida em três capítulos. *No primeiro capítulo* julgou-se importante apresentar o contexto sociopolítico e histórico do Haiti desde sua formação como estado-nação até o momento do terremoto de 2010, como forma de apreender aspectos importantes que expliquem a atual dinâmica migratória do país. Além disso, será apresentado também um breve histórico dos fluxos migratórios para o Brasil a partir do século XX, com o intuito de se fazer compreender onde o fluxo haitiano se insere neste contexto. Por fim, será discutida também a atuação do Brasil como *international player* por meio de acordos de cooperação internacional e como as políticas migratórias nacionais aconteceram neste contexto. O capítulo será encerrado com a exposição dos efeitos da crise econômica do Brasil, recorte “sócio-temporal” em que se circunscreve a premissa deste trabalho. *No segundo capítulo*, serão apresentadas as principais teorias das migrações internacionais que melhor fundamentam o estudo proposto, a partir da matriz sociológica. O objetivo é levantar e explicar conceitos que pudessem fundamentar a complexidade das variáveis que compõem a construção do projeto migratório dos haitianos que vieram para o Brasil. *No terceiro capítulo*, serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa de campo, por meio do estabelecimento de cinco categorias de análise que foram identificadas ao longo da investigação.

---

<sup>18</sup> Fala de um dos imigrantes durante a realização do grupo focal em Curitiba – agosto/2018.

## 2. CONTEXTO SÓCIO - HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os antecedentes históricos que explicam o contexto social, econômico e cultural do Haiti atual, de modo que revelem o movimento migratório dos haitianos, suas motivações, tradição e expectativas. Será feita uma breve exposição da história sócio-política haitiana desde o período colonial, até o terremoto de 2010, quando o fluxo migratório para o Brasil se intensificou. Depois será apresentado o contexto socioeconômico brasileiro desde 2010 até os dias atuais, evidenciando ao mesmo o curso da migração haitiana para o país, seu crescimento e suas alterações ao longo do tempo.

### 2.1. Contexto sociopolítico do Haiti

*“No Haiti se não estamos gostando [do governo] a gente tira”*

(Loubens, imigrante haitiano durante GF)

A afirmação feita por um dos entrevistados do Grupo Focal em Curitiba revela bastante da história política do Haiti. Primeiro país independente da América Latina em 1804 e primeiro país a proclamar a abolição da escravidão, a luta pela independência foi revolucionária e fruto do engajamento da população como um todo, de tão profundo modo que de acordo com Morel (2017), a independência haitiana teria sido mais influente para o fim da escravidão que a própria Revolução Francesa. Para compreender melhor este cenário, cumpre observar mais de perto a história e geografia haitiana.

O Haiti é uma república presidencial que se localiza na América Central entre o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico Norte. Sua área territorial é de aproximadamente 27.5 mil km<sup>2</sup>, quase do mesmo tamanho da Bélgica. De acordo com o *Institut Haitien de Statistique et d'informatique* - IHSI (2018), o país tem uma população de aproximadamente 11 milhões de pessoas, sendo 95% negros e 5% brancos e mestiços. As línguas oficiais são o francês e o crioulo haitiano, o PIB per capita está entre os 15 mais baixos do mundo, sendo que o Haiti é considerado o país mais pobre do hemisfério ocidental.

A ilha onde hoje se situam o Haiti e a República Dominicana foi descoberta pelos europeus durante o período das Grandes Navegações, o navegador espanhol Cristóvão

Colombo chegou ao seu território em dezembro de 1492 (MATIJASCIC, 2010). A ilha foi denominada *Hispaniola*, deformação do termo inicial - *Isla Española*<sup>19</sup>- dado pelo grande navegador. Nos primeiros anos do domínio espanhol, o objetivo principal foi explorar as riquezas naturais, assim como também aconteceu em outras as colônias americanas. Desta feita, o foco da exploração foi a mineração de ouro, tarefa relegada à população indígena originária do local, o povo Taíno, que foi capturado e utilizado como mão-de-obra escrava (MATIJASCIC, idem). Posteriormente, já no século XVI, iniciou-se o cultivo de cana-de-açúcar e, durante apenas duas décadas a população taína foi dizimada e seu número reduzido em quase 10 vezes, como afirma SADER (2004, p.1):

Os espanhóis, considerados o povo mais avançado da Europa naquela época, anexaram a ilha, introduziram o cristianismo, o trabalho forçado nas minas, o assassinato, o estupro, os cães de guarda, doenças desconhecidas e a fome, forjada pela destruição dos cultivos para deixar os rebeldes sem alimentos. A população nativa ficou reduzida, de cerca de meio milhão ou talvez até 1 milhão, a 60 mil, em 15 anos.

Foi devido à essa escassez de mão de obra que se deu início então ao emprego da mão-de-obra escrava negra africana (MATIJASCIC, 2010). O bom desempenho econômico alcançado pelo cultivo da cana atraiu o interesse francês, de tal forma que ao final ainda do mesmo século, os franceses conseguiram ocupar a região noroeste da ilha. E assim, por meio da assinatura do Tratado de Ryswick, a França oficializou seu domínio sobre a porção ocidental da ilha de *Hispaniola* passando a chamar a nova colônia de *Saint-Domingue*.

---

<sup>19</sup> 1492 À 1804 – D’Hispaniola à Haïti. Herodote.net. Disponível em: [https://www.herodote.net/1492\\_1804-synthese-174.php](https://www.herodote.net/1492_1804-synthese-174.php)



## Mapa 1: Hispaniola



Fonte: Travel Encyclopedia<sup>20</sup> (2019).

A colônia se tornou extremamente produtiva. Além da produção de cana-de-açúcar, havia também a de café e algodão, porém foi o açúcar, juntamente do sistema de monocultura e numerosa quantidade de mão-de-obra escrava capturada e trazida de forma maciça da África, que garantiu o grande desempenho econômico que alavancou grandes vantagens financeiras para a metrópole, de tal forma que esta se tornou a colônia mais rica da monarquia francesa na época (MATIJASCIC, idem).

A estrutura da sociedade colonial era extraordinariamente rígida. Williams (1970) aponta que havia uma discrepância entre o número de brancos e negros residentes da colônia durante o século XVII. Ele esclarece que a estrutura sociedade colonial de *Saint-Domingue* poderia ser dividida em cinco grupos específicos, respectivamente do topo à base da pirâmide

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://wiki--travel.com/img/map-of-haiti-and-dominican-republic-20.html>. Acesso: jan, 2019.

social: “grandes brancos”, funcionários da monarquia francesa, “brancos pobres”, mulatos<sup>21</sup> e negros. A soma dos três primeiros grupos, predominantemente branco, totalizava 40 mil pessoas; os mulatos, 28 mil pessoas; e os negros (todos escravizados), um total de 425 mil pessoas, ou seja, 90% da população (apud MATIJASCIC, 2010). Esta conjuntura associada ao tratamento cruel destinado aos escravizados, que incluía castigos bárbaros, alimentação escassa, condições básicas de sobrevivência condenáveis era amplamente favorável para que ocorresse um levante escravo contra o governo local (JAMES, C.L.R., 2000 apud GORENDER, 2004).

Além disso, Silva et al(2006) afirma que houve um fator de homogeneização que facilitava a união dessa população africana originária de países e tribos muito diversas entre si. Havia uma carga simbólica inerente ao processo escravagista, que apenas quem passou por isso poderia identificar. Tais símbolos foram materializados por meio de aspectos culturais, como a prática do Vodou, por exemplo, que desempenhou o papel de elemento unificador das diversas etnias. O conceito de harmonia pregado pela religião teria sido projetado como um ideal a se buscar na sociedade colonial.

Ao servir os espíritos, o voduísta busca conseguir a harmonia com sua própria natureza individual e o mundo em torno dele, parte desta harmonia é preservar o relacionamento social dentro do contexto da família e da comunidade. Uma casa ou uma sociedade de Vodou é organizada pela metáfora da família extensa, e os noviços são os ‘filhos’ de seus iniciadores, com o sentido da hierarquia e da obrigação mútua que implica (HANDERSON, 2006, p.12).

Embora os mulatos fossem livres, ganhavam mal e não tinham o mesmo *status* social e nem os mesmos direitos políticos que os brancos tinham. Foi a partir deles que surgiram os

---

<sup>21</sup> É importante frisar que embora o Haiti seja um país etnicamente homogêneo, já que quase 95% da população é formada por negros e mulatos, o racismo é um traço bastante presente na história deste país. No contexto haitiano, o mulato não é visto apenas como resultado da miscigenação entre o negro e o branco, como no Brasil, e, portanto, igualmente reconhecido como negro. No Haiti, o mulato não se identifica como branco, porém tampouco como negro porque considera que nunca foi escravizado (FIGUEIREDO, 2006). De fato, negro e mulato podem ser entendidos como categorias dicotômicas dentro da sociedade haitiana. Essa diferenciação é tão intensa que, de acordo com ROSA (2006), extrapolam a temática racial e geram outras dicotomias como “letrados e não letrados, porto princenses e camponeses, falantes de kreyòl e falantes de francês”(p.6) e “vodu e catolicismo/protestantismo”(p.10). De certa forma, pode-se afirmar que a desigualdade entre negros e brancos instaurada no período colonial, após a independência haitiana, se perpetuou sob a forma de desigualdade entre negros e mulatos, já que os mulatos, descendentes de franceses, se colocaram como os mais próximos do único ideal de cultura e civilização que conheciam: o ideal francês (FIGUEIREDO,op.cit.).

primeiros confrontos na tentativa de subverter o cenário político desigual, no qual apenas a pequena parcela da população branca detinha a maior porcentagem de riqueza, enquanto os não-brancos viviam em situação de miséria (MATIJASCIC, 2010). Inspirados pela Revolução Francesa em 1789, que além dos ideais de fraternidade e igualdade também proclamou a libertação dos escravizados nas colônias francesas (JAMES, C.L.R., 2000 apud GORENDER, 2004) e também em resposta às manobras políticas realizadas pelos grandes proprietários de terra que se colocavam como o poder central dentro da colônia, em 1791 um grupo de mulatos incitou a revolta de escravos. Foi uma investida fracassada que, no entanto, serviu de combustível para encorajar outros grupos insurgentes proliferando assim um clima de rebelião por toda a colônia (MATIJASCIC, op.cit).

É neste cenário que surge a figura de Toussaint L'Ouverture. Filho de um chefe tribal africano, as qualidades intelectuais de Toussaint foram percebidas pelo seu senhor, que concedeu à ele a oportunidade de receber instrução informal. Foi-lhe ensinado o francês culto, princípios de geometria, desenho e latim, e desta forma, bem alfabetizado na língua falada no berço da civilização, Toussaint teve contato com obras clássicas que influenciaram sua forma de interpretar a situação miserável dos escravizados da colônia e a necessidade urgente de justiça social. Assim, em 1794 ele se juntou à rebelião. Embora já em idade avançada pelo padrão da época, Toussaint era extremamente habilidoso na arte da cavalaria e tinha grande conhecimento sobre administração, competências essas que o tornaram capaz de liderar um levante e formar um exército de combatentes sob seu comando (GORENDER, 2004).

Liderada por Toussaint, a rebelião foi muito bem sucedida. A então chamada Revolução Antilhana foi marcada pela derrota dos exércitos franceses, dos holandeses e dos ingleses (idem). A França foi politicamente incapaz de controlar as revoltas na colônia, e foi diante deste indicativo que Toussaint viu a possibilidade de realizar mudanças nas diretrizes políticas vigentes na colônia. Uma das propostas foi substituir a mão-de-obra escrava por remunerada e quebrar o monopólio francês para poder estabelecer relações econômicas e de mercado com a Inglaterra e os EUA, por exemplo (MATIJASCIC, 2010).

Toussaint insistiu em tentar ganhar a confiança de Bonaparte. Enviava propostas por meio de mensageiros com a intenção de propor uma aliança entre a Revolução Antilhana e a Revolução Francesa, demonstrando fidelidade à França. Propôs também a manutenção da colônia como produtora de açúcar, o que significava que grande quantidade de mão-de-obra

seria necessária, e os ex-escravizados, à essa altura já homens livres, tiveram que forçadamente retornar ao trabalho exaustivo nas fazendas (GORENDER, op.cit.).

A França recobrou sua estabilidade política em 1801. Nesta oportunidade, Napoleão enviou uma expedição de 20 mil soldados, liderada pelo general Leclerc, para a colônia em rebelião. O objetivo era findar o conflito e restabelecer a escravidão na ilha. No entanto, o que este exército encontrou foi uma situação de conflito ininterrupto. O grupo insurgente não cedeu, o país foi devastado, Toussaint foi capturado e enviado à França, vindo a falecer posteriormente na prisão. Apesar da captura do líder, o confronto não perdeu ritmo. Surge neste contexto Jean-Jacques Dessalines, ex-escravizado analfabeto, porém exímio chefe militar. Nova expedição com 34 mil soldados é enviada à colônia e novamente derrotada, não só pelo conflito, mas também infectados por doenças tropicais. O próprio general Leclerc morreu em decorrência da febre amarela. Devido às Guerras Napoleônicas que aconteciam concomitantemente na Europa, não havia mais soldados que pudessem ser enviados a São Domingos. O exército francês foi derrotado e expulso, de tal modo que no decorrer do conflito, a maioria da população branca que antes dominava a colônia foi massacrada (MATIJASCIC, op.cit.). Assim, em 1804 a Independência foi declarada e o novo Estado recebeu o novo nome de Haiti<sup>22</sup>, primeira colônia independente da América Latina.

A Revolução haitiana se transformara no maior movimento negro de rebeldia contra a exploração e a dominação colonial das Américas. [...] O país foi a primeira colônia latino-americana a conseguir a independência e abolição da escravatura sendo que todo processo de revolução e libertação foi conduzido pelos próprios escravos [...]. O acontecimento singular derruba por terra a idéia defendida à época pelas potências imperialistas de que as populações negras não pudessem se organizar por si só. Com a Revolução, o Haiti se torna a primeira república negra do mundo. (SILVA et al., 2006, p.4).

Conforme as diretrizes das leis do direito internacional, para que um Estado seja considerado independente de fato, sua soberania precisa ser reconhecida por outros estados soberanos (MAZZUOLLI, 2007), mas isso não aconteceu com o Haiti, já que de imediato sua autonomia representava perigo às potências europeias. A França reconheceu a independência haitiana apenas 20 anos depois, em 1824, sob a exigência do pagamento de indenização pela

---

<sup>22</sup> Haiti é derivado da palavra indígena *Ayiti*, que significa “terra montanhosa”. Biblio Monde bibliographie (2019), disponível em: <http://www.bibliomonde.com/donnee/ha%C3%AFti-nom-pays-284.html>

perda da colônia (MATIJASCIC, op. cit.). A partir daí, parcerias comerciais com a Inglaterra e os EUA se estabeleceram e se fortaleceram, de forma que o Haiti pode continuar participando do quadro do comércio internacional. No entanto, de colônia mais produtiva das Américas, extremamente competitiva no mercado internacional, o Haiti passou à posição de país empobrecido, incapaz de estabelecer laços comerciais que favorecessem a economia nacional (GORENDER, op. cit.)

Isso porque com a independência e consequente libertação dos escravizados, o trabalho compulsório nas fazendas de cana-de-açúcar deixou de existir. Os negros libertos passaram a se dedicar à agricultura de subsistência, o que eliminou qualquer possibilidade de que a economia do país se expandisse em nível internacional seguindo o padrão que apresentava antes (idem). A classe que assumiu o poder do país era predominantemente mulata, já que foi a classe responsável por liderar a revolta e era única classe proprietária das terras neste novo cenário. Os negros continuaram relegados ao trabalho nas lavouras, o que contrariava o sentimento de liberdade que nutriu as lutas na Revolução. Havia divergência de interesses e disso começaram a surgir conflitos internos (MATIJASCIC, op. cit.). Da declaração da independência até 1915, as disputas internas entre mulatos e negros para ocupar o poder foram constantes, de tal forma que quando um dos grupos ocupava o governo, dava preferência para negociação com outros países como forma de solucionar problemas internos, do que ceder espaço político para o grupo opositor. Assim, muitos países receberam prerrogativas em território haitiano (que se trata de uma região bastante estratégica), como a Alemanha, Inglaterra, França e os EUA, que chegaram até mesmo a receber permissão para instalar uma base militar na ilha em troca de armamentos (NICHOLS, 1996).

Em 1915, no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os EUA intervieram no Haiti e em outros países da América Central com o objetivo de conquistar a hegemonia dos mares do Caribe e Pacífico (foi nesta circunstância que o país anexou Porto Rico). Para o Haiti foram enviados fuzileiros navais sob o pretexto de ajuda humanitária, quando, na verdade, se tratava de uma forma de controlar a passagem de países rivais, como a Alemanha, por exemplo, pelos mares e canais da região (SCHIMIDT, 1995 apud MATIJASCIC, op.cit.).

Embora a elite mulata tenha sido mantida no poder, todas as decisões do governo haitiano passavam pelo escrutínio estadunidense por meio de um acordo que havia sido assinado em 1915 e que garantia aos EUA controle total sobre as finanças do país e a criação de uma força militar com funções especiais. Essa força foi responsável por conter quaisquer

revoltas populares que surgissem contra a presença americana no Haiti. As medidas que foram sendo aprovadas pelo governo mulato creditavam cada vez mais poder aos EUA, e assim o faziam na expectativa de que recebessem tratamento diferenciado dos negros, no entanto, tal anseio não se sucedeu. Cada vez mais ocorriam manifestações insurgentes contra a presença americana que eram duramente reprimidas, todavia, o sentimento de insatisfação generalizada serviu para robustecer o sentimento nacionalista dos haitianos, levando-os a desejar a retirada da presença dos EUA no país. Em 1934 os americanos se retiraram oficialmente do país, tendo transformado o Haiti em um país economicamente, politicamente e militarmente dependente dos EUA. Houve investimento na infraestrutura do país concentrando as riquezas na capital Porto-Príncipe, o que favoreceu para que a elite mulata que se estabelecesse cada vez mais consolidada no governo (HAGGERTY, 1991).

Matijascic (2010) afirma que o período entre 1934 e 1956 foi marcado pela instabilidade política do Haiti. Muitos presidentes passaram pela presidência nesse período, um foi afastado, outro renunciou, outros foram depostos pelo exército. Embora não mais presente no território do país, os EUA continuavam a influenciar diretamente as decisões políticas do governo, de modo que chegaram a “transferir a presidência” para um candidato por eles escolhido, tudo isso facilitado pela presença de uma força militar treinada pelos americanos (HAGGERTY, op. cit.).

Em 1957 François Duvalier, historicamente conhecido como *Papa Doc*, foi eleito sob as graças do exército e com o apoio de boa parte da população. Seu mandato perdurou até 1971 e foi sinalado pelo autoritarismo e centralização política. Foi marcado pela perseguição, censura e execução de membros pertencentes à grupos opositores ao governo, parceria política com polos conservadores como os militares, a elite mulata e a igreja católica e contínua parceria também com os EUA (embora, por questões estratégicas, tenha ao mesmo tempo reconhecido o governo de Fidel Castro que se formava depois da Revolução Cubana). François Duvalier fez diversas alterações na Constituição haitiana, uma delas foi determinar que o mandato presidencial passaria a ser vitalício. Assim, seu filho Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*) assumiu a presidência em 1971, período em que o regime vivenciou maior liberalização, devido à influência americana, e certas liberdades civis voltaram a ser parcialmente respeitadas pelo governo. No entanto, devido à essa maior concessão de liberdade, uma onda de contestação eclodiu e culminou em um fluxo de violência popular que

o governo não foi capaz de conter. Dessa maneira, aconselhado por setores do exército, Jean-Claude Duvalier deixou o governo e o país em 1986 (MATIJASCIC, op.cit.).

A saída de *Baby Doc* circunscreveu o período em que se iniciaria uma crise de representatividade no país, fruto das décadas de governo corrupto e não comprometido, que não investiu em um plano de governo bem fundamentado e que fosse capaz de assegurar o estabelecimento da soberania nacional, o que acabou fragilizando as estruturas estatais. O resultado foi um país sob o caos e violência onde se estabeleceu um governo militar que ao reprimir as manifestações populares de forma hostil, acabou acirrando cada vez mais as tensões da cena política. As tentativas de realização de eleições para o cargo presidencial nos quatro anos seguintes foram fracassadas e marcadas por uma sucessão de golpes militares, até que em 1990 a ONU e a OEA compuseram uma missão de paz que fosse capaz de garantir eleições livres e assim foi eleito Jean-Bertrand Aristide, ex-padre salesiano e partidário da Teologia da Libertação. Seu mandato durou oito meses até ser deposto pelo General Raoul Cedras ainda no mesmo ano. Seguiu-se daí um longo processo de negociação e o envio de tropas da ONU para manutenção da paz, com o objetivo de modernizar as tropas armadas e restabelecer o mandato presidencial de Aristide (MATIJASCIC, op.cit.).

Com o auxílio da operação de paz liderada pelos EUA, Aristide retornou ao governo em 1994 e reelegeu-se nos anos 2000, no entanto, houve uma suspeita de fraude eleitoral que acabou causando nova crise entre governo e oposição (MORAES, 20103). Ao longo dos anos seguintes as tensões foram se intensificando novamente até que em 2003 uma onda de manifestações, que congregou diversos segmentos da sociedade, eclodiu em várias cidades do país até chegar à capital, quando a renúncia de Aristide foi exigida. Em fevereiro o então presidente deixou o poder sob a escolta dos EUA e ajuda francesa e se refugiou na África, deixando o governo do Haiti sob o comando de Boniface Alexandre, presidente da Suprema Corte que então autorizou a entrada de tropas estrangeiras no país (VIANA, 2009).

Diante do breve histórico acima exposto pode-se dizer que a crise generalizada instalada na república haitiana não está associada apenas à ocorrência do terremoto em 2010, mas, na verdade remonta, ao início da sua formação. A divisão social estabelecida durante o período colonial acabou nunca sendo modificada verdadeiramente. Os negros continuam sendo a maioria mais pobre da população, enquanto os mulatos substituíram os brancos como elite no poder. As diversas intervenções externas presentes desde o período pós-colonial até o presente desfavoreceram o estabelecimento de um governo bem estruturado e autossuficiente,

de tal modo que a corrupção se tornou uma variável constante na política haitiana, aspecto esse fortemente lembrado pelos imigrantes haitianos durante as entrevistas. A instabilidade econômica e política são causadoras também da instabilidade social, enquanto a violência é uma marca indelével da história haitiana desde o genocídio do povo Taino, passando pelo massacre da elite francesa que governava a ilha, até a forte repressão que a população sofria durante a ditadura na década de 1970. O conjunto destes fatores explica a grande fragilidade do país que foi devastado por um terremoto há quase uma década e ainda não conseguiu se recuperar.

Cabe destacar aqui que a emigração em grandes números dos haitianos é também anterior à ocorrência do terremoto de 2010. Por um lado, devido sua característica geográfica, teóricos como Edouard Glissant e Canclini falam sobre a existência do comportamento de arquipélago que teria afetado a construção cultural dos países localizados no Caribe (CORSINI, 1997). De acordo com este conceito, o Caribe constitui um lugar de passagem no continente americano e que devido a sua geografia em arco, o mar é um elemento de trânsito e circulação, de modo que a população residente das ilhas naturalmente tem a característica comportamental de se deslocar entre os países do arquipélago desde o período anterior à presença europeia (NETO, 2012).

Por outro lado, o aspecto social, político e econômico justifica a emigração em grande massa desde o início do século XX até dos dias atuais. Durante o século XX houve um significativo fluxo migratório caribenho para a Europa e os EUA, em que mais de seis milhões de pessoas saíram de seus países, principalmente entre as décadas de 1950 e 1960. Os principais países que mais geram emigrantes na região foram a República Dominicana, Jamaica, Guiana e Haiti. A motivação central para emigração haitiana seria a busca por melhoria de vida. Em 2003, 80% da população vivia na linha da pobreza, com uma expectativa de vida de apenas 49,5 anos e vastas regiões de solo infértil para sustentar a produção de um país predominantemente agrícola (FERGUNSON, 2003).

Ferguson (idem) destaca que a República Dominicana é o país que historicamente mais recebeu imigrantes haitianos, principalmente em tempos de crise política, provavelmente devido à proximidade (fazem fronteira). No entanto, trata-se de uma migração paradoxal, pois ao passo que os haitianos saem de seus países por causa de más condições de vida, porém na



República Dominicana encontram realidade similar somada ao preconceito histórico dos dominicanos em relação aos haitianos<sup>23</sup>. Estima-se que existam:

- 460 mil imigrantes haitianos vivendo na República Dominicana, para onde se deslocavam, a princípio, para trabalhar no setor agrícola, porém com o passar do tempo se tornou um polo importante para quem buscava estudar e também para trabalhadores do setor industrial, turístico e da construção civil.
- 600 mil imigrantes haitianos vivendo nos EUA, onde a migração foi favorecida pela proximidade histórica, cultural e diplomática entre os dois países, principalmente pela presença estadunidense no país ao longo de vários anos, fundamentada pela maior abertura nas leis migratórias dos EUA na década de 1960.
- 40 mil imigrantes vivendo na França, dada à herança colonial que aproxima os dois países, este é um destino muito procurado pelos haitianos que buscam melhores condições de educação para seus filhos.
- 86 mil imigrantes vivendo no Canadá, onde o fluxo foi favorecido pela abertura das fronteiras para imigrantes não-europeus, porém francófonos, na década de 1960.
- Existe também presença relevante de imigrantes haitianos nas Bahamas (40 mil), que é um ponto estratégico para quem quer chegar por via marítima até a Flórida e no México e na Venezuela, estes últimos, destino tradicional de haitianos pertencentes à classe média (AUDEBERT, 2017).

Handerson (2015a) construiu uma interessante classificação sobre o processo de mobilidade internacional haitiana, que segundo ele, pode ser dividido em quatro grandes grupos e momentos. No primeiro período, que foi da segunda década do século XX até mais ou menos os anos 1960, grandes grupos de haitianos emigraram para a República Dominicana e para Cuba para preencher a lacuna da mão de obra necessária para trabalhar nas indústrias americanas de cana-de-açúcar que haviam se instalado em ambos os países. Neste período

---

<sup>23</sup> O preconceito dominicano em face aos haitianos remonta ao período colonial e tem correlação com a raça. Enquanto na República Dominicana a maior parte da população é miscigenada e descendente e *hispanohablantes* os haitianos são predominantemente negros e francófonos. Depois da independência, os haitianos ocuparam, a República dominicana colonizada por duas décadas, até a declaração de independência deste país, circunstância que intensificou ainda mais as hostilidades entre as duas nações, que tiveram problemas quanto a delimitação das fronteiras até 1940. No século XX as diferenças culturais e religiosas se acirram ainda mais durante o governo ditatorial de Trujillo que incentivava o aumento da discriminação e preconceito e contra os haitianos defendendo que a presença da população do país vizinho representava um entrave ao branqueamento da população dominicana.

(1915-1943), as forças armadas americanas haviam ocupado o Haiti e cerca de aproximadamente 40 mil haitianos emigravam anualmente e temporariamente para Cuba, enquanto que, na República Dominicana, a presença haitiana passou de quase 28 mil pessoas para quase 53 mil em um espaço de tempo de apenas 15 anos, coincidentemente ou não, este foi o período em que a xenofobia dos dominicanos em relação aos haitianos se tornou mais sangrenta.

O segundo período de grande mobilidade de imigrantes haitianos de acordo com Handerson (2015a) ocorreu quando François Duvalier alterou a constituição haitiana fixando que o mandato presidencial, a partir de então, seria vitalício. Tal medida autoritária teria alarmado a classe média haitiana negra que recorreu ao exílio nos EUA. Entre 1964, momento da determinação do mandato vitalício até 1971, 40 mil imigrantes e 100.000 não imigrantes haitianos entraram nos EUA. Ao mesmo tempo, haitianos da classe baixa, aproximadamente 80 mil pessoas, também começaram a imigrar para outros países do arquipélago, como as Bahamas e as Ilhas Caicos, por exemplo, alguns chegaram a migrar até para a Guiana Francesa, na América do Sul. Ainda neste mesmo período, um novo fluxo de imigrantes rumo aos EUA se formou entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, quando os chamado *boat people*, imigrantes que se deslocavam por meio de barcos, alcançou a costa da Flórida (STEPICK, 1982; GORENDER, 2004;). Segundo Handerson (2015a) até aproximadamente 70 mil haitianos conseguiram realizar este percurso, no entanto, muito morreram no caminho.

O terceiro período tem início na década de 1990, quando o então presidente Jean-Bertrand Aristide foi deposto, neste momento mais de 100 mil haitianos emigraram do país rumo à países vizinhos, uma vez que a travessia via barco se tornou muito dificultosa, depois que quase 50 mil *boat people* a caminho da Flórida foram interceptadas em alto-mar por autoridades americanas, presas em Guantánamo e mais de 70% deportadas de volta para o Haiti (HANDERSON, idem). Ao longo dos anos foi se formando nos EUA uma grande comunidade haitiana, a ponto de ser chamada de 10º Departamento, em referência às nove regiões governamentais em que se divide o território haitiano (JACOBSON, 2003).

“Centenas de milhares de haitianos criaram novas comunidades em países em todo o mundo. Depois de Porto-Príncipe, Nova Iorque tem a segunda maior população haitiana, seguida por Miami e Boston, ficando o Cabo Haitiano como a quinta maior. Essas comunidades de imigrantes são chamadas de “Décimo Departamento” em referência às nove regiões governamentais oficiais. Independentemente da

distância do Haiti, a população do Décimo Departamento permanece envolvida na sociedade e política haitiana. Por essa razão, a nação haitiana não se restringe ao limite geográfico da ilha de Hispaniola”(JACOBSON, 2003, p.5) (tradução nossa).

Finalmente, o quarto período teve início em 2010, devido ao agravamento de um cenário já empobrecido, pela ocorrência do terremoto, Handerson (2015<sup>a</sup>, p.73) afirma que eram observados “diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico”. Neste momento, a mobilidade internacional haitiana teria conhecido novos destinos. Embora parte da população tenha escolhido migrar para o interior do país, significativos 350 mil haitianos emigraram para outros países, incluindo o Brasil.

“Os meus interlocutores explicavam a escolha pela mobilidade [neste momento] não como uma opção de deixar o Haiti ou um abandono do país, mas através da expressão evocada por eles: *chèche lavi*: busca daquilo não encontrado no país, isto é, estabilidade política e socioeconômica, serviços de saúde, infraestrutura, estudo, trabalho, dinheiro para enviar aos próximos. Nas palavras deles, na busca *d’un mieux être* (do bem-estar), uma qualidade de vida cotidiana melhor do que aquela do Haiti.” (HANDERSON, 2015a, p.73)

Cabe salientar aqui, que a migração de refúgio é um tipo de fluxo muito relevante na história migratória do Haiti. É importante ressaltar que o instituto do refúgio confere ao beneficiado premissas diferentes das concedidas aos imigrantes comuns. O trabalho do ACNUR orbita em torno de três estratégias principais: a integração local, o reassentamento e a repatriação voluntária.

“Consiste a integração local na adaptação do refugiado à sociedade do Estado que o acolheu e lhe concedeu refúgio, tarefa que conta, muitas vezes, com a participação da sociedade civil por meio da atuação de organizações não-governamentais que se ocupam dos refugiados.[..] Os reassentados são hoje, assim, refugiados que não podem permanecer no Estado que lhe reconheceu o status de refugiado e tentam integrar-se em outro território, com o auxílio do ACNUR, que proporciona tanto os aspectos financeiros como faz a interlocução política entre os Estados para tal.[...] A terceira solução durável constitui a repatriação voluntária, que consiste no regresso do refugiado ao seu país de origem depois de cessadas as causas que o obrigaram a fugir. Tal solução é atualmente vista como a ideal, uma vez que não priva o indivíduo de sua origem e, com isso, torna o processo de efetivação de sua cidadania menos traumático”(JUBILUT, 2007, p.153-154).

Assim, pode-se inferir que é interessante para um migrante obter tal status já que se trata de uma maneira segura de se obter permanência regular no país de destino. De acordo com a Tabela 1 elaborada por Audebert (2017), os EUA, França e Canadá constituem os destinos mais procurados para pedido de refúgio por parte dos haitianos.

**Tabela 1**  
**Refugiados haitianos no mundo por país de destino**  
**2000-2014**

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Argentina	6	5	5	5	14	21	23	32	41	43	47	57	58	62	66
Canadá	439	511	392	413	460	632	783	1,295	1,410	1,662	2,906	4,963	6,798	7,872	8,422
C. Rica	0	0	0	0	0	0	0	31	34	38	38	38	38	38	38
Equador	0	0	1	6	12	14	14	14	14	18	22	24	27	25	22
França	1,374	1,407	1,570	1,661	1,891	2,237	2,710	3,004	3,152	3,312	3,466	3,619	3,710	3,741	3,523
Aleman.	0	0	16	15	17	7	41	39	41	40	49	47	45	15	15
México	14	14	11	8	7	19	32	70	126	175	182	191	173	175	175
Rep. Dominic.	472	0	0	0	0	0	0	0	0	0	595	595	750	716	603
EUA	5,160	5,251	5,662	5,389	6,760	10,560	17,171	17,728	18,175	18,733	18,487	24,013	26,849	25,891	24,170
<b>Total 9</b>															
Países	7,465	7,188	7,657	7,497	9,161	13,490	20,774	22,213	22,993	24,021	25,792	33,547	38,448	38,535	37,034
<b>Total</b>															
	7,561	7,248	7,718	7,547	9,208	13,542	20,837	22,280	23,066	24,116	25,892	33,661	38,568	38,660	37,161

Fonte: AUDEBERT, 2017

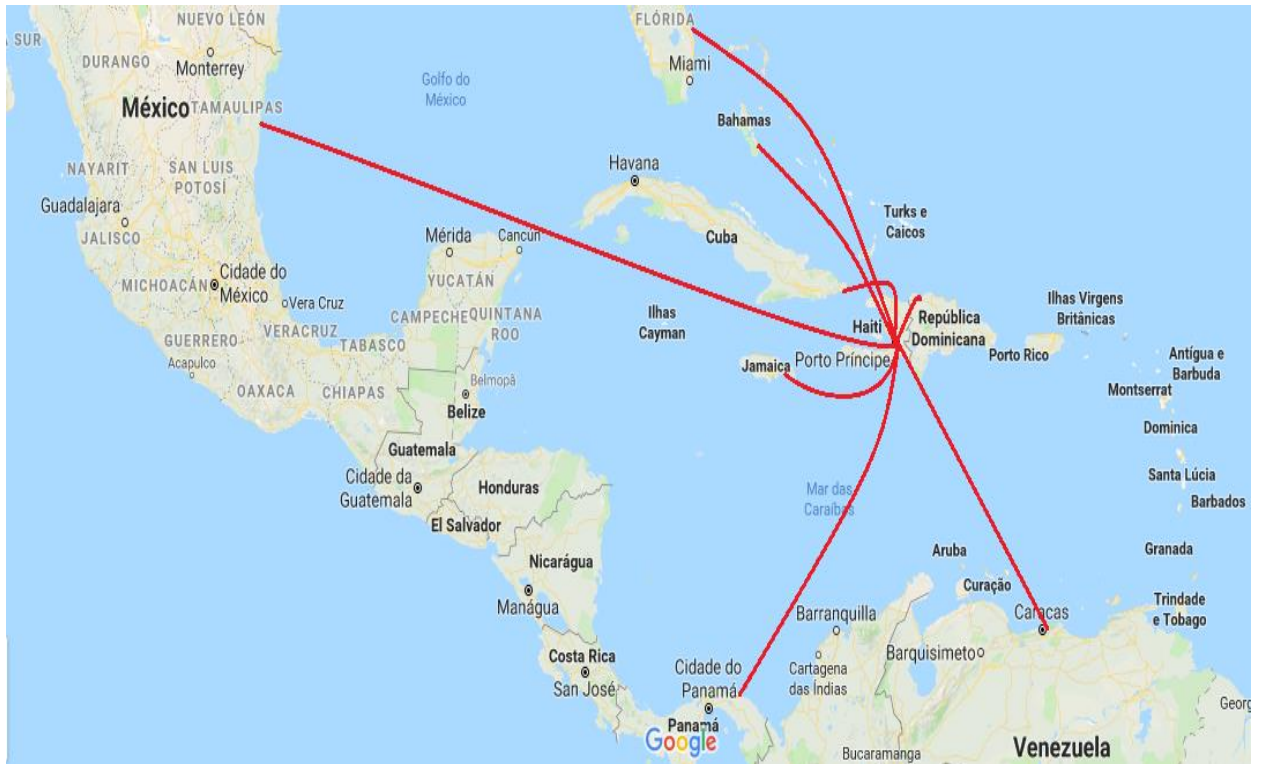
Pode-se inferir da tabela que após 2010 o número de concessões de refúgio na França se manteve constante ou diminuiu, ao passo que nos países norte-americanos o número dos vistos concedidos aumentou significativamente. Segundo Audebert (idem), isso se deve ao fato de a lei francesa de proteção ao refugiado ter sofrido algumas alterações que diminuíram

a abrangência das condições necessárias para se adquirir o status. Principalmente depois de 2010, a maioria das solicitações era justificada por dificuldades econômicas e suas decorrências sociais, como aumento da violência relacionada a crimes (raptos, estupros, gangues armadas, etc). Enquanto que no Canadá, as mesmas limitações legais não foram registradas, de forma que o país se tornou o segundo país de destino com mais refugiados haitianos. Da mesma maneira, os EUA além de não alimentar as mesmas limitações que a França criou um mecanismo de caráter humanitário idealmente similar ao que o Brasil também criou. A partir de 2010 foi criado o TPS – *Temporary Protected Status* (Status de Proteção temporária), que garantia a proteção à imigrantes econômicos no país até que a situação socioeconômica do Haiti se estabilizasse.

Na América Latina a migração haitiana adquiriu uma dinâmica um pouco diferente. O Equador se caracteriza (principalmente) como um destino temporário para posterior deslocamento para o Peru e Brasil, especialmente depois da criação de um visto para cidadãos haitianos entre 2008 e 2009. A partir de 2010, a lei que sustentava a concessão deste tipo de visto se enrobusteceu e ampliou a abertura para o recebimento de imigrantes haitianos, fazendo com que o Equador também se tornasse um país de destino muito procurado, sendo que, em 2013, foi registrado um fluxo de 14 mil imigrantes haitianos no país (AUDEBERT, 2017).

Assim como o Equador, o Peru, com um registro de três mil imigrantes haitianos entre 2010 e 2012, também pode ser considerado um destino temporário para os haitianos, enquanto Chile e Brasil se encaixam melhor no perfil de país de assentamento. No Chile não se verifica quantia significativa de pedidos de refúgio, no entanto, o país oferece estabilidade aos imigrantes haitianos ao conceder vistos temporários associados à contratos de trabalho com a duração de geralmente dois anos. A partir disso os imigrantes tem oportunidade de solicitar pedidos de residência permanente. Entre 2010 e 2014, 10 mil vistos permanentes foram concedidos pelo governo chileno, principalmente na região de Santiago do Chile.

**Mapa 2: migração haitiana regional – Principais fluxos**



Fonte: produção nossa.

Esta breve apresentação dos momentos mais significativos da mobilidade haitiana internacional já dá pistas de como o projeto migratório haitiano está imbuído de aspectos históricos e culturais. É de extrema importância conhecer este contexto para poder examinar o comportamento migratório haitiano, pois assim é possível estar ciente de que ele entrelaça os aspectos individuais, o coletivo e o macroestrutural.

### 2.1.1. A MINUSTAH

De acordo com Viana (2009), a primeira missão de paz a atuar no Haiti foi a UNMIH – Missão das Nações Unidas no Haiti, que aconteceu de 1993 até 1996. Depois se sucederam mais quatro missões: UNSMIH – Missão de Apoio da ONU no Haiti (de 1996 a 1997),

UNTMIH – Missão da ONU de Transição no Haiti (1997), MIPONUH – Missão da Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti (de 1997 a 2000), até que, a pedido do Conselho de Segurança das Nações Unidas, estabeleceu-se em 2004 a Força Multinacional Interina (MIF) e também a resolução que originou a MINUSTAH, operação de paz comandada pelo Brasil (MORAES, 2013).

A Minustah operou entre 2004 e 2017, período durante o qual o Brasil ocupou a posição de país comandante do componente militar<sup>24</sup>. O efetivo brasileiro de capacetes azuis contou com soldados da marinha, exército e da força aérea (NETO, 2018). Segundo Cavalcante (2016), a resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU, que estabeleceu a Minustah, definiu que uma das funções da operação era ajudar no processo de reforma da Polícia Nacional Haitiana, além de auxiliar no desarmamento, na restauração e manutenção do estado de direito, da segurança, da ordem pública, entre outros pontos relacionados à segurança. No início da operação, afirma o autor que as condições encontradas eram de falência do sistema de segurança policial, alto número de pessoas armadas e relacionadas a atividades ilícitas que colocavam em sério risco o território nacional. Após as atividades de estabilização, segundo agentes externos, o ambiente no país passou a ser considerado mais seguro e estável.

No aspecto político, o objetivo da missão era apoiar o processo político e constitucional no Haiti, sustentando e incentivando a governança democrática e o desenvolvimento institucional. Cavalcante (2016) aponta que a operação estava orientada a auxiliar as autoridades haitianas no sentido de (re)estabelecer o diálogo nacional e a reconciliação. O aparato estatal debilitado em muitas cidades dificultava a governança efetiva, e, neste contexto, o evento mais significativo da atuação da Missão teria sido a realização das eleições presidenciais e legislativas em Fevereiro de 2006, uma vez que ocorreram em ambiente de segurança frágil, mas com o comparecimento relativamente alto da população. Além disso, as eleições foram classificadas como “livres e justas” por observadores internacionais (ICG, 2006).

No que concerne os direitos humanos, o mandato inicial da Missão indicava apoio às autoridades e instituições quanto à promoção e proteção dos direitos humanos, além de monitorar e reportar a sua situação no país juntamente com o Alto Comissariado das Nações

---

<sup>24</sup> Outros 15 países participaram da operação de paz: Argentina, Benin, Bolívia, Canadá, Chade, Chile, Croácia, França, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai (VIANA, 2009).

Unidas para os Direitos Humanos (CSNU, 2004). Cavalcante (idem) salienta que eram vários os fatores que contribuíam para a precária situação dos direitos humanos no Haiti. A ausência do aparato estatal em várias regiões do país juntamente com a ineficiência da polícia e a corrupção generalizada do governo altamente centrado em torno de Aristide colaboraram para o agravamento das transgressões aos direitos humanos no país. O autor afirma que a missão teve pouco impacto no cenário do país desde 2004, e isso se deve, principalmente, ao fato de que o aparato estatal haitiano ainda não conseguiu fazer-se presente nas regiões mais afastadas de Porto Príncipe. A incidência de crimes e a violência nas grandes cidades haitianas até o final da operação ainda eram preocupantes, além das denúncias de abuso de violência e de atos de violência sexual cometidos pelos próprios integrantes da Missão contra a população haitiana.

Como já citado na parte introdutória dessa pesquisa, a participação do Brasil como comandante da Minustah provém de uma tentativa brasileira de se destacar na cena internacional. Viana (2009) assinala que a participação de países em desenvolvimento em missões da ONU é muito maior que a dos países desenvolvidos. Em 2006, 112 países participavam de missões para manutenção da paz, sendo que os países com maior contribuição de profissionais foram: Paquistão, Bangladesh, Índia, Jordânia, Nepal, Gana, Uruguai, Etiópia, Nigéria e África do Sul. O conjunto desses países representavam 60% do contingente enquanto o número de profissionais dos EUA compunham apenas 0,37% deste coletivo.

Uziel (2006) explica que os países em desenvolvimento participam das missões de paz principalmente por dois motivos, a partir de duas perspectivas:

1. Da perspectiva das relações internacionais, se trata de uma oportunidade de obter maior visibilidade para o país no nível internacional, proporcionando maiores possibilidades de participação e poder de barganha na ONU.

2. Do ponto de vista da política interna, em situações de cooperação, existe a preferência por países em desenvolvimento em detrimento aos desenvolvidos, porque os últimos teriam tendência a realizar ações unilaterais, conseqüentemente enfraquecendo os mecanismos multilaterais.

No caso do Brasil, além de a Minustah configurar a oportunidade ideal para fortalecer a imagem do país e se tratar de uma jogada decisiva que facilitaria uma candidatura para um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, a participação brasileira se alinhava



com a tradição diplomática do país. Desde a década de 1990, a política externa brasileira tende a um alargamento das relações internacionais buscando aproximação com organizações multilaterais, em contraposição com a antiga orientação que procurava se aproximar das potências dominantes (VIANA, op cit.).

O governo Lula almejava o fortalecimento das relações sul-sul, buscando se posicionar como um líder na região por meio da elaboração de uma agenda que dava ênfase à estabilidade política, desenvolvimento econômico e construção da paz na América Latina. A participação na operação era a oportunidade de alavancar a economia brasileira indiretamente, pois mesmo que os gastos brasileiros na missão ultrapassem em cinco vezes a arrecadação das exportações brasileiras para o Haiti, em médio prazo haveria maior abertura para negociações comerciais multilaterais a nível continental (COSTA, 2005).

A aceitação do comando brasileiro da missão pela população haitiana pode ser considerada fácil. Viana (idem) afirma que havia grande proximidade cultural e receptividade por parte do povo haitiano, principalmente, graças ao *soft power*<sup>25</sup> exercido pelo futebol e a seleção brasileira. Inclusive, uma das primeiras medidas do governo brasileiro que precedeu o início da missão, foi a realização de um jogo amistoso de futebol entre a seleção brasileira e a haitiana, em que se verificou grande comoção por parte da seleção haitiana e demonstração de afeto e afinidade pelo Brasil. Imagens do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui” comprovam a acolhida calorosa da seleção brasileira, a tal ponto que no caminho para o estádio, enquanto uma multidão acompanhava a o carro da ONU que levava os jogadores brasileiros, no trajeto da seleção haitiana via-se ruas livres e vazias (fotografia 1). Posteriormente, os jogos de futebol teriam sido utilizados sistematicamente entre a tropa brasileira e a população como forma de fortalecer os laços de confiança e aceitação.

---

<sup>25</sup> “Pode ser entendido como o poder que um determinado país tem de levar outros países a querer o que eles querem, ou seja, de influenciar decisivamente a tomada de decisão e a política desses países, porém por meio da utilização de uma estratégia velada, em contraposição ao poder duro (*hard power*), que implica obrigar ou ordenar de maneira direta que um determinado país tenha um determinado comportamento, na maioria das vezes contrário aos seus anseios.” (NYE,2008 apud VIANA, 2009, p.33).

**Fotografia 1: Seleções – Haiti x Brasil**



Fonte: youtube, 2019<sup>26</sup>.

James Ferguson (2003) sustenta que a migração faz parte da cultura caribenha desde a instituição da escravidão. A revolução haitiana, a abolição da escravidão e o processo de descolonização estimularam ainda mais o deslocamento de pessoas, mas é a imigração voluntária em busca de melhor situação econômica que caracteriza boa parte dos movimentos migratórios da região. No entanto, não se pode falar em um padrão de deslocamento heterogêneo, pois ele implica migração voluntária e involuntária (refúgio), migração de curto-prazo e de longo prazo e entrada legal e ilegal, por exemplo.

---

<sup>26</sup> Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=O8UM-XbOzR4>

## Fotografia 2: Seleção brasileira



Multidão de haitianos acompanha o traslado dos jogadores da seleção brasileira pelas ruas de Porto-Príncipe até o estádio

Fonte: Portal de notícias G1, 2017<sup>27</sup>.

### 2.1.2. O terremoto

Em 12 janeiro de 2010 ocorreu um sismo no Haiti de magnitude 7.0 na Escala Richter. Um tremor dessa magnitude pode provocar danos graves em zonas extensas (STEINMAN et al, 2011) e no Haiti seu efeito foi tão devastador que foi considerado o pior terremoto a atingir o Caribe em um período de 200 anos. O epicentro do cismo foi na ilha de Tiburón, que fica localizada a menos de 30 km da capital haitiana Porto-Príncipe, região densamente povoada (um em cada quatro haitianos reside lá). O resultado do terremoto foi catastrófico. O Palácio da Justiça, aeroporto, portos, 60% dos hospitais e 80% das escolas foram destruídos, além do saldo de 210.300 mil mortos e 300.600 mil feridos. Para efeitos de comparação, pode se tomar

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/missao-de-paz-no-haiti-9-momentos-para-entender-a-historia-da-operacao-liderada-pelo-brasil.ghtml>

como exemplo o terremoto que aconteceu no mesmo ano no Chile com magnitude 8.8, cismo raro que pode causar danos em um raio de várias centenas de quilômetros, no entanto, o número de mortos no Chile foi de 1% em relação ao verificado no Haiti. Este dado revela o quão frágil era a infraestrutura do Haiti, que por não ter sido projetada para resistir a terremotos, gerou uma massa de mais de 1,5 milhão de pessoas desabrigadas (passaram a viver em cabanas nos acampamentos montados pelo país) em menos de 24 horas e (MOULIN, 2013).

Sutter e King (2012) afirmam que a ocorrência do terremoto significou um atraso econômico de dez anos em um país que historicamente percorria um espiral de deterioração econômica, social, política e ambiental. O impacto do terremoto teria atingido gravemente a população não apenas física, mas psicologicamente também, já que se criou um cenário em que: conflitos internos irrompiam constantemente, uma epidemia de cólera se alastrou no país devido às más condições de saneamento e deixou quatro mil mortos nos primeiros nove meses e 400 mil infectados até 2011, houve o aumento do índice da violência urbana (causada pela falta de iluminação, insegurança política, fuga de presidiários motivada pela destruição de presídios, etc.), e, além disso, verificou-se também queda na taxa de frequência escolar devido à destruição de prédios escolares, e uma série de outras complicações econômico-sociais que desestabilizaram profundamente a sociedade haitiana. Foi a partir deste momento crítico que se percebeu o aumento do fluxo migratório haitiano para o Brasil (HANDERSON, 2015; SUTTER e KING, 2012).

## **2.2. Fluxos migratórios para o Brasil e a presença haitiana**

No período colonial, como forma de suprir a política econômica da coroa portuguesa, a emigração compulsória de escravizados africanos constituiu um fluxo migratório muito importante no Brasil. De acordo com os dados do IBGE, o Brasil foi o país que mais recebeu escravizados africanos no mundo. Em três séculos foram trazidos ao país um total de quatro milhões de homens, mulheres e crianças, cifra que equivalia a um terço do tráfico negreiro mundial (FERNANDES, 2015).

Depois da abolição da escravidão, no século XIX, como forma de substituição necessária à mão-de-obra exercida anteriormente por escravizados, houve incentivo do governo brasileiro para a imigração de indivíduos brancos, preferencialmente europeus.

Assim, de 1800 até aproximadamente 1930, um total de mais de quatro milhões de imigrantes, em sua maioria europeus, chegaram ao Brasil (FERNANDES, op. cit.).

**Tabela 2**  
**Países de origem dos imigrantes por década de chegada**  
**Brasil (1810 – 1979)**

Década	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Outros	Total
1810 - 1819					1.790	1.790
1820 - 1829				2.326	5.439	7.765
1830 - 1839	230	180		207	2.021	2.638
1840 - 1849	491	5	10	4.450	2.347	7.303
1850 - 1859	63.272	24	181	15.815	38.300	117.592
1860 - 1869	53.618	4.916	633	16.514	34.432	110.113
1870 - 1879	67.609	47.100	3.940	14.627	60.555	193.831
1880 - 1889	104.700	276.724	29.166	19.201	98.177	527.968
1891 - 1899	215.534	690.365	164.093	17.014	118.977	1.205.983
1900 - 1909	199.536	221.394	21.504	13.848	93.644	549.926
1910 - 1919	312.481	137.868	181.657	25.902	163.550	821.458
1920 - 1929	301.915	106.831	81.931	75.839	277.006	843.522
1930 - 1939	102.544	22.170	13.746	13.746	165.617	317.823
1940 - 1949	47.556	11.359	5.003	6.885	2.865	73.668
1950 - 1959	241.520	94.012	94.693	16.827	139.618	586.670
1960 - 1969	74.124	12.414	28.397	5.659	76.993	197.587
1970 - 1979	5.641	3.382	2.196	3.817	31.219	46.255
<b>Total</b>	<b>1.790.771</b>	<b>1.628.744</b>	<b>627.150</b>	<b>252.677</b>	<b>1.312.550</b>	<b>5.611.892</b>

Fonte: HERNANDO, S.M., MARTÍNEZ, E.G., 2006 apud FERNANDES, 2015

Fernandes (2015) aponta que, os grupos com maior número de imigrantes que chegaram ao Brasil neste período foram respectivamente os portugueses, os italianos e os espanhóis. Apenas uma vez, na década de 1980, o fluxo de italianos foi maior que o de português, enquanto o dos espanhóis se manteve relativamente constante, até ser ultrapassado pelos japoneses no início do século XX. O autor ressalta também que o volume de imigrantes foi diminuindo gradativamente até a década de 1970, quando o Brasil passou a gerar mais imigrantes do que a receber emigrantes.

Na década de 2000, precisamente a partir de 2008, quando as economias europeias e a americana entraram em recessão, a dinâmica mundial de migração se alterou. Muitos emigrantes que haviam se deslocado para o norte global começam a fazer o movimento de retorno para o Brasil, que se manteve temporariamente imune à crise. A mudança nessa conjuntura foi tão acentuada, que se estima que o número de brasileiros vivendo fora do país tenha sido reduzido em 35% (FERNANDES, op.cit). Isto porque entre 2003 e 2013, o Brasil experimentou um período de importante crescimento econômico, em comparação com os países europeus e os EUA, devido ao aumento das relações comerciais com a China. Segundo Cunha (2015), essa parceria foi positiva para o crescimento por este ter sido:

(...) puxado pelo capitalismo chinês e potencializado pela expansão do mercado interno, estimulada pela valorização real do salário-mínimo, transferências de renda, ampliação do crédito ao consumo e pelos investimentos públicos. Em conjunto, esses fatores viabilizaram a inclusão de largos segmentos da população pobre ao mercado consumidor de bens duráveis e de serviços, o que representou um claro ganho de bem-estar, com forte impacto político-eleitoral no período. (CUNHA, 2015, p.5).

As políticas fiscal e monetária estabelecida durante o primeiro mandato do governo Lula, aumentaram o nível de confiança e a estabilidade econômica de forma bastante expressiva resultando em um excepcionalmente positivo conjunto de indicadores econômicos. A inflação, além de controlada, passou a vigor em níveis desejados, a renda aumentou elevando consigo o poder de compra da população, os níveis de miséria e pobreza diminuíram, e o PIB cresceu, revelando não só ganhos econômicos, como também sociais. Este quadro atraiu investimento estrangeiro, valorizou o real frente ao dólar e melhorou significativamente a imagem política do Brasil na cena internacional (idem).

Fernandes (op. cit.) esclarece que a combinação entre a crise econômica no país de origem, crescimento econômico e prosperidade social no Brasil, conjugada com a política de inclusão social brasileira (com fortalecimento de políticas de proteção aos direitos humanos, migração e cooperação internacional, como já apresentado neste trabalho), constitui cenário favorável à migração rumo ao Brasil. Imigrantes passaram a chegar ao país para suprir lacunas tanto na mão-de-obra qualificada, quanto nas menos qualificadas que abastecem a indústria e o investimento em infraestrutura.

É neste novo contexto que se insere o aumento do fluxo migratório haitiano para o Brasil. Imediatamente após o terremoto os primeiros imigrantes começaram a chegar, porém o fluxo realmente se intensificou entre os últimos meses de 2011 e os primeiros de 2012. Neste período, pelo menos quatro mil haitianos entraram ilegalmente no Brasil (MORAES, 2013). Fernandes (2015) afirma que o trajeto adotado por esses primeiros imigrantes para chegarem ao território brasileiro, foi, geralmente, pelo ponto de entrada das fronteiras terrestres dos estados do Acre e Amazonas com o Peru.

“Para chegar ao Brasil, os haitianos partem, geralmente, de Porto Príncipe seguindo por via terrestre para a República Dominicana. De lá vão por via aérea para o Panamá e para o Equador, seguindo viagem de ônibus até Peru ou Bolívia. Após adentrarem nos países vizinhos ao Brasil, seguem viagem de barco ou caminhando pela floresta, até as cidades de Tabatinga no Amazonas ou Brasiléia e Epitaciolândia no Acre” (MORAES, 201, p.103).

Alegando condições de vida muito ruins em seu país de origem, esses imigrantes apresentavam um pedido de solicitação de refúgio<sup>28</sup> perante a autoridade fronteiriça (como já indicado na introdução deste trabalho utilizando-se os dados de Cavalcanti et al [2019]), e enquanto seu pedido era apreciado pelo CONARE, estes imigrantes, para permanecerem regularmente no Brasil, recebiam documentação provisória que consiste em Carteira de Trabalho e Cadastro de Pessoa Física - CPF (FERNANDES, Op. cit.).

---

<sup>28</sup> Segundo os dados trazidos por Baeninger (2017), 98% dos homens e 97% das mulheres que entraram no Brasil por meio das fronteiras terrestres estavam na condição de solicitantes de refúgio.

**Tabela 3**

**Movimento de imigrantes haitianos e haitianas, segundo as áreas de fronteiras e aeroportos internacionais (2010-2015)**

<b>Áreas de entrada</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>	<b>Total</b>
<b>Total</b>	<b>22.135</b>	<b>62.944</b>	<b>85.079</b>
<b>Fronteiras</b>	<b>10.148</b>	<b>34.213</b>	<b>44.361</b>
Epitaciolândia	8.757	30.392	39.149
Pacaraima	332	695	1.027
Uruguaiana	197	913	1.110
Oiapoque	365	611	976
Tabatinga	216	516	732
Foz do Iguaçu	109	460	569
Outras	172	626	798
<b>Aeroportos internacionais</b>	<b>11.974</b>	<b>28.676</b>	<b>40.650</b>
São Paulo – Aeroporto Guarulhos	7.690	18.673	26.363
Porto Alegre – Internacional	1.445	2.696	4.141
Rio de Janeiro – Aeroporto Galeão	898	2.479	3.377
Manaus – Aeroporto Internacional	798	2.052	2.850
Belo Horizonte – Confins	569	1.356	1.925
Brasília – Aeroporto JK	371	895	1.266
Outros	203	525	728

Fonte: BAENINGER, R. & PERES, R., 2017. (Adaptado)

Outra forma de entrada no Brasil adotada pelos haitianos é pelos aeroportos internacionais (Tabela 3) (BAENINGER, 2017; CAVALCANTI et al, 2019). No entanto, para utilizar esse meio é preciso já ter obtido o visto, e a despeito da dificuldade de acesso ao visto fornecido pela Embaixada do Brasil no Haiti, a tabela revela que as mulheres têm preferência ou maior facilidade para realizar o planejamento de sua viagem para o Brasil, adquirindo o visto anteriormente, com o auxílio de conhecimento que se obtém por meio das redes de apoio



e informação (BAENINGER, 2017), conceito que examinaremos mais cuidadosamente no capítulo seguinte desta dissertação.

**Tabela 4**

**Registro de imigrantes do Haiti com registro ativo, segundo Unidade da Federação de residência (2010-2015)**

<b>UF de residência</b>	<b>Total</b>	<b>Participação no total (%)</b>
<b>Norte</b>	<b>3.225</b>	<b>11,38</b>
Rondônia	922	3,25
Acre	18	0,06
Amazonas	1.786	6,30
Roraima	10	0,04
Pará	13	0,05
Amapá	475	1,68
Tocantins	1	0,00
<b>Nordeste</b>	<b>38</b>	<b>0,13</b>
Maranhão	3	0,01
Ceará	18	0,06
Paraíba	5	0,02
Pernambuco	4	0,01
Bahia	8	0,03
<b>Sudeste</b>	<b>10.844</b>	<b>38,28</b>
Minas Gerais	1.651	5,83
Espírito Santo	13	0,05
Rio de Janeiro	405	1,43
São Paulo	8.775	30,97
<b>Sul</b>	<b>12.734</b>	<b>44,95</b>
Paraná	4.318	15,24
Santa Catarina	4.395	15,51
Rio Grande do Sul	4.021	14,19

<b>UF de residência</b>	<b>Total</b>	<b>Participação no total (%)</b>
<b>Centro-Oeste</b>	<b>1.490</b>	<b>5,26</b>
Mato Grosso do Sul	184	0,65
Mato Grosso	865	3,05
Goiás	278	0,98
Distrito Federal	163	0,58
<b>Total</b>	<b>28.331</b>	<b>100,00</b>

Fonte: BAENINGER, R. & PERES, R., 2017. (Adaptado)

No período de 2010 a 2015, 8.757 imigrantes haitianos chegaram ao Brasil pela fronteira de Eitaciolândia no Acre, 332 pela fronteira de Pacaraima em Roraima, enquanto por Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, ingressaram 197 imigrantes. Apesar disso, Baeninger (op.cit.) apresenta dados que mostram que a maioria dos imigrantes com registro ativo na Polícia Federal se concentram na região Sudeste e principalmente na região Sul, em contraposição com menores volumes da região Norte e Nordeste. A autora afirma que a mobilidade deste coletivo entre as cidades brasileiras revela que, na migração circular dentro do Brasil, o fenômeno da reprodução social da conjuntura nacional se faz presente.

Foi por meio da Resolução Recomendada Nº 08/06, fundamentada pela Resolução Normativa Nº 27, de 1998 (Ver ANEXO V), que se criou o dispositivo legal que permitiu a concessão de vistos por razão humanitária, no ano de 2011, já que imigrantes haitianos não se adequavam ao perfil de refugiados, como já exposto na parte introdutória deste trabalho. Tal medida estimulou o aumento do fluxo migratório para o Brasil, como mostrado na Tabela 4, de tal forma que as cidades fronteiriças chegaram a enfrentar situação de calamidade<sup>29</sup> por carência de infraestrutura necessária para receber tamanho volume de pessoas (idem).

---

<sup>29</sup> Foi decretado estado de emergência e o governo liberou 784 mil reais para ajudar o governo acreano nas ações de atendimento aos imigrantes haitianos (MORAES, 2013)

**Tabela 5**

**Número de permissões de residência permanente concedidos à nacionais haitianos pelo Brasil por meio da Resolução Normativa 27**

<b>Ano</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
<b>Nº</b>	708	4.825	2.069	1.890	41.632

Fonte: AUDEBERT, 2017

**Tabela 6**

**Número de vistos humanitários concedidos à nacionais haitianos pelo Brasil por meio da Resolução Normativa 97<sup>30</sup>**

<b>Ano</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016(jan.- maio)</b>	<b>Total</b>
<b>Nº</b>	1.387	6.296	10.188	17.507	12.983	48.361

Fonte: idem

Tendo em vista que o trabalho consiste em um dos aspectos mais importantes na vida de um migrante, pois é por meio dele que este pode executar as ações necessárias para levá-lo a realizar seus sonhos, suprir suas expectativas e garantir-lhe uma das dimensões indispensáveis para sua dignidade humana (MILESI, 2015), uma das consequências esperadas da migração haitiana e das medidas de inclusão tomadas pelo governo Brasileiro em relação à este coletivo, foi o aumento expressivo no volume destes imigrantes no mercado de trabalho formal do Brasil. De acordo com dados do OBMIGRA, em 2011, o número de trabalhadores haitianos formalmente ativos no mercado de trabalho era de 814 trabalhadores, em 2013 esse número foi para 14.579, significando um aumento de 18 vezes (CAVALCANTI, 2014). Em 2015, o número de haitianos registrados no mercado formal cresceu ainda mais e atingiu o patamar de 33.507 mil trabalhadores, no entanto em 2016, essa cifra diminuiu

---

<sup>30</sup> A Resolução Normativa 97 foi alterada em 2013 pela Resolução Normativa Nº 104 que retirava a limitação no número de vistos que o CNIG concederia por aos haitianos, inicialmente 1200 por ano (FERNANDES, 2015).

consideravelmente e caiu para 25.782 mil trabalhadores (TONHATI, 2017). Além disso, em 2016 verificou-se que quase 26 mil haitianos foram demitidos no mercado formal, enquanto apenas aproximadamente 19 mil foram admitidos, primeiro saldo negativo na balança de admissões e demissões desde 2010 (CAVALCANTI, 2017).

Essa mudança de panorama coincide com o período em que a recessão da economia brasileira se intensifica, durante o segundo mandato de Dilma Roussef. Cunha (2015) esclarece que quando Dilma assumiu seu segundo mandato em 2011, o cenário internacional já estava bastante alterado devido à crise econômica de 2008, que teve início nos EUA e que acabou se instalando nas principais economias do mundo, inclusive na China. Assim, mesmo diante das medidas adotadas pelo governo, em 2015, a demanda pelos principais produtos exportados pelo país começou a cair consideravelmente, de forma que a crise atingiu o setor público. Iniciaram-se assim os cortes nos gastos públicos, os ajustes fiscais e estratégias que forçaram a população a diminuir seu nível de consumo. Ainda assim, a dívida interna continuou a crescer, bem como a especulação internacional, enquanto o índice de crescimento da economia estagnou e a inflação subiu impulsionada pelo preço dos combustíveis e da energia elétrica. Houve queda no valor dos salários, aumento das taxas de juro e crescimento taxa do desemprego.

A combinação de todos esses elementos afetou intensamente a empregabilidade dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho brasileiro, fazendo-se necessário então se investigar qual o impacto que esta mudança tão significativa pode ter tido no projeto migratório dos haitianos.

### **2.3. Considerações finais sobre o capítulo**

A migração haitiana é um fenômeno complexo que tem sua origem em aspectos multifatoriais, tanto como na conjuntura histórica, ecológica, política e econômica do Haiti, quanto no contexto histórico, econômico e político do Brasil. Trata-se de um fenômeno envolto em uma linha tênue e oscilante que tem se transformado ao longo da história.

Na atualidade, no Brasil, o movimento migratório haitiano se moldou concomitantemente tanto pela relevância que o Brasil ganhou política e economicamente no

contexto internacional, quanto pelo refreamento e endurecimento das políticas migratórias no Norte Global (AUDEBERT, 2017).

No capítulo seguinte se lançará um olhar mais detalhado sobre as referências teóricas que fundamentam e explicam os conceitos associados à migração internacional e a migração haitiana, sejam eles: retorno, projeto migratório, redes sociais e diáspora haitiana.

### 3. MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

Neste capítulo se discute algumas perspectivas das teorias sobre as migrações internacionais com o objetivo de esclarecer pontos significativos para a compreensão do conceito de projeto migratório e como ele se desdobra na realidade do migrante haitiano, especialmente aqueles que se deslocaram para o Brasil nesta década. Para tanto, será inicialmente feita uma breve apresentação sobre as principais correntes teóricas das migrações internacionais que contém aspectos relevantes para o tema estudado. Em seguida, se utilizará como ponto central da pesquisa o conceito de projeto migratório e os conceitos subjacentes à essa ideia, como o retorno, redes migratórias, transnacionalismo e diáspora haitiana, respectivamente, todos esses conceitos fortemente presentes nos relatos coletados por meio das entrevistas.

#### 3.1. As migrações internacionais nas Ciências Sociais

A temática das migrações na seara das Ciências Sociais se trata de uma matéria relativamente recente, pois, até o final do século XIX ela não constituía um tema expressivamente relevante para esta disciplina (SASAKI, 2000). Uma breve busca do termo “International Migration in Social Science” utilizando a ferramenta do Scopus<sup>31</sup>, maior banco de dados de resumos e citação da literatura, revela que produções científicas com essa temática específica passaram a ser desenvolvidas na década de 1970 e ganharam ainda mais força apenas na última década.

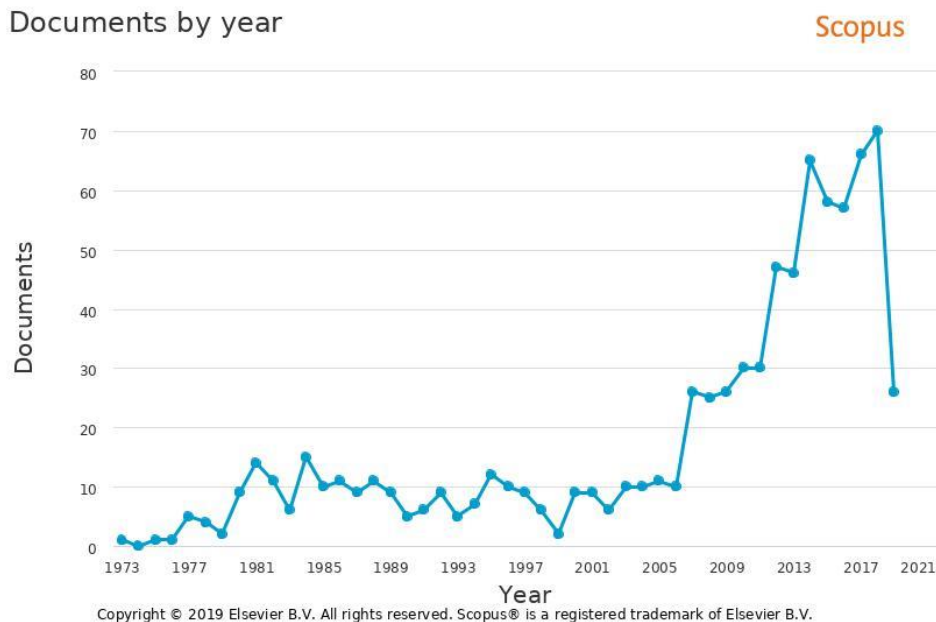
---

<sup>31</sup> Disponível em:

<https://www.scopus.com/term/analyzer.uri?sid=03f9ec00ddc74a4b5e745af92e5db698&origin=resultslist&src=s&s=TITLE-ABS-KEY%28International+migration+in+social+science%29&sort=plf-f&sdt=b&sot=b&sl=56&count=827&analyzeResults=Analyze+results&txGid=b29a67ff8935e088236bcedf63bdb431>

**Gráfico 1**

**Número de publicações sobre Migrações Internacionais nas Ciências Sociais por ano**



Ao realizar levantamento bibliográfico dos cânones da sociologia, Marx, Durkheim e Weber, Richmond (apud SASAKI, 2000) percebeu que esses autores compreendiam as migrações meramente como resultado do processo de desenvolvimento capitalista e seus desdobramentos, tais como a industrialização, a urbanização, o surgimento de culturas cosmopolitas e heterogêneas, e, por consequência, o êxodo rural, por exemplo.

Marx pensava que mudanças econômicas juntamente com a cooperação entre governo e militares na coação de camponeses e pequenos proprietários eram o que incentivavam os movimentos migratórios. Para Durkheim, as migrações estavam intrinsecamente ligadas à nova estrutura do capitalismo, que se fundamenta na divisão social de trabalho e interdependência econômica. Levando em consideração também os efeitos do crescimento do capitalismo, Max Weber entendia a migração como um elemento incidental responsável pela reconfiguração o status quo (SASAKI, idem).

É apenas no início do século XX, quando a mobilidade internacional se intensificou e o fluxo de imigrantes da Europa para os EUA aumentou consideravelmente, que os

sociólogos americanos se debruçaram com maior pujança sobre essa matéria (SASAKI, 2010). É neste contexto que a Escola de Chicago surge como um *think tank* de grande referência sobre os estudos migratórios. Um dos principais conceitos que surgiu deste grupo foi o do *melting pot*<sup>32</sup>, que se referia ao processo de assimilação cultural pelo qual os imigrantes inevitavelmente passariam uma vez que estivessem de fato integrados estrutural e culturalmente à sociedade americana, conseqüentemente adotando também os valores anglo-americanos. Embora o *melting pot* tenha acabado não se concretizando, ao contrário, viu-se que os grupos de imigrantes se transformaram em grupos étnicos, a Escola de Chicago é ainda um corrente de extrema importância, pois foi a primeira a voltar sua atenção aos processos de adaptação, aculturação e assimilação de grupos de imigrantes, trazendo assim a análise dos processos migratórios como temática essencial para a compreensão das relações sociais daquele período.

Neide Patarra (2006) sugere a classificação das teorias das migrações internacionais contemporâneas em dois grupos: o primeiro deles concentra os modelos que estabelecem as causas para o surgimento do movimento internacional contemporâneo, enquanto o outro determina os modelos que explicam a consistência dos fluxos migratórios e sua continuidade. Uma das teorias que explicam o surgimento dos deslocamentos internacionais e se localiza no primeiro grupo proposto por Patarra, é a perspectiva neoclássica, que parte da premissa de que a migração internacional de trabalhadores é influenciada pelas diferentes taxas salariais – determinadas pelo quadro distributivo do capital e mão-de-obra, no nível internacional -, de forma que, o mercado de trabalho seria então determinante para a configuração da dinâmica desses fluxos migratórios. Ou seja, segundo esta perspectiva, no nível macro, os países ou regiões onde existe abundância de capital e baixa oferta de mão-de-obra, atrairiam trabalhadores de países ou regiões com escassez de capital (isto é, regiões onde os salários são menores). No nível micro, nota-se que o indivíduo como ser racional, calcula o custo de oportunidade da migração de acordo com a renda no país natal e a do país de destino (PATARRA, Op. cit.).

---

<sup>32</sup> No sentido figurado: caldeirão de raças; mistura de raças. Trata-se de uma expressão idiomática que sinaliza situações onde existem diversas pessoas, com diferentes estilos de vida, culturas, religiões e raças. A expressão vem do significado original de *melting pot*, que é o cadinho onde são derretidos e fundidos vários metais ou outras substâncias. Em um *melting pot*, as misturas culturais e raciais são fundidas e assimiladas por todos. <https://www.teclasap.com.br/curiosidades-melting-pot/>



No entanto, Massey (1997) e Portes (2005) questionam o determinismo racional da perspectiva neoclássica. De fato, o racionalismo puro, que teve seu ápice na filosofia kantiana, foi sucedido por um denso questionamento sobre a limitação da razão na resolução de problemas e também quanto ao reducionismo que ele significa diante à abrangência da dinâmica da realidade humana. É nessa linha que o questionamento quanto à pujança da teoria neoclássica segue. A existência do migrante abarca aspectos muito além daqueles da maximização dos lucros e sua escolha leva em consideração uma gama complexa de fatores que constituem globalmente sua realidade, tais como as interações sociais de seu grupo de origem, a estrutura social em que se está inserido, a dinâmica econômica, social e mundial, etc, ou seja, a escolha que se faz ao migrar não é individual, é feita dentro do grupo ao qual o migrante pertence, de forma que o peso da racionalidade econômica é barganhado de acordo com os interesses e ganhos do grupo e não do indivíduo em sua singularidade.

O deslocamento populacional é analisado de outra forma pela Nova Economia de Migração (PATARRA, idem). Segundo essa perspectiva, as imperfeições existentes nos mercados (de trabalho, de consumo, educacional, etc) de países em desenvolvimento são os fatores responsáveis pela geração de fluxos migratórios nesses países. O principal agente econômico aqui é a unidade familiar. É dentro dela que ocorre, seguindo a lógica racional, a negociação para a maximização dos lucros, que neste contexto, nada mais é que minimizar os riscos econômicos. O investimento é feito no campo do trabalho, de forma que alguns membros familiares são escolhidos para emigrar para países cuja renda salarial seja alta o suficiente para que remessas sejam enviadas para a família no país de origem. A premissa desta corrente teórica é que essas famílias que buscam melhoria da situação econômica familiar passam pelo o que Stark (apud BRZOZOWSKI, 2012) chama de privação relativa, ou seja, em algum momento no passado a situação econômica familiar era boa (ou, melhor do que a atual), de modo que o empobrecimento gradual, com pouca possibilidade de crescer novamente no país de origem, seria o motor que estimularia a migração para outros países.

Outra teoria que busca explicar o surgimento dos movimentos migratórios é a Teoria do Mercado Dual ou Teoria da segmentação do Mercado de Trabalho, segundo a qual o fator incentivador dos deslocamentos populacionais seria a bifurcação do mercado de trabalho nos países desenvolvidos. Essa bifurcação nada mais é que a divisão do mercado de trabalho em dois tipos: empregos no mercado primário que requerem alta especialização, oferecem bons salários e boas condições de trabalho, e os empregos no mercado secundário que, ao contrário,

não necessitam alta qualificação, oferecem baixa remuneração e condições insatisfatórias de trabalho. Os nativos dos países desenvolvidos tendem a preferir os empregos do mercado primário e rejeitam os do mercado secundário, criando assim nichos vagos de trabalho que precisam ser preenchidos. São os imigrantes que supririam essas demandas do mercado secundário de trabalho (FUSCO, 2005).

Das perspectivas que explicam a continuidade no tempo das migrações internacionais, Fusco (idem) destaca a importância das redes migratórias, que são “as redes constituídas por laços que conectam imigrantes, imigrantes pioneiros e imigrantes em potencial nas áreas de origem e destino por meio de relações de parentesco, amizade e origem comum” (FUSCO, 2005, p.22). Por se tratar de um aspecto que apareceu com muita evidência nas entrevistas realizadas nesta pesquisa o conceito de redes migratórias será mais amplamente discutido no item 3.4. deste capítulo.

As teorias aqui apresentadas, associadas ao contexto histórico haitiano e brasileiro, conseguem apresentar perspectivas que explicam em maior ou menor grau a vinda de imigrantes haitianos ao Brasil. Se analisadas sob a ótica do projeto migratório, é possível perceber que um dos elementos conceituais, que é central nas teorias da migração internacionais contemporâneas, e também por isso é comum à construção do projeto migratório dos haitianos que vieram para o Brasil, é o trabalho e outros aspectos que dele derivam: melhoria financeira, melhor qualidade de vida, segurança e estabilidade.

Uma vez apresentado o quadro teórico em que o movimento migratório haitiano se insere, serão tratados a seguir os conceitos específicos que são necessários para a compreensão das categorias de análise que compõem o mapa do projeto migratório haitiano no Brasil contemporâneo.

### **3.2. Projeto Migratório**

É possível encontrar um número razoável de trabalhos que tratam sobre a questão do projeto migratório e sua reelaboração ao longo do processo migratório, no entanto, ainda é escassa a quantidade de autores que se debruçam sobre a definição deste conceito. Em sua dissertação, Iara Xavier (2010), explica que projeto migratório se refere à forma como o migrante negocia com a realidade e as possibilidades que nela estão contidas. É um processo no qual o indivíduo que migra lida com as limitações, incentivos e potencialidades de sua

existência em seus mais diversos aspectos, como o social, cultural, familiar, econômico, etc. O projeto migratório abarca o planejamento da trajetória do indivíduo levando em consideração seus objetivos, anseios e estratégias. Contudo, este projeto não é fixo, pelo contrário, ele é dinâmico e sofre formulações e reformulações constantes.

Siqueira (2017) aponta que no planejamento de um deslocamento territorial, o migrante leva em consideração fatores subjetivos e objetivos de sua existência, aspectos esses apontados por Sayad (2000) como indissociáveis. Na obra dele é possível perceber a ligação direta entre o macro - social, econômico, político - e o micro, que é a subjetividade do imigrante e não pode ser separada do quadro geral da história. Dessa forma, os aspectos subjetivos do migrante dizem respeito à sua percepção individual e de seu grupo de pertencimento (origem), bem como seu projeto pessoal de vida e também de seus pares. Ao passo que os aspectos objetivos são resumidos por Siqueira (idem) em cinco pontos principais:

i)Fatores históricos presentes na formação do território como processo de ocupação e na trajetória cultural da população no que diz respeito a outras experiências migratórias, como mobilidade espacial interna ou presença de estrangeiros; ii)Fatores de exclusão que levem os indivíduos a perceberem o seu local de origem com poucas possibilidades de concretização de seus projetos de vida no que diz respeito ao trabalho e ao acesso a bens de consumo que lhes proporcionem qualidade de vida; iii) o conhecimento sobre locais de destino que reúnam um conjunto de fatores de atração que respondam às suas demandas não atendidas na origem; iv) redes sociais que liguem esses dois locais de origem e destino; e v) a existência de mecanismos facilitadores que possibilitem a organização da viagem por via documentada ou indocumentada (SIQUEIRA, 2017, p.573) .

Portanto, pode-se depreender disso, que a opção pela migração não é uma escolha feita isoladamente, ela se comunica com as escolhas de outras pessoas no país atual e no país de destino. Aliás, é possível se dizer que o projeto migratório é negociado, desde o seio familiar, no momento que antecede o deslocamento até o momento de chegada ao país escolhido. Por isso, é importante ressaltar que o projeto migratório não é estático, ele se transforma ao longo do tempo, de acordo com as mudanças estruturais e pessoais. A respeito disso, Siqueira (idem) afirma que o projeto migratório pode ser dividido em três partes: migração, trabalho e renda no destino e retorno.

A migração em si seria a fase em que o planejamento de todo o processo da viagem acontece. Neste momento, é feito um levantamento sobre as informações necessárias para que o deslocamento ocorra com o mínimo de riscos possíveis. É neste contexto que entram em ação as redes migratórias, que são redes de contatos de pessoas que já migraram e estão no país de destino ou por ele já passaram e acabam atuando como fornecedores fidedignos de informações sobre moradia, trabalho, segurança, custos, formas de entrada no país de destino, etc. Com base nessas referências, o migrante pode optar sobre a melhor forma de entrar no país de destino, em qual cidade (região) morar, onde procurar apoio social, médico, para aprendizagem da língua local e até mesmo ajuda jurídica, como foi verificado em boa parte dos relatos coletados na pesquisa de campo realizada neste trabalho. A família e amigos são o principal suporte econômico e psicológico do migrante nesta etapa.

O trabalho e a renda são para Siqueira (Op. Cit), o ponto central do tripé do projeto migratório, pois são eles que custeiam e determinam ou não o sucesso do projeto. Segundo esta perspectiva, entende-se que o migrante que optou pelo deslocamento necessariamente busca melhores condições de vida que só podem ser proporcionadas pela entrada bem sucedida no mercado de trabalho, podendo-se assim denotar, que a autora desenvolve sua definição inspirada na lógica marxista da teoria de Sayad. Na definição apresentada por Siqueira (Op. cit), o emigrante executa funções no nível secundário do mercado de trabalho, geralmente realizando jornadas muito longas e com poucas garantias de direitos trabalhistas, isso porque, mais uma vez entra aqui, a perspectiva sayadiana do estado jurídico e social negativo do migrante. Sua condição de não nacional que frisa o estado de “não-sujeito”, de sujeito mínimo, dotado de direitos mínimos, no limite do não-humano, o imigrante só teria razão de ser no modo do provisório e na condição de se conformar com aquilo que se espera dele (ou seja, o trabalho). Assim, trabalhos extenuantes seriam aceitos por serem encarados como atividades provisórias que levarão ao almejado objetivo do retorno.

Para Siqueira (idem), assim como para Sayad (2000), o retorno está incluído em todo projeto migratório. No entanto, como o projeto é reformulado e negociado constantemente, de acordo com as oportunidades e dificuldades que o migrante enfrenta no país de destino, o retorno pode ocorrer de quatro formas distintas:

- 1) Retorno temporário: é o tipo de retorno em que o país de destino se torna residência permanente do migrante. Ele retorna apenas temporariamente ao país de origem para visitas

familiares ou eventos especiais, mas seu investimento permanece no país de destino, de forma que seu padrão de vida e consumo não é restrito, pois não precisa acumular renda para retornar definitivamente.

- 2) Retorno continuado (ou migração ioiô): esta modalidade de retorno acontece quando o migrante consegue acumular renda e volta ao seu país, mas perde seu investimento ou quando ele não consegue se adaptar às condições no país de destino. Então ele retorna ao país de origem, reelabora seu projeto migratório e volta a se deslocar para o mesmo destino ou outros, até que seu objetivo econômico seja alcançado (nestes casos, a meta é investir em seu país de origem). Nesta modalidade de retorno, Siqueira (idem) retoma a ideia já proposta por Sayad do retorno impossível, ou seja, o migrante encontra dificuldade adaptação tanto no país de destino quanto no país de origem, dado ao fracasso de sua empreita.
- 3) Retorno permanente: seria este o retorno bem sucedido. Isto é, o retorno do migrante que teve a oportunidade de efetivar seu projeto migratório que lhe garantiu ascensão social e melhoria no padrão de vida no país de origem. Este migrante retorna sem pretensão de emigrar novamente.
- 4) A quarta categoria de retornado, Siqueira (ibidem) denomina de transmigrante, ou seja, é aquele migrante que estabelece laços sociais com o país de destino, enquanto mantém seus laços com o país de origem, podendo assim viver nos dois lugares. Esse migrante tem sua identidade legitimada nos dois países e é um ator ativo nas duas localidades, passando períodos em cada lugar.

### 3.3. Abdelmalek Sayad e o retorno impossível

É interessante lançar olhar também para a perspectiva marxista dos estudos migratórios, pois as relações de trabalho são o foco principal das teorias que decorreram dessa corrente e a relação do imigrante com o mercado de trabalho é dos pontos cruciais da presente pesquisa. Verificou-se que a máquina capitalista requeria certa mobilização de força de trabalho que as migrações poderiam suprir principalmente no que se refere à dinâmica do deslocamento de imigrantes de países com menor desenvolvimento para países já plenamente desenvolvidos (principalmente os europeus e os EUA)(PATARRA, 2006). Segundo essa perspectiva, existem certos tipos de trabalho em posição subalterna e/ou com baixa

remuneração, que cidadãos de países desenvolvidos não estariam dispostos a desenvolver, de forma que a mão de obra migrante poderia ser empregada nessas posições.

É dentro dessa linha teórica que se encontra o pensamento de Abdelmalek Sayad (1998; 2000). Ele acreditava que o fenômeno migratório não poderia ser entendido fora do quadro histórico geral que o provoca e o dá forma, nem fora das relações de poder entre as nações, ou sem considerar que os países mais ricos e mais fortes, os antigos colonizadores, os atuais donos do capital transnacional, são os mesmos que formatam discursos éticos e políticos que regem a atual ordem mundial.

Embora o principal grupo que Sayad estudou tenha sido os imigrantes que se deslocaram do norte da África para a Europa, de sua obra pode-se perceber alguns conceitos que facilmente se aplicam ao fenômeno migratório que esta pesquisa investigou. Sayad (2000) parte da premissa marxista que o crescimento do capitalismo, sua lógica de escassez, urbanização e a industrialização, estimulariam o êxodo rural que desemboca posteriormente em movimentos imigratórios e emigratórios no nível internacional. Esse movimento obedece à dinâmica da expansão dos mercados consumidores e a consequente maior necessidade de mão-de-obra (estrangeira, no caso dos países europeus). Neste contexto, países podem se tornar fornecedores de mão de obra emigrante ou receptores de mão de obra imigrante, conforme seu grau de industrialização. No entanto, Sayad (idem) aponta que existem aqueles que ao mesmo tempo podem ser países de emigração de seus próprios cidadãos que se deslocam para países mais ricos, quanto de imigração de pessoas vindas de países mais pobres (grupo esse em que o Brasil passou a se encaixar desde meados do século XX). Tomada a lógica do campo que fornece mão-de-obra para a cidade, no cenário mundial, tal dinâmica ainda permanece, dadas as proporções, quando se observa que os países do terceiro mundo fornecem mão de obra para os países desenvolvidos, a tal ponto que Sayad (Idem) afirma, que nos países desenvolvidos, dificilmente se encontrará imigrantes provenientes de países que não sejam do terceiro mundo<sup>33</sup>.

Para Sayad (2000), o migrante é dotado de uma dupla categoria, emigrante e imigrante. Isso porque todo aquele que imigra para dado país de destino, emigra de seu país de origem. Essa qualidade dupla transforma o imigrante em um indivíduo dotado também de uma dupla ausência; ausência de seu país de origem, pois, espacialmente já não está lá, e

---

<sup>33</sup> Embora tal expressão tenha caído em desuso, o termo foi mantido para melhor explicitar a lógica contida no pensamento formulado por Sayad.

ausência no país de destino onde sua existência se justifica apenas na qualidade de imigrante-trabalhador<sup>34</sup>. Sayad (idem) afirma que o imigrante é lembrado, a todo o momento, pela própria estrutura social, de sua condição subalterna e estrangeira, o que ao mesmo tempo justifica e intensifica a nostalgia associada ao seu país de origem.

Portanto, o retorno pode ser considerado quase que inerente ao projeto migratório de todo imigrante, pois ele simboliza não apenas o retorno à casa, às raízes, aos que foram deixados ou até mesmo como sinalização de uma migração que foi bem sucedida (e por isso encerrada), mas simboliza também o retorno à cidadania, ao contexto em que se pode ter uma significância para além do papel socioeconômico do imigrante-trabalhador (Sayad, *ibidem*).

No entanto, embora visto como a única solução viável para a cura da nostalgia (saudade da terra mãe), o retorno acaba se revelando como um projeto impossível, quando analisado segundo seu aspecto sociológico. De fato, toda a teoria formulada por Sayad (*ibidem*) é permeada pela dialética marxista. No caso específico do retorno, é possível perceber resquícios da dialética contida no pensamento de Heráclito de Éfeso<sup>35</sup>, quando Sayad afirma que não é possível voltar (retornar) ao país de origem no mesmo ponto de partida no tempo e se reencontrar neste momento, tanto ao que se refere ao espaço temporal, quanto ao espaço humano das pessoas que ficaram, bem como também na humanidade do próprio imigrante que retorna transformado pela vivência da migração.

O termo utilizado por Sayad para se referir à migração é a palavra árabe *el ghorba*, que segundo Mohammed ElHajji<sup>36</sup>, além de migração, pode significar também: pôr do sol, escuridão, exílio, saudade, afastamento, isolamento (no sentido do estado mental psicológico da imigração). *El ghorba*, na realidade do imigrante argelino que sai de seu país para imigrar até a França, está associado não à uma ótica metafísica, mas às consequências concretas que a colonização francesa – invasão imperialista fundamentada pela crescente máquina capitalista,

---

<sup>34</sup> Neste sentido, se refere à noção de que o país de destino recebe o imigrante para que ele ocupe o lugar específico do trabalho subalterno, que o nacional deste país não quer executar. Sayad parte do pressuposto que o imigrante do país pobre só é bem recebido quando para ocupar este espaço social específico: imigrante-trabalhador. A partir do momento que o imigrante ocupa um espaço além deste “designado”, sua estadia passa a não ser mais bem-vinda.

<sup>35</sup> Conhecido por ser o primeiro a tratar da noção de dinamismo e movimento, Heráclito de Éfeso (1973) ao explicar o eterno devir, afirmou que tudo flui, nenhum homem pode banhar-se no mesmo rio duas vezes, porque nem o homem e nem a água do rio já são os mesmos.

<sup>36</sup> Nota fornecida por Mohammed ElHajji em congresso intitulado “20 anos depois: a contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad” em São Paulo, em outubro de 2018.

que alcançou toda a África - acarretou para essa população. A imigração para os países desenvolvidos se torna um hábito social espontâneo, a partir do momento em que a própria terra natal se torna *el ghorba* e já não é mais capaz de garantir uma vida digna para sua população.

Assim, pode-se melhor entender quando Sayad fala que a ubiquidade (estar em dois lugares ao mesmo tempo) é o sonho de todo deslocado. Embora não seja algo humanamente possível de se realizar, ele diz que se trata de um sentimento coletivamente sustentado e presente na vida do imigrante.

“Porém, ilusoriamente, e por uma ilusão que é coletivamente sustentada por todos os parceiros envolvidos, os emigrantes-imigrantes em especial, seu grupo de origem ou sua sociedade, a sociedade de imigração (*illusio collusio*), o imigrante está aqui e lá, está presente e ausente ou, invertendo os termos, não está nem aqui e nem lá, nem presente e nem ausente. Está duas vezes presente e duas vezes ausente: aqui, ele está presente física e materialmente, de maneira corporal apenas, e ausente moral e mentalmente, em espírito; lá, ele está nos fatos, física, material e corporalmente ausente, mas está moral, mental, imaginaria e espiritualmente presente”(SAYAD, 2000, p.20)

Porque a presença do imigrante está intimamente (ou talvez, definitivamente) associada ao trabalho, além da insistente ideia de retorno, Sayad (2000) afirma que toda presença estrangeira dentro de um país é necessariamente (até mesmo do ponto de vista jurídico, se assim se optar analisar) provisória, mesmo que esse provisório não seja definido ou possa ser prolongado, a presença estrangeira não perdura. Igualmente se dá o sentimento de não pertencimento. No caso de imigrantes refugiados, exilados, banidos ou expulsos (podendo aqui até se fazer uma associação da expulsão não apenas à autoridades políticas, mas também à catástrofes naturais), a perspectiva de retorno é alterada. Estes imigrantes estariam mais propensos a uma instalação definitiva no país de destino ou estariam fadados à espera de que a realidade em seu país de origem se torne mais atrativa a seu retorno em algum momento que pode vir a não se realizar.

Fazito (2010) aponta que o retorno fundamenta, de forma simbólica, todo e qualquer projeto migratório. Uma vez que se trata de um aspecto essencial, mesmo que nunca venha de fato se cumprir, a ideia da volta circunscreve todo o movimento migratório, pois é “um elemento constitutivo da condição do migrante” (FAZITO, 2010, p.90). É a partir da ideia do retorno que se constroem as relações complexas que permeiam toda a experiência individual



do migrar. Por se tratar o retorno de um feito fisicamente possível em alguns casos, mas fenomenologicamente impossível, a condição de exílio traz feridas, como o temor da desonra (medo do julgamento que seus conterrâneos poderão fazer), a melancolia por se deparar com a impossibilidade de se voltar ao que era antes e também pode gerar isolamento e sentimento de solidão da sociedade de destino (Sayad, op.cit). O imigrante procuraria assim dissimular socialmente o não pertencimento (nem lá, nem cá), a impossibilidade de retornar, criando novas narrativas dentro de seu projeto migratório.

“Percebemos como, usando os recursos do aparelho tradicional, o informante [migrante] produz o próprio modelo do mecanismo segundo o qual se reproduz a emigração e no qual a experiência alienada e mistificada da emigração [dissimulação] preenche uma função essencial. O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração que todo o grupo se esforça por manter (os emigrantes que selecionam as informações que trazem quando passam algum tempo na terra; os antigos emigrantes que “encantam” as lembranças que guardaram da França; os candidatos à emigração que projetam sobre a França suas aspirações mais irrealistas, etc.) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica.” (SAYAD apud FAZITO, 2010, p.92)

Portanto, mesmo que impossível ou improvável, a expectativa do retorno é responsável pela materialização de ações, valores, diretrizes e comportamentos dos indivíduos imigrantes. Essa materialização é o que configura e reconfigura a dinâmica das relações dentro das redes migratórias e até mesmo do projeto pessoal de cada migrante. Diante disso, no próximo seguimento, se buscará analisar mais detidamente o conceito de rede migratória.

### **3.4. Redes migratórias**

De acordo com Soares (2017), o ambiente social pode ser compreendido como uma malha formada por fios condutores que conectam as interações sociais. Segundo ele, nada acontece de forma absolutamente independente ou não correlacionada por esses fios. Na literatura que se refere à antropologia e à migração esses fios condutores são chamados de redes sociais. Essas redes são responsáveis pelas relações e conexões sociais que acontecem entre os atores de um determinado ambiente.

“Cada uma das redes que integra certo ambiente social define-se por um tipo de relação que a fundamenta. As redes funcionam como circuito de tráfego nesse ambiente, como trajetórias relacionais possíveis e prováveis que ligam certos atores e fornecem oportunidades e constrangimentos à ação individual; isto é, a ação individual inscreve-se na pauta de práticas sociais construída socialmente – o ator serve-se de uma lista de prováveis opções e faz a melhor escolha de acordo com os meios que dispõe.” (SOARES, 2017, p.104).

Os atores de uma rede social podem ser tanto indivíduos, quanto organizações. Cada indivíduo necessariamente faz parte de ao menos uma rede social que é responsável por sua relação de interação com seu ambiente local e que, por sua vez, está hierarquicamente inter-relacionada com uma rede social mais ampla e complexa. As redes se relacionam entre si, guardadas suas proporções, de forma a conectarem toda a aldeia global da comunidade humana (FUSCO, 2017).

São diversos os tipos de interações sociais que acontecem entre os atores sociais. As redes migratórias são um tipo de rede social e são definidas por Massey (1987, apud FUSCO, 2017, p.1) como:

(...) um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem imigrantes e não imigrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados.

As redes migratórias são então conjuntos de pessoas que associadas, seja por laços de parentesco, amizade ou trabalho, auxiliam umas às outras tanto na construção do projeto migratório, quanto na efetivação deste no país de destino. Uma vez que a migração inclui uma pluralidade de riscos, desde a preocupação com moradia, trabalho e segurança pessoal, as redes fornecem informações e apoio que podem minimizar esses perigos.

Disso depreende-se que das múltiplas possibilidades que o migrante possui de, teoricamente, se deslocar para qualquer localidade no planeta, suas opções passam a ser limitadas pelas localidades onde existem redes que possam sustentar sua opção (SASAKI, 2000).

“Não é a rede pessoal do ator que determina a migração, mas são as articulações estabelecidas por essa rede com outras redes sociais organizadas

consoantes o principio compartilhado de migrar, em associação com fatores de ordem social, econômica, política, simbólica, afetiva, etc., que tornam a migração provável: se o migrante potencial não estiver inserido na rede migratória internacional, se a rede pessoal dele não abrigar os laços/conexões que permitam acionar essa rede migratória, é pouco provável que a migração se dê, é preciso que o ator tenha laços ‘certos’ com os atores ‘certos’” (SOARES, 2002,p.105).

A rede migratória interliga imigrantes e não-imigrantes em uma malha de interações sociais, culturais, econômicas, simbólicas, etc. Por ela fluem as expectativas mútuas e por ela também se conectam o país de origem e o país de destino. A tendência é que as redes migratórias sejam cada vez mais autossuficientes devido ao capital social que ela gera. Por meio da rede migratória, é possível organizar mecanismos que diminuem os custos financeiros e físicos da experiência migratória (SOARES, idem). Além disso, as redes revelam que, na contemporaneidade, os processos migratórios não envolvem mais a quebra ou diminuição das relações com o país de origem. Percebeu-se que alguns imigrantes conseguem manter laços de ajuda e convivência com pessoas em outros países, o que traz à tona a existência de imigrantes e comunidades transnacionais, conceitos que serão apresentados no item a seguir.

### 3.5. Transnacionalismo

O desenvolvimento tecnológico do último século transformou drasticamente o comportamento migratório das populações. Tal avanço intensificou a dinâmica da globalização, criando espaço para que atividades transnacionais ganhassem força. É nesse contexto que surge o transnacionalismo como objeto de estudo e disciplina. De fato, este se trata de um fenômeno complexo ao qual convergem vários fenômenos históricos, tais como: a globalização do capital, a revolução tecnológica e transformações políticas como o período de descolonização e a expansão de redes sociais de trabalho (CASTRO, 2005; PORTES, 1998; CAVALCANTI, 2013; SINATTI, 2008; VALDERRAMA, 2007;).

Segundo Castro (2005), a teoria transnacional concentra-se na problemática da população de imigrantes que não consegue empreender completa integração (ou não conseguem se assimilar, como sugeria o conceito do *melting pot*) no país de acolhimento e continuam a manter grande ligação econômica, cultural e política com seu país de origem. Esta teoria nasceu na década de 1980, e embora não tenha trazido consigo mudanças tão

profundas, sua importância se deve ao fato de ter estabelecido certas bases necessárias para que se pudessem analisar fenômenos de migração associados ao campo da cultura.

Transnacional significa a maneira como o local chega a ser global e também como todas as partes do mundo estão agora mais conectadas por meio dos mercados econômicos, da disseminação de informações e homogeneização cultural. Neste sentido, as migrações transnacionais demonstram como as pessoas adquiriram a capacidade de construir novas configurações culturais, sendo uma delas as comunidades transnacionais. De acordo com Castro (2005), essas comunidades se originam da necessidade de se manter uma simultaneidade de compromisso com os lugares de origem e os de destino, produzindo novas formas de configurações territoriais e culturais; bem como também implicam, que aqueles que vivem nesses campos culturais estão expostos às expectativas tanto da sociedade de origem como a de acolhimento. É importante destacar que a globalização possibilita aos sujeitos manter vínculos com suas comunidades de origem de forma autônoma, sem depender do estado e com persistência e reinvenção de formas culturais e de costumes.

Laura Velasco (apud CASTRO, op.cit) afirma que existem três níveis de transformação na construção das comunidades transnacionais: Primeiro existem mudanças nas relações estruturais da “comunidade-território” local com os sistemas sociais mais amplos. Essas mudanças se referem à forma como se estabelecem e negociam as relações das comunidades territorializadas e aqueles espaços onde estas o deixam de ser. Em segundo lugar, ocorrem transformações nos sistemas de práticas da própria comunidade, associadas aos sistemas de prestígio, solidariedade e coesão, as quais são modificadas para incluir novas relações entre espaços originários e lugares de destino. E, em terceiro lugar, há outro tipo de transformação que consiste nos novos sentidos que a consciência comunitária adquire e que são expressas por meio de projetos culturais que transbordam o território nacional e o local.

O território não foi excluído do conceito de comunidade, mas seu paradigma mudou. Toda comunidade transnacional de imigrantes empiricamente tem um referente territorial e histórico, e ele é um referencial importante para compreender os fenômenos culturais e políticos, afirma Castro (idem). No entanto, ele deve ser problematizado. Todo migrante leva o território consigo juntamente com seus objetos materiais, em sua memória, etc. Os espaços viajam, a tal ponto que se pode encontrar grande variedade de espaços transnacionais, de plurilugares de onde os imigrantes nutrem suas experiências mais simples até suas expressões mais políticas. O espaço deve ser analisado com uma nova lente de observação, para que se

possa compreender como a territorialidade fragmentada é rearticulada por meio da experiência individual e coletiva dos imigrantes em um espaço de significação mais amplo, o espaço social da comunidade local ou regional.

De acordo com Portes (1999), para se compreender tal fenômeno transnacional, deve-se tomar como unidade de análise o indivíduo, já que o estudo que tem como ponto de partida a história e as atividades dos indivíduos é a forma mais eficiente de aprender sobre o fundamento institucional do transnacionalismo e seus efeitos estruturais. Portes (idem) distingue dois tipos de transnacionalismo, de cima (*from above*) e de baixo (*from below*). Eles se distinguem quanto ao foco de análise: ao passo que no transnacionalismo de cima as atividades transnacionais são iniciadas e conduzidas por poderosos atores transnacionais, o transnacionalismo de baixo é resultado de iniciativas vindas da base, dos próprios imigrantes e as contrapartidas de seus países de origem.

Portes (idem) ressalta que a migração de retorno e visitas periódicas ao lar de origem sempre existiram, ao menos no contexto dos trabalhadores imigrantes livres e aponta que foram exatamente os trabalhadores estrangeiros livres do século XIX os precursores contemporâneos de atividades transnacionais, pois realizavam movimentos circulares organizados através de fronteiras de forma massiva, em um momento de relativo avanço do capitalismo industrial em que se expandiu a indústria e a agricultura comercial.

Portes (ibidem) indica três proposições que conceituam e podem resumir o fenômeno transnacional:

- O aumento das atividades transnacionais está relacionado com a lógica da expansão capitalista. Os avanços tecnológicos em transportes de longa distância e comunicações facilitaram a exploração de oportunidades. A classe dos empreendedores internacionais surge como forma de construir uma ponte entre as necessidades do migrante e da população dos países natais. A demanda por notícias e informações, comida e produtos culturais do país de origem é grande em comunidade expatriadas, enquanto o desejo por produtos eletrônicos e investimento financeiro é generalizado na população que fica pra trás. Os imigrantes oferecem uma pronta solução ao adquirir esses produtos desejados e mandá-los para a família e amigos a preços acessíveis.
- Comunidades transnacionais representam um fenômeno que rompeu com as expectativas convencionais de assimilação do migrante. A assimilação cultural do migrante dependeu, no passado, de sucesso econômico e status social, o que garantia a entrada desse indivíduo nos

principais círculos da sociedade de acolhimento. No entanto, atualmente, essa assimilação depende mais do cultivo de fortes redes de contato sociais, por meio das fronteiras nacionais. Essa via alternativa ao sucesso econômico possibilita uma nova forma de adaptação não só do imigrante, como também de seus filhos.

●Empreendimentos transnacionais são abastecidos pela dinâmica do capitalismo, eles têm maior potencial de resistência tanto individual, quanto em grupo, à estrutura dominante. A expansão internacional do capitalismo em busca de maiores mercados e mão-de-obra mais barato levou à tentativas de resistir à tal depredação. Portes cita o movimento “padrões laborais” que procurou parar a transferência de indústrias de baixa tecnologia para países pouco desenvolvidos, ao impor padrões laborais de primeiro mundo à essas nações.

Para enriquecer ainda a discussão sobre transnacionalismo, é interessante sublinhar que para Cavalcanti (2013) os movimentos transnacionais são fluxos poliédricos de pessoas, objetos, informações e símbolos, para além das fronteiras nacionais. Essas práticas mostram como o migrante constrói e reconstrói sua vida em mais de uma sociedade ao mesmo tempo. A prática transnacional transcende as teorias que concebem a migração como um fenômeno unidirecional, baseadas na premissa de que o migrante e seus descendentes rompem com seu país natal.

Cavalcanti (idem) afirma que o conhecimento é móvel e transita em tempo real, bem como o trabalho que adquire mobilidade própria e se transforma em um recurso global na imigração. Os imigrantes já não são mais unidirecionais (saem de seu país de origem para o de acolhimento) ou bidirecionais (fazem o movimento de ida e volta), eles são circulares ou poliédricos, transitam em todas as direções no espaço. Todos esses fluxos, por seus impactos e alcances diferenciados, podem ser considerados globais.

No entanto, a conformação de alguns movimentos, práticas sociais, políticas, econômicas, culturais, etc., por meio dos quais os imigrantes formam seus espaços sociais em mais de um estado-nação, são definidos por ele como transnacionais e não globais. Os imigrantes contemporâneos estabelecem vínculos e práticas com suas contrapartes em seus países de origem caracterizando assim o transnacionalismo. Até mesmo o retorno temporário neste contexto está imerso na dinâmica da circularidade e das relações transnacionais atuais em que se entrelaçam as sociedades de origem e a de assentamento (Cavalcanti, op. cit).

Os laços que unem os imigrantes aos seus lugares de origem e destino fomentam a construção de espaços sociais que transcendem as fronteiras, não só geográficas, como

culturais, sociais, políticas, etc., de forma que esse pertencimento “duplo” deslegitima falar de um retorno permanente no sentido clássico do termo, principalmente para os imigrantes que desenvolvem atividades no campo social transnacional (Cavalcanti, op. cit). Cassarino (apud Cavalcanti, 2013) também aponta que o retorno deve ser pensado com um enfoque que o apresente como uma etapa a mais do ciclo migratório, a partir de padrões circulares sustentados em duplas identidades que não estão fixadas nem no lugar de origem, nem no lugar de destino e que geram um constante intercâmbio de recursos.

Valderrama (2007) destaca que as comunidades transnacionais formadas a partir dos movimentos transnacionais se caracterizam por uma dinâmica em que não só os imigrantes, mas também as pessoas que permanecem no país de origem e os nacionais dos países de acolhimento estão ligados por densos laços sociais e simbólicos e que, através do tempo e do espaço, formam redes e circuitos nos países de origem e de destino, com base na solidariedade (SINATTI, 2008). No entanto, Valderrama (idem) ressalta também que é preciso se pensar em um conceito de comunidade transnacional que ultrapasse a dualidade territorial de origem e destino, incorporando à comunidade transnacional os imigrantes da mesma origem que residem em diferentes países, mas estão interligados por relacionamentos através da telemática e da mídia.

### 3.5. Diáspora haitiana

Ramírez (2017) define diáspora como a dispersão/deslocamento “de pessoas para fora do seu local de origem, que mantém vínculo com esse espaço e criam uma consciência de identidade de grupo apelando para a memória coletiva”. O termo provém do grego (*sperio*: semear; e *día*: sobre) e estava até o século XX fortemente associada, no imaginário coletivo, à imagem bíblica de dispersão do povo judeu, carregando então consigo a noção pejorativa de perda e a ideia de pertencimento de grupo. É só no século XX que o conceito passa a ser estudados pelas ciências sociais contemporâneas, perdendo assim um pouco da carga mística que o termo carregava.

No que se refere ao fenômeno migratório haitiano, o termo diáspora tem outros significados. De acordo com Handerson (2015a), diáspora ou *dyaspora*<sup>37</sup>, trata-se de “um

---

<sup>37</sup> Grafia do termo em crioulo haitiano

termo polissêmico. Geralmente a palavra é utilizada para designar os haitianos residentes no exterior e que voltam ao Haiti. Também é utilizado como adjetivo para qualificar objetos, dinheiro, casas e ações”. O termo é polissêmico porque no campo semântico ele é o resultado da articulação de três verbos relacionados “residir” no exterior, “voltar” ao Haiti e “retornar” ao exterior.

“As músicas haitianas produzidas *aletranje* [em país estrangeiro] são chamadas músicas de *diaspora*. As roupas enviadas são chamadas *rad diaspora* (roupa *diaspora*); o dólar americano e o euro, *lajan diaspora* (moedas *diaspora*); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos etc), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes etc) do exterior com os do país, são denominadas *kay diaspora* (casas *diaspora*). A categoria *diaspora* também serve para qualificar ações, como nas expressões: *W’ap fè bagay diaspora* (Está fazendo coisa de *diaspora*), *Ou sèvi tankou diaspora*, (Você funciona como *diaspora*), *Ou aji menm jan ak diáspora* (Você age da mesma forma que *diaspora*)”. (HANDERSON, 2015a, p.40)

Segundo o autor, os estudos sobre imigração e diáspora haitiana tiveram início nos anos 90, em países como EUA, França, Canadá e na região do Caribe, isto porque a maioria dos quase 5 milhões de haitianos imigrantes (quase metade da população total do Haiti) espalhados pelo mundo, se concentravam principalmente nestes países. Destes 5 milhões de emigrados, ao menos 300 mil migrantes retornam ao Haiti anualmente no período de férias ou para participar de festividades.

Em seu estudo de campo e também momentos de sua vida pessoal, Handerson (2015) afirma que certas expressões associadas à mobilidade humana fazem parte do mundo social haitiano.

“Tenho de viajar um dia para *peyi etranje* [País estrangeiro], ‘Desde que nasci, meu sonho era partir um dia’, ‘Antes de morrer com certeza vou partir’(...) ‘Tenho que ... um dia’, ‘Desde que nasci...’, ‘Antes de morrer ...’, esses três verbos nascer, ter e morrer descrevem como a mobilidade se constitui numa ‘obrigação’, como ‘algo predestinado’ e num ‘sonho’ a ser realizado. Não seria um exagero dizer que o sonho da maioria da população é *pati* (partir) ou *vwayaje* (viajar) ou afirmar que seria quase impossível encontrar uma casa no Haiti da qual não há um membro dela no exterior, as casas e as redes familiares geralmente têm, no mínimo, alguém no *peyi etranje*.” (HANDERSON, 2015a, p.68)



Pode-se dizer que a cultura da mobilidade internacional haitiana tem raízes profundas. Para Handerson(idem), essa herança remonta ao período pós-independência em que se deu início um tipo de migração diferente da que a ilha havia conhecido até então com a colonização/escravidão. Desde o século XVIII, os grupos populacionais privilegiados, na sua maioria compostos por haitianos mulatos que permaneceram como a elite que comanda os centros de poder, passaram a regularmente enviar seus filhos para estudar na França, já que o Haiti carecia de um sistema de ensino padronizado e satisfatório. Assim, para compreender a diáspora haitiana, é preciso ir além da perspectiva do mero movimento de deslocamento da emigração, no sentido simples de sair de um ponto para chegar a outro, pois é a noção de mobilidade que permite descrever essa itinerância que molda as vidas haitianas, colapsando as escalas local, nacional e transnacional num único espaço social pelo qual transitam pessoas, moedas e mercadorias(NEIBURG, 2013).

De acordo com Glick-Schiller (apud HANDERSON, op cit), o conceito da diáspora se popularizou na década de 1980 entre os imigrantes haitianos que viviam em Nova Iorque. O termo traduzia o sentimento de identificação que conferiu unidade aos imigrantes que protestava contra a ditadura de Duvalier. A movimentação política que se construiu em volta do termo foi crucial não só para a articulação de manifestações pontuais, mas para toda a formulação de uma agenda política em si. Quando haitianos exilados durante a ditadura começaram a retornar ao Haiti em 1986, o termo se popularizou no país também. Além da luta contra a ditadura, haitianos se utilizaram do termo diáspora para legitimar também a luta contra o racismo nos EUA e até mesmo como sinal de distinção entre negros haitiano e negros americanos, que eram socialmente perseguidos. É possível perceber então, que o termo diáspora possui além do componente migratório, o aspecto político, bem como o social, econômico, histórico e moral.

No sentido histórico-político, o diáspora é aquele reside por muito tempo ou permanentemente fora do Haiti, mas que mantém relações contínuas com o país, principalmente por meio do envio de remessas. A restrição da dupla-nacionalidade promulgada pela Constituição haitiana de 1987, se interpõe como obstáculo na participação ativa do diáspora nas questões sócio-políticas do país. Mesmo inserido em uma situação de migração a longa distância, o diáspora haitiano não apenas deseja, como também é chamado pelo governo, instituições locais e instituições familiares, a participar ativamente da vida e decisões locais de seu país. Neste sentido, este imigrante é capaz de extravasar a relação

tradicional de estado-nação e território, conseguir exercer seu nacionalismo extraterritorialmente.

Por fim, o aspecto social da célula familiar, é essencial para caracterizar a diáspora. Afirma Handerson (op. Cit.) que, embora para ser considerado diáspora o haitiano precisa permanecer um período relativamente longo fora do país, ao mesmo tempo ele precisa retornar temporariamente para o Haiti, para a manutenção e reafirmação dos laços afetivos com o país, legitimado por meio da ligação familiar. O retorno<sup>38</sup> tem que ser acompanhado de sucesso econômico no país de destino, mas não é o desempenho econômico que fortalece tal ligação, e sim o sentimento de pertencimento tanto do emigrante, tanto da família da qual ele faz parte, e é por meio da família que os processos de mobilidade acontecem e se reproduzem.

### 3.6. Considerações finais sobre o capítulo

Neste capítulo buscou-se dissecar aspectos conceituais que surgiram ao longo do processo de delimitação do tema desta pesquisa e também durante as entrevistas que sucederam no trabalho de campo. Todos estes conceitos dialogam entre si, ora evidenciando características presentes no fenômeno migratório global, ora ressaltando elementos que estão mais presentes das migrações no sentido sul-sul, e em outros momentos trazendo à tona certas características que ocorrem apenas no fluxo migratório haitiano. O objetivo deste capítulo é, além de facilitar a compreensão de certos eventos próprios do movimento migratório, viabilizar uma visão mais clara das tipologias migratórias que serão apresentadas a seguir na seção da análise dos dados.

---

<sup>38</sup> Handerson explica que o retorno temporário é buscado, mas nem sempre será uma empreitada possível de se realizar. Para o haitiano que permanece em situação não documentada fora do país, o retorno temporário pode ser considerada uma façanha impossível de se realizar sem riscos de não poder reemigrar novamente. Ainda assim, há haitianos que se arriscam.

## ANÁLISE DOS DADOS

O projeto migratório é um plano de ação que se constrói continuamente de forma dinâmica. Na atualidade ele se dá de forma diferente de como acontecia no passado, isto é, de forma não definitiva. No momento atual, influenciado pelas inovações tecnológicas que favorecem a globalização e conseqüentemente também a mobilidade, o projeto migratório é elaborado e reelaborado de forma ampla e em constante diálogo com as esferas micro e macro. Neste capítulo busca-se analisar os dados encontrados em campo, em face da revisão de literatura sobre projeto migratório e os conceitos à ele correlacionados. Para tanto, serão apresentados os relatos de aproximação do campo, tanto para a realização do grupo focal, quanto das entrevistas e em seguida explicadas as categorias de análise – sejam elas: Negociação familiar, Táticas de reelaboração, Redes migratórias, Diáspora haitiana - que foram elaboradas a partir dessas narrativas, de forma a poder traçar um quadro geral sobre as principais características do projeto migratório do coletivo haitiano.

### 4.1. Relato sobre a aproximação do campo – Grupo Focal

O Grupo focal realizado em Curitiba aconteceu na sala de reuniões da pós-graduação do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná - UFPR, com a participação de 21 imigrantes, entre às 14h e às 17h30 de um sábado, em agosto de 2018. Optou-se por tal data e hora também tendo em vista o dia em que a maioria dos participantes estaria livre de suas atividades. Os 21 participantes foram reunidos por meio do contato do doutorando em Sociologia, Pedro Marchioro, que já realiza pesquisa com um grupo de imigrantes na universidade. A maioria dos participantes deste GF estuda na UFPR e/ou faz parte de associações de imigrantes haitianos<sup>39</sup>. Boa parte dos imigrantes falava português, mas um número significativo deles falava unicamente francês ou crioulo haitiano, o que representou um entrave para a completa compreensão de alguns dados e por causa disso, algumas informações da Tabela 8 encontram-se em branco.

---

<sup>39</sup> Em Curitiba existem pelo menos duas associações de imigrantes haitianos, a Associação dos Haitianos de Curitiba e a Associação para a Solidariedade dos Haitianos no Brasil – ASHBRA. Nesta pesquisa foram entrevistados imigrantes membros das duas associações.

A maior dificuldade para a realização do GF se deu devido ao grande número de imigrantes que compareceu no dia marcado. Para a realização de um grupo focal, a expectativa é que estejam presentes entre 8 e 12 pessoas, pois tendo em vista que o objetivo da reunião é que haja a discussão de temas entre os próprios imigrantes, um número menor que esse pode fazer com essa dinâmica seja pouco estimulada, enquanto que um número maior que esse pode prejudicar a participação de todos igualmente. Assim, a presença de 22 imigrantes, o dobro do esperado, fez com que a reunião se estendesse além do previsto, e que nem todos os imigrantes pudessem participar igualmente da discussão. As falas se concentraram nos imigrantes que eram mais fluentes em português e que desempenhavam algum papel político (trabalhando em alguma das associações, por exemplo). Houve registro em áudio e vídeo do GF com a anuência dos participantes, por meio da assinatura de documento de consentimento. Da mesma forma, a identidade dos participantes será preservada por meio do uso de nomes fictícios. O GF foi mediado pelas mestrandas Lorena Pereda e Carolina de Almeida Pereira, e pelo doutorando Pedro Marchioro.

Abaixo (Tabela 8) apresentamos algumas características dos participantes do GF conduzido em Curitiba.

**Tabela 7 - Características demográficas dos participantes no Grupo Focal – Curitiba**

Entrevistado	Sexo	Situação Familiar	Chegada ao Brasil	Situação Laboral
Entrevistado 1	Masculino	Casado	2016	Empregado
Entrevistada 2	Feminino	Solteira	2018	Desempregada/ Estudante
Entrevistada 3	Feminino	Solteira	2014	Desempregada/ Estudante
Entrevistada 4	Feminino	Solteira	2015	Desempregada/ Estudante
Entrevistado 5	Masculino	Casado – 3 filhos	2018	Desempregado/ Estudante (Doutorando)
Entrevistado 6	Masculino	Solteira	2018	Desempregado

Entrevistado 7	Masculino	Casado – 1 filho	2013	Empregado
Entrevistado 8	Masculino	Solteiro	2012	Empregado
Entrevistado 9	Masculino	Casado	2014	Estudante (não sabemos a ocupação)
Entrevistado 10	Masculino	Solteiro	-	Estudante (não sabemos a ocupação)
Entrevistada 11	Feminino	Casada	2016	Estudante (não sabemos a ocupação)
Entrevistado 12	Masculino	Solteiro	2014	Empregado
Entrevistado 13	Masculino	Solteiro	2013	Empregado
Entrevistado 14	Feminino	Solteiro	2013	Empregado/ Estudante
Entrevistado 15	Masculino	Solteiro	2018	-
Entrevistada 16	Feminino	Casada – 2 filhas	2014	Empregada
Entrevistado 17	Masculino	Solteiro	2014	Empregado/ Estudante
Entrevistado 18	Masculino	Solteiro	2014	Estudante (não sabemos a ocupação)
Entrevistado 19	Masculino	Solteiro	2013	Empregado/ Estudante
Entrevistada 20	Feminino	Divorciada – 2 filhas	2010	Empregada/ Estudante
Entrevistada 21	Feminino	Casada - 3 filhos	2015	Desempregada
Entrevistado 22	Masculino	Solteiro	2012	Desempregado/ Estudante

Fonte: dados coletados pelo grupo de pesquisa do LAEMI

## 4.2. Relato sobre a aproximação do campo – Entrevistas individuais

As entrevistas realizadas em Curitiba aconteceram nos dias subsequentes ao GF. A maioria delas foi realizada em cafés e padarias no centro da cidade, com uma duração aproximada de mais ou menos uma hora. O contato desses imigrantes foi conseguido por meio dos participantes do GF, assim, a maioria dos entrevistados também fazia parte de alguma das associações dos imigrantes haitianos e/ou estudava na UFPR. Os imigrantes que foram entrevistados individualmente possuíam bom domínio da língua portuguesa ou de espanhol.

As entrevistas foram realizadas pelos entrevistadores em trios ou pares e foram registradas em áudio com a anuência dos participantes, desde que suas identidades fossem preservadas. O termo de consentimento, o roteiro das entrevistas e o quadro com os nomes fictícios e breves características de todos os entrevistados constam nos anexos. As entrevistas foram realizadas pelo doutorando Pedro Marchioro, pelas mestrandas Lorena Pereda e Carolina de Almeida Pereira, e pelo graduando Jállison Carvalho.

Abaixo (Tabelas 9 e 10) apresentamos algumas características dos participantes das entrevistas que aconteceram em Curitiba.

**Tabela 8 – Características demográficas dos entrevistados I – Curitiba**

Entrevistado	Idade	Sexo	Situação Familiar
Entrevistada 1	23	Feminino	Solteira
Entrevistado 2	40	Masculino	Solteiro – 2 filhos (Um no Haiti, outro no Brasil)
Entrevistado 3	44	Masculino	Casado – 3 filhos (Estão na República Dominicana)
Entrevistado 4	38	Masculino	Casado – 3 filhos (A esposa e dois filhos estão no Brasil, o terceiro está no Haiti)
Entrevistado 5	33	Masculino	Solteiro

Entrevistado 6	-	Masculino	Casado - 1 filho (No Haiti)
Entrevistado 7	26	Masculino	Solteiro
Entrevistada 8	28	Feminino	Casada – 1 filho (Estão no Brasil e o filho é brasileiro)
Entrevistada 9	24	Feminino	Solteira
Média	32		

Fonte: dados coletados pelo grupo de pesquisa do LAEMI

**Tabela 9 – Características demográficas dos entrevistados II – Curitiba**

Entrevistado	Cidade de origem	Data de chegada	Situação Laboral
Entrevistada 1	Porto Príncipe	2018	Desempregada
Entrevistado 2	Gonaives	2012	Empregado
Entrevistado 3	Santo Domingo – República Dominicana	2018	Desempregado/Estudante (Doutorado)
Entrevistado 4	Gonaives	2010	Empregado – Recepcionista
Entrevistado 5	Gonaives	2013	Empregado – Professor de francês
Entrevistado 6	Marchand Dessalines	2015	Empregado – Estoquista de um supermercado
Entrevistado 7	Porto Príncipe	2013	Desempregado/Estudante (Graduação)
Entrevistada 8	Marchand Dessalines	2013	Desempregada
Entrevistado 9	Porto Príncipe	2013	Empregada – Caixa de supermercado

Fonte: dados coletados pelo grupo de pesquisa do LAEMI

### 4.3. Categorias de análise

As categorias de análise mostradas a seguir consistem na apresentação do resultado da análise dos dados encontrados em campo iluminados pelos conceitos proporcionados pela

discussão do marco teórico. A intenção dessas categorias é agrupar determinadas características que se apresentaram comuns aos projetos migratórios dos haitianos entrevistados, no que se refere à motivação para a migração, o planejamento e contexto antecedente ao deslocamento, as rotas escolhidas e o auxílio de redes de informações.

#### 4.3.1. Diáspora haitiana

A diáspora haitiana foi escolhida como primeira categoria de análise a ser apresentada porque se percebeu que ela permeia todas as outras. Quando questionado o porquê da vinda até o Brasil, antes de explicar os atrativos do país, a maioria dos imigrantes, principalmente os mais jovens, respondiam que já haviam crescido com a ideia de morar em outro país, ou, ao menos, conhecer outras culturas desde quando era criança.

“Por exemplo, se eu for falar do meu caso, não foi que eu levantei um dia e pensei ‘Vou para o Brasil’, desde pequenininho a gente tinha a ideia de viajar. Mas não era especificamente o Brasil que a gente ia escolher. Na minha cidade quando a gente cresce, existe uma palavra que se chama diáspora que é quando uma pessoa viajou pouco tempo e constrói uma casa, quando ele voltar, volta como presidente do mundo.” (Wilkens, Grupo focal).

É importante perceber que na frase “Mas não era especificamente o Brasil que a gente ia escolher”, a construção verbal utilizada, embora seja conjugada no singular possui a ideia de plural/coletivo, revelando o que foi percebido também em diversos outros momentos: que a escolha do país de destino não se trata de uma escolha pessoal, mas trata-se de uma negociação feita em grupo. Esse assunto, no tocante à negociação familiar, será explicitado mais detalhadamente no item 4.3.2., que analisa o processo de formulação do projeto migratório, antes da saída do Haiti. O mais relevante aqui é perceber que a escolha não é feita isoladamente, porque a diáspora consiste em um fenômeno cultural e coletivo. Handerson (idem) explica que para que ela aconteça alguns precisam migrar, enquanto outros precisam necessariamente ficar no lugar de origem.

A fala de Wilkens suscita também outro aspecto muito importante e bastante constante no que diz respeito à diáspora haitiana, a questão da casa diáspora. Segundo Bruneau (apud HANDERSON, 2015b, p.270), “construir uma casa torna-se frequentemente um objetivo essencial para as famílias na diáspora.”, isso porque a casa diáspora, além de ser um forte



símbolo de laço com a terra natal, também se traduz em um importante símbolo de sucesso. A casa diáspora é, portanto, reconhecida coletivamente como um elemento chave do imigrante que saiu do país e obteve sucesso fora dele. Handerson (2015b) conta que durante seu trabalho de campo, um guia haitiano responsável por levá-lo até os lugares onde realizaria as entrevistas em uma cidade chamada Fonds-des-Nègres, caminhava pelas ruas e ao mesmo tempo em que ia apresentando as pessoas, também lhe apresentava as casas:

‘Essa é uma *casa diaspora* do fulano que vive na Guiana Francesa’; ‘Aquela outra é uma *casa diaspora* de sicrano que vive na França’. Percebi o uso do adjetivo *diaspora* para qualificar determinadas casas, sempre aquelas dos proprietários residentes, nas palavras dele, *aletranje*, isto é, no exterior. Ao contrário das outras onde os proprietários viviam em Fonds-des-Nègres chamadas apenas de *kay* (casa). (HANDERSON, 2015a, p.274)

A casa diáspora se difere da casa local até mesmo quanto à arquitetura. Ao passo que a casa local mantém o arquétipo da tradição local (Tomando como local Fond-des-Nègres, cidade relativamente nova – criada em 2003- do interior do Haiti, com uma população de quase 30 mil pessoas e que fica distante da capital Porto Príncipe<sup>40</sup>), com a localização do banheiro fora da casa, geralmente no fundo do quintal, por exemplo, na casa diáspora os banheiros são construídos dentro das próprias casas. Handerson (idem) ressalta a dinâmica transnacional que transpassa a construção das casas, isto é, ela se dá por meio da coordenação entre o imigrante, que está fora do país, e seu familiar (pessoa com quem mantém laços de afeto) que permanece no Haiti.

‘A imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade’ (SAYAD, 1979, p.49)

Este trecho retirado do artigo de Abdelmalek Sayad denominado “O que é um imigrante” é capaz de ilustrar bem a dinâmica do imigrante haitiano que vive a diáspora. Cabe lembrar, como já demonstrado pelo trabalho de Handerson (2015a), que o termo diáspora vai muito além do herdado pela tradição judaico-cristã. Ele abrange todo o universo de elementos

---

<sup>40</sup> [http://www.ihsi.ht/pdf/projection/POPTOTAL&MENAGDENS\\_ESTIM2009.pdf](http://www.ihsi.ht/pdf/projection/POPTOTAL&MENAGDENS_ESTIM2009.pdf)

de um imigrante, que agrega ao seu projeto migratório, não apenas seus próprios desejos pessoais, mas a expectativa de sua família, de seu círculo social e até mesmo de seu país. O haitiano que vive a diáspora migra de acordo com um padrão mais ou menos definido, isto é, ele precisa ficar um período considerável fora do Haiti, tempo suficiente para que ele desenvolva seu próprio capital, tanto financeiro quanto pessoal. No entanto, esse período fora do Haiti é marcado por momentos de retorno ao país de origem para visita. Durante as entrevistas, Malia afirma que precisa ainda “ter mais tempo no Brasil”, que pensa em voltar ao Haiti, mas só de “vai e vem”, para visitar seus pais que ficaram lá.

Outros imigrantes possuíam discurso similar ao de Malia, e embora poucos o associassem à dinâmica da diáspora, a presença dela é muito evidente em dois tipos de falas: daqueles que sentem a necessidade de voltarem bem sucedidos ao Haiti e daqueles que cresceram com a ideia de que o sucesso está vinculado com a imigração.

O sucesso pessoal por si só é um elemento importante em qualquer projeto migratório, nas palavras de Begory, embora o objetivo buscado ao imigrar não seja alcançado no país de destino, voltar para o Haiti mesmo se tendo orçamento para isso, porém sem ter realizado nenhum feito não é uma opção bem vinda, “Eu não queria voltar do jeito que saí! Não, se for para voltar, pelo menos eu vou voltar com um estudo. Então eu comecei a faculdade e acabei ficando”. Mas, para Odelin tal sucesso vai mais além do seu espectro pessoal.

O discurso de Odelin expressa marcadamente a ligação que ele manteve com o Haiti. Diversas vezes ele falou sobre ajudar a salvar o Haiti da má governança e da situação econômico-política instável. Estudante de Relações Internacionais, ele afirma que gosta de desenvolver seu papel social e trabalhar com pessoas. Quando perguntado com o que gostaria de trabalhar depois de formado, Odelin diz que quer trabalhar com relações internacionais por alguns motivos. Uns dos motivos ele diz que não revelaria, por ser de cunho pessoal, no entanto, o motivo principal é que ele quer ajudar na reconstrução do Haiti, auxiliando diretamente as relações diplomáticas e comerciais do país. Retornou algumas vezes ao Haiti para visitas e acredita que em seu retorno poderá, por meio de seu sucesso pessoal, agregar vantagens à situação política do país, assim, pode-se dizer que sua migração tem o objetivo duplo do favorecimento pessoal que se estende à coletividade com quem se mantém ligado, mais uma vez evidenciando o caráter transnacional inerente ao fenômeno da diáspora.

O transnacionalismo é uma característica intrínseca à diáspora haitiana. De acordo com Mejía et al (2015, p.8-9), os transmigrantes são:

Os imigrantes que nas suas vidas diárias dependem de múltiplas e constantes interconexões através das fronteiras internacionais e cujas identidades públicas são configuradas em relação com mais de um estado-nação. (...) Contudo, ao mesmo tempo, eles estão engajados em outros lugares neste, sentido eles mantêm conexões, constroem instituições, fazem transações, e influenciam eventos locais e nacionais no país do qual emigraram.

Assim, depreende-se que o transmigrante assume sua identidade social com relação à mais de um país ao mesmo tempo. Quer dizer, o transmigrante é um sujeito agente que dinamiza seu espectro de ação de forma supraterritorial auxiliado pelas inovações tecnológicas. No caso do grupo de imigrantes haitianos entrevistados, percebeu-se que a dinâmica de sua migração só acontece no espectro transnacional. Dessa forma, as redes migratórias e a diáspora haitiana estão intimamente ligadas ao espectro transnacional e só se materializam por meio dele, seja pelo envio ou recebimento de remessas, pela profunda conexão sociopolítica e cultural com o Haiti que permanece ainda bastante viva, ou pelos retornos ao país de origem à título de visita, por exemplo, etc.

Todos os imigrantes entrevistados apresentaram pelo menos uma dessas características, dependia ou era responsável por enviar remessas ao Haiti. De modo geral os imigrantes que haviam chegado há pouco tempo no Brasil, por ainda não terem alcançado estabilidade econômica, devido, principalmente, ao desemprego, recebiam remessas de familiares que estavam no Haiti ou nos “países com poder de dólar”, ou seja, os EUA, Canadá e França. Ao passo que os imigrantes que já haviam chegado há mais tempo e possuíam emprego fixo, eram responsáveis por mandar remessas para o Haiti. Aimee explica que essa função foi bastante prejudicada pela recessão econômica, “em 2013, era mais fácil enviar dinheiro para o Haiti, com duzentos reais dava para mandar 100 dólares, agora para enviar o mesmo é preciso quatrocentos e poucos reais. Precisa pegar o salário todo”. Para Begory, a dificuldade é similar, ele diz que a realidade de morar em outro país não é como se imagina. Fala que os imigrantes haitianos que moram em outros países, como nos EUA, ajudam ativamente os familiares que ficaram no Haiti. No caso do Brasil, por causa das dificuldades de encontrar trabalho, não é possível fazer o mesmo.

Por outro lado, Wilkens retoma o aspecto cultural da imigração haitiana:

O Brasil hoje tem um monte de haitiano, sabe por quê? Hoje cada haitiano que está aqui, tem uma pessoa nos EUA, no Canadá, na França, que ajudava

lá no Haiti (...) Por exemplo, quem está lá nos EUA, sabe em que condições eles viajaram? Na ditadura em 1900 e pouco, são os *boat people* se quiser você pode pesquisar. Você pode escolher, veja a história e você vai ver como foi. A primeira questão é a diáspora, os que foram para EUA pegavam um barco de madeira, viajaram clandestinamente, passavam por Cuba, muitos deles ficaram em Guantanamo que é a maior prisão dos EUA. Assim essa casa vai crescer, a casa de diáspora . É *decième departament* , que lá no Haiti tem 10 departamentos e aí vai nascer o décimo departamento na diáspora. Lá no Haiti tem o poder de dólar (sic), minha prima mandou 20 dólares pra mim e é muito dinheiro, 120, 160, 200, é muito dinheiro, já é um poder que eu tenho, qualquer pessoa fala esse cara tem diáspora, ele é bem visto por todo mundo.

Ele explicou que para ir para os EUA, França ou Canadá, é preciso um trâmite burocrático muito complexo que, na maioria das vezes, é fracassado. É preciso que algum parente com visto de residência nesses países envie um convite para que o haitiano entre lá. Nesse aspecto, o Brasil tem menos burocracia, é mais fácil entrar aqui. Como o Brasil fica na América do Sul e para os haitianos entrarem no Equador não precisa de visto, essa trajetória é mais factível. Essa é, inclusive, a rota da maioria daqueles que não conseguiram visto prévio para entrar no Brasil, este tema será descrito de forma mais explícita no item 4.3.5.

Desta forma, se observou que a cultura da diáspora está tão arraigada no costume do país, que se um haitiano decide migrar, este projeto (e esta terminologia é utilizada por muitos deles) é financiado pelos familiares que estão em outros países (no caso dos entrevistados, esses países eram sempre os mesmos EUA, Canadá e França) que tem o “poder de dólar”. Wilkens deixa claro que a primeira opção da maioria dos haitianos era migrar para esses países que os haitianos consideram ser *peyi blan*, porém o Brasil se tornou a opção mais viável por ser um dos poucos que concedem o visto de permanência, “(...) quem veio para cá foi a última opção que tinha, porque o Brasil é mais fácil para entrar, e parente que a gente tem lá [no *peyi blan*], já tem uma responsabilidade dele ‘vamos tirar você lá do Haiti?’ O Brasil é mais fácil para estudar”.

A questão da qualificação educacional apareceu com muita frequência nas entrevistas realizadas e pode ser considerado objetivo principal deste grupo específico de imigrantes. A articulação desse aspecto será discutido no próximo item.

#### **4.3.2. Preparação do projeto migratório antes de chegar ao Brasil**

O tema da educação é um objeto clássico da teoria migratória (PEIXOTO, 2004). Principalmente no que concernem as elites, a migração em busca de melhor qualificação

educacional em país estrangeiro trata-se de um costume que remonta ao final do século XIX (MUSGROVE, 1963).

“A tendência crescente, ao longo do último século, para (...) os líderes locais provirem de outros lugares constitui uma grande revolução social. Antes, as conexões locais e a posse de propriedade (...) eram qualificações desejáveis, senão essenciais, para os líderes voluntários locais. (Hoje), eles são conhecidos por aquilo que fazem, mais do que por aquilo que são” (MUSGROVE, 1963, p.104) (Tradução nossa).

No caso dos imigrantes haitianos entrevistados, embora não seja possível considerá-los pertencentes à elite, se tomado os padrões dos países desenvolvidos, uma vez comparados aos seus conterrâneos, com exceção a poucos casos, a maioria dos que emigraram tinha em seu grupo familiar algum recurso disponível para o financiamento de seu projeto.

Mais da metade dos entrevistados eram estudantes que tinham como objetivo dar prosseguimento aos seus estudos ou que viram no Brasil a oportunidade de ingressar no ensino superior.

**Gráfico 2**



Muitos relataram que por meio das redes migratórias (tema do item 4.3.4.) souberam da facilidade de ingresso nas universidades públicas do Brasil. Em alguns casos, o migrante já estava cursando o ensino superior no Haiti, no entanto, por ocasião do terremoto de 2010, teve

o campus de sua universidade destruído, e assim viu o Brasil como uma opção possível. Como no caso de Loubens, que estudava engenharia química em uma universidade em Porto Príncipe, mas teve o prédio de sua universidade destruído depois do terremoto e por isso não pode dar prosseguimento ao seu curso.

“E como o Brasil depois do terremoto abriu as portas para os Haitianos eu decidi vir para o Brasil, porque quando eu fui para a embaixada para fazer um pedido de visto, estava muito demorado, tinha que pagar mais caro para conseguir o visto, mas eu não decidi pagar mais caro, [porque] como tem gente que passa pelo Equador, Peru, eu decidi passar [também], porque tem um amigo meu também que [ia] passar ” (Loubens, entrevista).

Ele veio para o Brasil quase dois anos após o terremoto, em 2012, porque tinha um bar-restaurant no Haiti e não pode deixa-lo de imediato. Queria a princípio ir para o Canadá ou EUA, onde ele fez algumas inscrições para concorrer à bolsa de estudos, porém não conseguiu admissão. Então um amigo falou da possibilidade de se estudar no Brasil “E, além disso, em 2012 o Brasil era a sexta economia do mundo”.

Oslon morava na República Dominicana há quase 15 anos. Disse que quando saiu do Haiti em 2004 para estudar no país vizinho, a situação política do Haiti já era catastrófica. Havia grave crise social e econômica “e tudo isso me fez sair do país”, afirma. Estudou ciência da educação na República Dominicana na graduação e mestrado. Obteve sucesso ao levar a família para morar consigo na República Dominicana, onde ainda permanecem ainda a esposa e filhos. Oslon desejava seguir com esses estudos. Primeiramente pensou em cursar doutorado em Sociologia no Chile, devido à familiaridade com língua, pois, por ter vivido tantos anos na República Dominicana é fluente em espanhol. Viajou para lá, mas não se adaptou. Decidiu então pelo Brasil, pois havia recebido a informação que aqui haveria maior facilidade para se estudar.

Por outro lado, entre os imigrantes mais jovens, o desejo de estudar fora do Haiti já faz parte de uma expectativa que é nutrida desde a infância. Quando foi perguntando à Malia qual o motivo de sua migração até o Brasil, ela respondeu que já há algum tempo nutria certa afetividade pelo Brasil, explica que desde pequena ouvia todo mundo falar daqui. “Todo mundo gosta do Brasil por causa do futebol” e em seguida mostra um vídeo no celular da Copa do Mundo de 2014. “Nos dias de jogo do Brasil as ruas se enchem de haitianos com camisas da seleção brasileira”. No entanto depois que se insiste em questionar o motivo de

sua vinda até o Brasil, ela explica que aqui há maior facilidade para se cursar o ensino superior, porque no Haiti as universidades seriam muito caras. Os imigrantes haitianos que já estavam há 8 ou 10 anos no Brasil diziam que era mais fácil para vir para cá, segundo Malia.

Portanto, entre os imigrantes mais jovens notou-se que houve planejamento para poder realizar a migração com fins de qualificação educacional no ensino superior com financiamento do grupo familiar. Todos os imigrantes relataram que o Brasil não foi a primeira opção pensada para a realização de estudos, no entanto tornou-se a opção viável para quem precisaria permanecer por um tempo razoável aqui e por causa disso necessitaria de visto permanente (ou de estudante), ou seja, entrar no Brasil sem a documentação já acertada não se tratava de uma opção desejável.

A reunião familiar também se trata de um ponto importante no planejamento anterior ao deslocamento para o Brasil. Por reunião familiar entende-se o ato de sair de seu país de origem para encontrar no país de destino outra pessoa de seu núcleo familiar (esposo (a), pais e/ou filhos) que tenha migrado antes e se estabelecido neste país. No caso dos imigrantes entrevistados, o movimento da reunião familiar se restringiu ao gênero feminino, isto é, esposas que ficaram no país de origem trabalhando e/ou cuidando de seus filhos, enquanto seus maridos migraram sozinhos para o Brasil procurando retorno financeiro.

A experiência de Eyma se aplica muito bem à esta situação. Ela contou que viveu sete anos com a família na República Dominicana, então o marido viajou para o Brasil em 2013. O sonho do esposo era conhecer o Brasil porque ele gosta muito da seleção brasileira. No entanto, ele veio para o Brasil a passeio e acabou conseguindo se encaixar no mercado de trabalho, por isso optou por ficar morando aqui enquanto ela ficou na República Dominicana. Segundo seu relato, ela também queria ter vindo já na época para o Brasil com as duas filhas, mas não havia dinheiro suficiente para a viagem dos quatro. Então, em 2015, quando teve dinheiro suficiente para custear as passagens e os vistos, ela veio para o Brasil com as filhas.

No caso de Alexa, mesmo não acontecendo o acúmulo de capital planejado para a reunião familiar efetiva, ela veio para o país. Sua vinda ao Brasil teria ocorrido para visitar ao marido que havia chegado alguns anos antes e aqui se estabelecido. Alexa disse que não desejava ficar no Brasil, porém durante os meses programados para sua estadia ela engravidou e assim optou por ficar aqui durante um ano. Deste então, não conseguiu ainda acumular dinheiro suficiente para voltar, “Porque o emprego não paga bem”. Assim como a maioria dos entrevistados que chegaram ao Brasil depois de 2014, ela explica que no Haiti se ouvia falar

que no Brasil era fácil conseguir emprego, ter uma vida melhor, mas quando chegou aqui viu que a realidade não correspondia às expectativas.

O terremoto de 2010 foi poucas vezes diretamente citado como motivação para vinda ao Brasil. No entanto, ao longo do discurso percebe-se que ele esteve como pano de fundo em quase todos os relatos, uma vez que ele está profundamente relacionado à questão socioeconômica e política do país. Aliás, grande parte dos imigrantes trouxe à tona a historicidade da crise econômica do Haiti ao associarem as dificuldades econômicas com a migração, corroborando Jansen (apud PEIXOTO, 2004, p.4) quando ele diz:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante.

Wilkens acredita que no Haiti existe um fenômeno migratório que ganhou força principalmente no final do século XX. “No Haiti se fala de uma geração pós 1986, depois da ditadura, todo haitiano, o único sonho que ele tem é um dia viajar”. Contudo, o desejo da migração viria associado ao anseio por melhores condições de vida, “Tudo isso está ligado à situação política do Haiti também, nunca se tem uma condição boa lá, tem instabilidade, golpe, isso também cresce bastante essa ideia para viajar, até hoje essa geração não tem outra ideia, se pensa que a única alternativa que tem, é viajar”.

Dentre os poucos entrevistados que mencionaram o terremoto diretamente, todos deixam claro que a situação do Haiti já beirava o insustentável desde antes do ocorrido. O terremoto se apresenta mais como um marco para os imigrantes mais velhos (maiores que 30 anos, geralmente casados e com filhos) e que estavam bem estabelecidos no país até o momento do terremoto. Odelin explica que sua vinda está diretamente relacionada com a catástrofe, “Fica difícil para quem tinha um emprego e perdeu um emprego (...)você acha que naquele lugar não vai mais ter vida. Aí você pensa ‘Ah não vou ficar, vou ter que sair’ mas



“você pensa mil vezes antes ‘Pra onde eu vou agora?’ Então muitas pessoas pensaram dessa forma ‘Onde que eu vou?’”

Ele falou da preferência da maioria dos imigrantes por países francófonos, como Guiana Francesa, França e Canadá, mas disse que na época as pessoas foram para os países em que conseguiram entrar: México, Estados Unidos, Canadá, Chile, Argentina, e Brasil. Ele explica,

“Eu posso dizer que os haitianos não têm isso na cabeça de vir ficar no Brasil. Porque na época, nenhum haitiano sabia falar português. A gente houve falar do Brasil como um país que joga futebol, país do Pelé, mais conhecido por causa do futebol. A gente usa o Brasil como caminho para entrar na Guiana francesa. Eu mesmo sou um dos primeiros grupos de haitianos que pegaram o caminho para entrar na Guiana Francesa. Quando você chega na fronteira em Tabatinga, você tem que esperar um documento que é um protocolo, que tem um prazo de 90 dias, para poder circular em território brasileiro. Mas esse protocolo, você consegue permanecer no Brasil, você pode tirar carteira assinada, pode trabalhar, você vai renovando a cada 90 dias. Então as pessoas aproveitaram esse protocolo para entrar na Guiana Francesa.”

Assim, o Brasil, de um país de passagem possível, acabou se tornando um país de destino frente à possibilidade de concessão de documentação. Esse argumento sustenta também a resposta generalizada que a maioria dos imigrantes deu quando se questionava como o Brasil se figurava no imaginário haitiano. Revelou-se que o imigrante haitiano sabe pouco sobre a política e economia do Brasil, embora tenha laços afetivos com o Brasil, principalmente por causa da seleção brasileira (A exceção foi um imigrante que é graduado em ciências econômicas). Cabe salientar que a seleção brasileira transmite a ideia de que o Brasil se trata de um país feliz, otimista, hospitaleiro, em que a maioria da população é negra (já que a maioria dos jogadores são negros, incluindo o Pelé, ícone do futebol brasileiro para os imigrantes haitianos) e por isso aqui não existe racismo.

“No Haiti, sabe como as pessoas veem o Brasil? Como o país do futebol. Sobre a política não sabem nada.” (Wilkins, grupo focal).

“No Haiti ninguém sabe sobre política e economia do Brasil, todo mundo sabe do futebol.” (Donald, entrevista)

“Respondendo a sua pergunta ‘por que os haitianos vieram para o Brasil’ antes da copa de 2014, o Brasil era a sexta economia mundial, além disso, todos os haitianos sabem que o Brasil é um país negro, 51% da população brasileira é negra, então o haitiano que vai vir aqui, vai colocar na cabeça que quando eu for para o Brasil, eu não vou sofrer preconceito e

discriminação. Em relação ao futebol também, eu posso dizer sem dados científicos, que 50% da população do Haiti torce para o time brasileiro. Então essas coisas foram algumas das razões que os haitianos vieram para cá.” (Macken, grupo focal)

Uma vez examinadas as preparações para a migração, a seguir se demonstrará quais os possíveis desdobramentos dos projetos migratórios após a chegada desses imigrantes ao Brasil.

#### 4.3.3. Reconstrução do projeto migratório diante das mudanças/aspectos macroestruturais (Crise)

Depois de um período de importante crescimento econômico, o Brasil entrou em um momento de encolhimento da economia em 2014. Segundo o Comitê de Datação do Ciclo Econômico da Fundação Getúlio Vargas, pode-se dizer que a economia entrou formalmente em recessão apresentando um índice de queda de 9% do PIB entre 2014 e 2016 (BARBOSA, 2017). Neste contexto de desaceleração, queda do crescimento, congelamento de salários, aumento das dívidas públicas e da inflação, houve também o aumento significativo do desemprego - em 2016, o índice atingiu os alarmantes 13%, em 2018 permaneceu em 12%<sup>41</sup> (ROSSI, 2017). De acordo com Cavalcanti (2015), os imigrantes são os primeiros a serem afetados por profundas mudanças no mercado de trabalho e tal argumento foi confirmado pelos dados coletados no decorrer das entrevistas. Diante disso, buscou-se perceber como se deram as reformulações nos projetos migratórios desses imigrantes diante desta mudança macroestrutural tão significativa.

De modo geral, apesar de a percepção do aumento da dificuldade em conseguir emprego estar fortemente presente na fala de todos os imigrantes, a expectativa de que essa dificuldade de inserção no mercado de trabalho incentivasse o retorno ao Haiti ou a reemigração para outra cidade brasileira ou até mesmo outro país não se confirmou. Alguns imigrantes falaram sobre voltar ao Haiti ou ir para outros países, mas essas possibilidades já estavam presentes em seus projetos desde a saída do país de origem. As maiores reformulações quanto ao projeto migratório se deram no sentido de busca por aumento da qualificação educacional.

---

<sup>41</sup> Fonte: <http://www.brasil.gov.br/noticias/emprego-e-previdencia/2018/11/desemprego-cai-11-9-no-terceiro-trimestre-de-2018-aponta-ibge>

Assim como no caso de Eyma que veio para o Brasil se encontrar com o marido que já estava aqui e a incentivava a vir para cá garantindo que seria fácil para que ela encontrasse emprego. No entanto, quando chegou, ela percebeu que a situação não era essa e acabou ficando desempregada, situação que a desagradou “Sou uma mulher muito trabalhadora, não gosto de depender de homem”. Ela ficou desempregada por dois anos, situação que afirma tê-la deixado triste porque na República Dominicana, de onde reemigrou para o Brasil, Eyma tinha emprego estável que teve de deixar pra trás. Relata que no Brasil em todo lugar onde procurava emprego era pedido experiência. Diante disso então, optou por fazer curso de língua portuguesa e curso superior de gastronomia na faculdade Positivo. Logo depois de se formar ela conseguiu emprego na área. Atualmente tem o sonho de ser chef de cozinha e ter seu próprio negócio, e para tanto pretende continuar trabalhando para acumular capital.

O projeto de Eyma tem sido bem sucedido e culminou para que sua qualificação profissional melhorasse, uma vez que antes trabalhava como costureira na República Dominicana e não tinha nenhuma formação superior. Aimee compartilha de projeto similar. Ela relata que sua mãe pagou um coioote para que ela conseguisse visto de entrada para o Brasil (este ponto de seu relato será mais profundamente abordado no item 4.3.5), e seu objetivo aqui, já que havia acabado de terminar o ensino médio no Haiti, era trabalhar pela manhã e cursar faculdade à noite, no entanto, ela acabou sendo enganada pelo agente, perdeu seu dinheiro e não conseguiu o visto.

Passou muitas dificuldades, inclusive no tocante a encontrar moradia quando chegou, mas ainda assim conseguiu realizar alguns cursos técnicos e permaneceu desempregada apenas por curtos períodos. Todavia, seu objetivo inicial não havia ainda se concretizado totalmente até o momento da entrevista. Contudo, assim como Eyma, ela não pretende retornar ao Haiti a não ser para fazer visitas, “Para ficar não, Deus me livre”. Se a situação econômica do Brasil melhorar ela afirma pretender permanecer no país “por uns 15 anos”, trabalhando e estudando e depois “Quem sabe então voltar para o Haiti (...) Haiti é um país que dá pra viver melhor que o Brasil se você tem bastante dinheiro”. Acredita que no Brasil existe maior liberdade para a mulher trabalhar, namorar, ser independente, mas insiste que o trabalho é o ponto mais importante, pois afirma ter conhecido muitos haitianos que vieram para o Brasil, não encontraram o que estavam esperando, desistiram e voltaram para o Haiti.

“Tipo a pessoa vem, eu quando eu vim para o Brasil, graças a Deus eu consegui trabalhar, [consegui] documentos, foi fácil, até hoje documento tá

fácil, mas trabalhar não tá. Para você trabalhar não tá fácil não. A pessoa deixa mulher, deixa filhos, digamos que vendeu muitas coisas porque o bilhete [passagem de avião] para você sair do Haiti e vir pra cá não é barato não, é dinheirão e tem, digamos, uma família grande para sustentar lá no Haiti, e três meses, quatro meses sem trabalho, tem que voltar”.

Os projetos de Eyma e Aimee são bastante similares aos de outros imigrantes que tinham apenas formação no Ensino Médio, ou seja, a situação encontrada não correspondia à expectativa e a tática utilizada então foi melhorar a qualificação educacional. Por outro lado, há boa parte de imigrantes que já chegaram com até mais que uma formação no nível superior. Esses imigrantes passaram pela experiência explicada segundo a Teoria do Mercado Dual (FUSCO, 2015), que consiste na situação em que o mercado de trabalho se bifurca em duas categorias: na primeira estão os empregos do mercado primário que requerem alta especialização e pagam bem; e na segunda, os empregos do mercado secundário, que além de ocorrerem em más condições, pagam mal. De acordo com Fusco (idem) são os imigrantes quem geralmente ocupam este último tipo de trabalho.

Essa situação é bem ilustrada pela fala de Mackens, “Mas você sabe que em todos os países do mundo, os nativos não fazem os trabalhos menos valorizados, mais pesados, é normal. Todo mundo que vai para alguém país tem que colocar isso na cabeça, você vai fazer primeiro os trabalhos mais difíceis e depois você estudar, andar e ir pra frente”. Mackens chegou ao Brasil com o intuito de cursar mestrado e não conseguiu, começou então a trabalhar como auxiliar de cozinha e depois como passador de pizza, até que conseguiu ingressar na graduação em Matemática na UFPR. Ele ainda complementa,

“Nenhum imigrante pode viver em um país estrangeiro sem trabalhar, a questão econômica é muito importante, pra você sustentar em um país estrangeiro, você trabalhar pra pagar aluguel, para pagar conta, então se você pergunta ‘se você está sofrendo com a crise econômica do Brasil?’ 100 % dos imigrantes vão responder sim, porque para você sobreviver você precisa fazer compras, daí em relação a inflação que tá aumentando cada dia, [então] você já tem a resposta que todo imigrante está passando por essa crise econômica que o Brasil está passando também”

Loubens, Begory e Odelin também passaram por situações trabalhistas similares: todos tem nível superior, mas trabalham em ocupações que exigem qualificação menor que as suas. Os três decidiram continuar estudando, porém com objetivos diferentes. Loubens,

graduando em ciências da educação no Haiti, trabalha em uma padaria no Brasil enquanto cursa graduação em Química na UFPR; Begory, graduado em Cinema e Direito no Haiti, trabalha como professor de francês, enquanto cursa direito no Brasil (não conseguiu obter validação de seu diploma haitiano); e Odelin, graduado em Comunicação por universidade no Haiti, trabalha como recepcionista em uma instituição cultural. Seu relato é particularmente interessante por ser o migrante haitiano entrevistado que estava há mais tempo no Brasil, desde 2010. Quando chegou, disse ter ainda poucos haitianos no Brasil e por isso houve dificuldade em conseguir documentação. Foi em articulação com uma pastoral de acolhida em Manaus, que afirma ter conseguido chamar a atenção do governo brasileiro,

“Aí eu perguntei ‘Padre Gelmino, como é que o haitiano pode estudar aqui no Brasil?’ aí ele fala ‘ Vocês tem que ter o visto permanente’ aí a gente começa a bater, né, na porta do governo, como que a gente começa esse trabalho? A gente começa a incentivar os haitianos [a vir para o Brasil] para poder ter mais pessoas para que a gente possa ter um peso diante do governo, né, para apresentar ‘Nós estamos aqui hoje e vocês sabem a situação, porque que nós estamos aqui, agora o que vocês vão fazer?’ Teve uma irmã da igreja católica que foi em Brasília, quando ela volta ela falou que tem possibilidade que o governa legaliza vocês depois da eleição. Então a gente fica muito feliz, né, porque a gente sabe que quando tem documento fica mais fácil para estudar e para trazer sua família pra cá se quiser. Daí ele [o padre] falou ‘tem que ter mais pessoas , né’ porque ter mais pessoas é uma forma de incentivar o governo. Aí teve mais ou menos umas 200 pessoas. Aí no mês de abril de 2011, veio pessoa de Brasília para Manaus para falar do projeto do governo para dar documento para todos os haitianos”

Dois meses depois disso, ele conta ter recebido ligação do governo avisando que seriam legalizadas 200 pessoas. A lista sairia na polícia federal. O nome dele estava na lista. “Depois que esse grupo de 200 pessoas recebeu o visto permanente no Brasil, aí começou a chegar mais haitianos, porque a pessoa sabe que tem oportunidade de ter visto para poder voltar, para trabalhar, para estudar, aí eles começaram a chegar”. Assim ele saiu de Manaus, foi para São Paulo, onde teve dificuldade de encontrar emprego, até que chegou a Curitiba avisado por amigos que lá haveria maiores oportunidades de emprego. A partir de 2014, ele percebeu aumento da dificuldade para se inserir no mercado de trabalho. Diz que não sabe se é por causa da crise ou se é o governo brasileiro que se fechou para os haitianos. Quando perguntado o que ele achava que era necessário fazer para poder voltar para o Haiti, ele responde “vou falar uma coisa que resume bem, se você tem conhecimento você já tem tudo e pode viver em qualquer lugar do mundo.”.

A ideia de que diante da frustração do plano inicial, ao menos é preciso se investir na própria educação, é bem resumida pela fala de Anaica,

“A associação vai dar casa, comida, mas a cabeça precisa comer também (...) Eu não estudo na UFPR, mas eu estou feliz, porque a cabeça está ‘comendo melhor’ e se o pessoal um dia decidir que não quer mais ficar no Brasil, voltar para o País [Haiti], não vai voltar a mesma pessoa que saiu, mas afirma que a maioria dos haitianos tem boa formação, e no entanto, ainda assim, quando chegam no Brasil recebem ofertas de trabalho na limpeza, cozinha, construção civil ou seja, em postos de trabalho desqualificado. Neste momento ela diz sentir grande revolta, pois uma vez que se desqualifica a mão de obra, também se desqualifica o imigrante haitiano, que mesmo não sendo um nacional do Brasil, merece ser tratado com dignidade “é nisso isso [que o] trabalho de vocês com o estrangeiro precisa mostrar, nossa dignidade”.

Diante das dificuldades econômicas decorrentes da dificuldade de realizar seu projeto inicial, principalmente devido à dificuldade de inserção no mercado de trabalho, os imigrantes haitianos entrevistados se mostraram bastante dependentes das redes migratórias, que não atuam apenas como ponto disseminador de informações, mas também de apoio psicológico e financeiro. Este tema será examinado detalhadamente no item a seguir.

#### 4.3.4. Redes migratórias

Manchineri et al (2012, p.1) define rede migratória como

“Agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos”.

A importância das redes migratórias na experiência da migração haitiana aparece com maior intensidade em dois momentos: no momento da formulação inicial do projeto migratório e depois na reformulação deste, diante da não realização das expectativas iniciais. É importante ressaltar que as redes não são citadas diretamente, elas perpassam os relatos, principalmente quando o imigrante relata sobre quando decidiu para qual destino migrar e porquê. Assim, apresentar trechos narrativos específicos sobre a existência das redes se trata de uma tarefa difícil, pois elas são identificadas do total do contexto por meio de indicações como:

Na construção do projeto migratório,

- “Meu pai chegou primeiro em Santa Catarina, depois o resto da família saiu do Haiti e foi até Santa Catarina e de lá, foram todos para Curitiba.” (Mina, grupo focal)

- “Vim para o Brasil porque tenho um irmão aqui e ele disse que aqui estava bom.” (Paul, grupo focal)

-“Vim sozinha para Brasil, não tenho família aqui, mas tenho muitos amigos (outros imigrantes haitianos) na escola e na igreja (evangélica – igreja haitiana)” (Malia, entrevista)

-”Vim o Brasil porque um amigo que veio antes e falou para eu vir porque era mais fácil estudar aqui”. (Loubens, entrevista)

-”Eu vim para o Brasil estudar porque tinha amigos aqui (esses amigos não estão mais aqui, alguns voltaram para o Haiti ou foram para outros países aqui)”. (Begory, entrevista)

E, também, diante das dificuldades na inserção no contexto social, momento em que ocorre a reelaboração do projeto,

- “As empresas não chama (sic) mais, mandam haitianos embora, começou a ter xenofobia dentro [das empresas]”. Além da dificuldade para arrumar emprego, agora o haitiano também precisa procurar meios legais para se defender. Em 2015 as coisas ficaram piores ainda, de forma que os haitianos precisaram começar a ajudar uns aos outros para poder sobreviver. (Anaica, grupo focal)

- “Se tem algum amigo meu que não tá trabalhando, a gente precisa ajudar, mas agora o salário é o mesmo, e os preços das mercadorias aumentaram” (Loubens, grupo focal)

-“Quando cheguei em Manaus não conhecia ninguém. Consegui moradia por meio da uma irmã que me levou até a igreja (provavelmente alguma pastoral de acolhida) em que fiquei por 3 meses.” (Odelin, entrevista)

- “Não tenho família que quer sair do Haiti agora, mas se tivesse alguém que quisesse vir eu diria que não. Vai depender do que a pessoa quer fazer. Se for para estudar é possível, tem oportunidades (tem como fazer aplicação para bolsas de mestrado para países do Mercosul), mas se for para trabalhar, construir sua vida, ele não aconselho”. (Begory, entrevista)

Um dos relatos que chamou atenção neste aspecto foi o de Aimee, que passou por muitas dificuldades quando chegou. Ela conta que demorou a conseguir moradia e emprego, pois não conhecia ninguém que estava no Brasil. Ela atualmente diz ter contato com haitianos no Brasil todo, por meio de um canal que criou no *youtube* em que ela fala sobre a migração para o Brasil com o intuito de informar e esclarecer sobre possíveis dificuldades, já que ela está há muito tempo aqui. “Haitiano quando viaja acha que o dinheiro vai cair do céu [risos]”. Ela diz ter sido muito ajudada por um brasileiro que a acolheu em sua casa e agora ela também tem a intenção de fazer o mesmo por outros imigrantes.

#### 4.3.5. Rotas migratórias

A categoria das rotas escolhidas pelos imigrantes haitianos para entrar no Brasil se tornou um item bastante relevante porque por meio dela foi possível identificar dois grupos: os que podiam financiar e esperar os trâmites para o visto e os que não podiam.

Os imigrantes que podiam arcar com os custos do visto, fizeram o seguinte trajeto, de avião:

Haiti - República Dominicana – Equador – Panamá – Brasil (São Paulo)



**Mapa 3: rota 1**

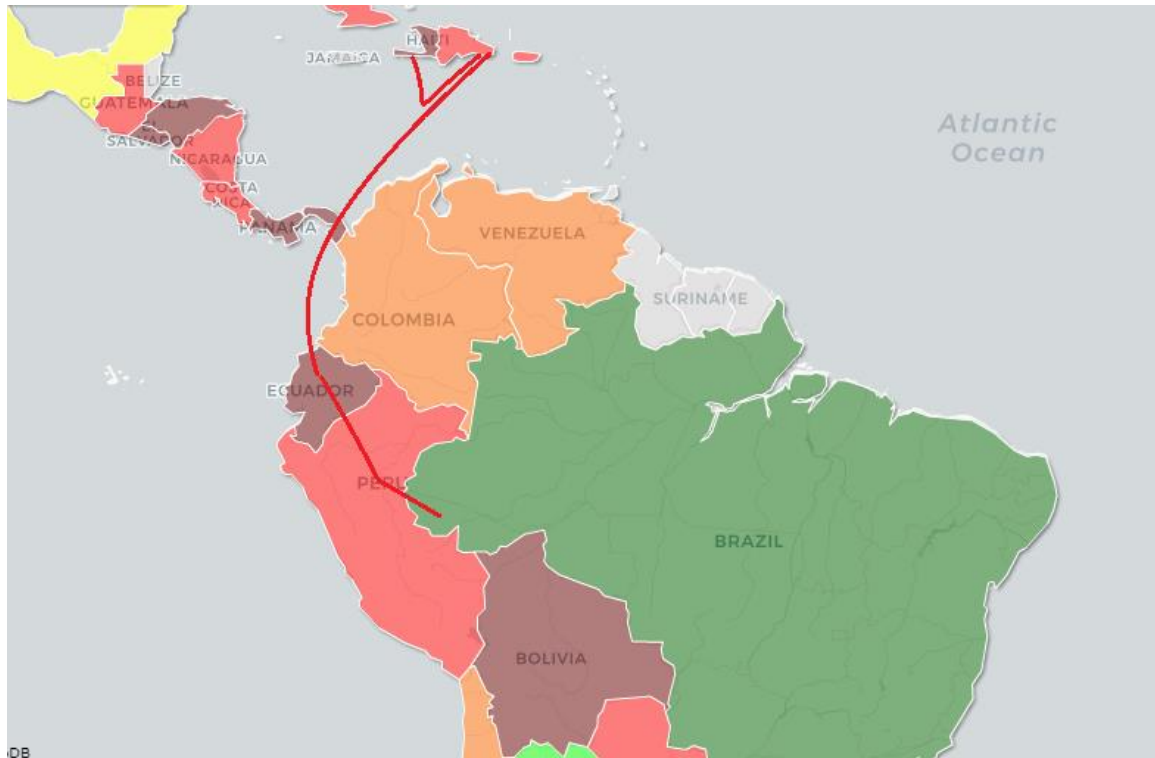


Fonte: produção nossa

Os imigrantes haitianos que não podiam financiar os custos do visto fizeram o seguinte trajeto:

Haiti (de avião) – República Dominicana – Equador (A partir daqui, a viagem segue de ônibus) – Peru – Acre ( Tabatinga)

#### Mapa 4: rota 2



Fonte: Produção nossa

Pode-se observar que os imigrantes mais jovens e os que chegaram ao Brasil para realizar a reunião familiar, utilizaram a primeira rota. No caso da reunião familiar isso ocorre porque existe a necessidade do acúmulo de capital para que a viagem aconteça, no entanto, no caso dos imigrantes mais jovens, o que se percebe é a forte presença do investimento familiar, por meio da venda de imóveis ou automóveis, com o intuito de investir nos estudos dos filhos.

Por outro lado, os imigrantes que realizaram a viagem por meio da segunda rota, são em sua maioria homens mais velhos já casados ou que moram sozinhos. Quanto à isso, Odelin conta como foi chegar no Brasil em 2010 pela fronteira do Amazonas.

“Então quando eu peguei meu protocolo na fronteira de Tabatinga em 2010, eu peguei o barco e cheguei na cidade de Manaus, e essa cidade está no meio da floresta amazônica, eu cheguei em Manaus - Amazonas e eu vi que era uma outra coisa, uma outra realidade para mim. O Brasil estava crescendo muito bem, então a condição econômica do Brasil estava muito melhor na época em 2010, 2011, foi um Brasil maravilhoso, teve oportunidade de trabalho também (...) Eu mesmo fui uma das pessoas que começaram a incentivar os haitianos a ficarem no Brasil, porque o Brasil cria oportunidade

de emprego, só que o que me assustou um pouco foi a questão do estudo. Eu mesmo, já tinha uma formação em Comunicação, mas tem os jovens que saíram, que deixaram o país, eu fiquei muito triste por essas pessoas. Porque se quiser voltar amanhã [para o Haiti] e não tem profissão, isso vai ser muito fatal. Quando você saiu jovem e volta para sua terra sem profissão, vai ficar muito difícil.”

Ao passo que em seu relato Odelin apontava os aspectos sociopolíticos que os primeiros imigrantes haitianos, que chegaram após o terremoto de forma não documentada, enfrentaram, Wilkens fala mais especificamente sobre o estigma do imigrante clandestino. Ele explica que pra entender a migração do haitiano hoje é importante saber que os primeiros negros que chegaram as Américas foram trazidos como escravizados e lembra que o principal fator de identificação de todo negro americano é esse: são todos africanos. Os negros africanos teriam sido trazidos com o apoio da igreja católica, por isso, ele não vê a igreja católica como sua amiga e em seguida ele acrescenta “Sobre isso de viajar clandestinamente, eu não sou a primeira pessoa que viajou clandestinamente, Cristóvão Colombo também não tinha visto, quando ele organizou, viajou, pegou barco e chegou na América, ele não tinha visto”.

Outra característica da viagem não documentada são os perigos aos quais os imigrantes ficam expostos durante a jornada. Aimee conta que em 2014 um amigo de sua mãe disse que no Brasil era possível que ela conseguisse cursar graduação e trabalhar. Quando ela estava em São Domingo (República Dominicana) e se preparava para embarcar de avião para o Peru, descobriu que o amigo da mãe era na verdade um coioote (repetiu várias vezes que acredita que ele fosse responsável por uma rede de tráfico de pessoas).

“Ele mentiu para minha mãe. E depois que eu estava no caminho eu não quis voltar, porque minha mãe pagou ele, 3 mil dólares, mas ele enganou minha mãe. Aí quando eu estava em Santo Domingo eu descobri que não tinha visto, mas não queria que minha mãe perdesse o dinheiro, então eu pensei ‘Nossa, vou ter que ser muito corajosa’

Ela veio para o Brasil com o irmão, no entanto ele reemigrou para os EUA em 2016. Aimee conta que ele resolveu ir para os EUA, porque por ter esposa e filhos, ele não podia ficar sem trabalho, pois precisava enviar remessas para o Haiti e diante disso optou por reemigrar, novamente de forma não documentada. Afirma que ele teve que passar por mais de

10 países para chegar lá. Aimee e o irmão saíram do Haiti de avião e viajaram até a República Dominicana. Em Santo Domingo iriam receber seus vistos para o Brasil, mas o amigo da mãe sumiu neste momento. Então ela e o irmão embarcaram em outro avião e chegaram ao Equador. A partir daí, a viagem foi feita de ônibus e ela foi separada do irmão porque a encaminharam para um ônibus só para mulheres e o irmão, para um ônibus só para homens. Passaram pelo Peru até chegarem ao Acre em uma viagem de ônibus que durou semanas e ela não conhecia ninguém. Foi apenas em Rio Branco que ela conseguiu reestabelecer contato com o irmão. Eles ficaram duas semanas esperando o recebimento do protocolo e então seguiram de avião até Curitiba. Ela explica que viu e ouviu muitos casos de haitianos que morrem tentando fazer o mesmo percurso, principalmente nas viagens feitas de barco, mas insistiu em realizar sua travessia como forma de honrar o dinheiro investido pela mãe. Afirma que mesmo já tendo se passado quatro anos deste acontecimento, ainda não teve coragem de contar para mãe o que aconteceu.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscou-se apresentar como os aspectos macro e microestruturais se inter-relacionam na construção do projeto migratório dos haitianos que migraram para o Brasil na última década. Primeiramente recorreu-se aos eventos mais marcantes da história sociopolítica haitiana como forma de investigar como a instabilidade política e social tornou o contexto haitiano favorável ao comportamento migratório. Em seguida são apresentados elementos da história política brasileira que revelam aspectos favoráveis para a inclusão do Brasil como país de destino no projeto migratório desses imigrantes para o país. Neste espaço para as considerações finais se buscará demonstrar em que medida as cinco questões propostas na parte introdutória dessa pesquisa foram respondidas.

- 1) Levando em conta que a crise econômica brasileira provocou importante impacto no mercado de trabalho, como essa mudança significativa no cenário macroeconômico afetou o projeto migratório desses indivíduos?

Um dos resultados alcançados nesta pesquisa foi a constatação que a crise econômica afetou intensamente o projeto destes indivíduos, dificultando sua inserção no mercado de trabalho de forma satisfatória. Isto é, mais da metade dos imigrantes entrevistados estavam desempregados, mas entre os imigrantes que estavam atualmente trabalhando, a maioria ocupava cargos abaixo da sua qualificação educacional e não recebiam salário com valor suficiente para materializar os objetivos estabelecidos em seu projeto migratório. Desta forma, a maioria dos imigrantes entrevistados teve que reelaborar seu projeto migratório adequando à realidade brasileira.

- 2) Os haitianos optaram por retornar ao Haiti? e 3) A migração circular para outras cidades do Brasil ou outros países se tornou uma nova alternativa?

Embora a realidade encontrada não tenha imediatamente oferecido recursos para que esses imigrantes concretizassem os objetivos de seu projeto, as dificuldades encontradas não os influenciaram a retornar ao Haiti ou a reemigrar para outros países ou regiões, já que o retorno ao Haiti é preferencialmente realizado quando se tem já certa quantidade de capital acumulado e a reemigração para outros países é dificultada pelo recente endurecimento das

políticas migratórias dos países do norte global. A tática dos imigrantes haitianos foi então investir em sua própria qualificação educacional com o objetivo de assim conseguir se reinserir no mercado de trabalho brasileiro em posições que ofereçam melhores salários e condições de trabalho.

Pode-se observar também que, ciente de que a situação socioeconômica do Haiti nas últimas décadas tem se mostrado desfavorável, a geração de haitianos nascidos após os anos 1970 tende a enxergar a migração como uma das formas possíveis de se obter sucesso pessoal. Neste sentido, percebeu-se que a opção pela imigração está longe de ser inusitada ou atípica, mas está calcada em circunstâncias sociais, econômicas e culturais que a sustenta, de tal forma que o terremoto de 2010 pode ser entendido como fator catalisador de um processo que já estava em curso.

### 3) O que explica a escolha do Brasil como país de destino?

A escolha do Brasil como país de destino pode ser considerada acidental. Isto é, o país não se tratava de um destino almejado, de um *peyi blan*, de acordo com a ótica dos haitianos, mas de um país que compõe uma rota de passagem que favorecia a viagem documentada. O deslocamento populacional inesperado causado pelo terremoto e o desenvolvimento econômico do Brasil associado à evolução (em seu aspecto humanitário) das políticas para imigrantes, tornou o país um cenário atrativo para aqueles haitianos que tiveram dificuldades de conseguir visto de entrada para os EUA, França e Canadá.

Ainda dentro dessa perspectiva, um importante e inesperado aspecto encontrado por meio dessa pesquisa foi como os imigrantes escolheram e construíram os caminhos para se chegar até o Brasil. Assim, duas rotas possíveis se estabeleceram, embora a primeira parte delas seja idêntica, isto é, os imigrantes saem do Haiti, passam pela República Dominicana e chegam ao Equador de avião, a segunda parte das rotas se diferencia quanto ao acesso à documentação. Os imigrantes que já saem do Haiti com visto para o Brasil, se deslocam de avião até o Panamá e depois até São Paulo, no Brasil; já os imigrantes que, por falta de financiamento familiar não conseguem obter o visto no Haiti e o visto nas áreas fronteiriças brasileiras, a partir do Equador viajam de ônibus até o Brasil, passando pelo Peru e chegando em Tabatinga, no Acre.

4) Como as redes migratórias auxiliam no planejamento e execução do projeto migratório?

As redes migratórias revelaram o relacionamento transnacional entre os imigrantes que estão ou já passaram pelo processo de migração para o Brasil, que formam uma importante rede de informação e contatos, que dissemina informações e suporte tanto financeiro quanto psicológico para os imigrantes que estão iniciando sua jornada ou que ainda estão passando pelo processo de adaptação. É por meio das redes migratórias que os imigrantes entrevistados souberam das oportunidades que o Brasil oferecia quanto à documentação, cidade de residência e estudo. E, depois do início da crise econômica, foi também por meio das redes que os imigrantes se reorganizaram para reelaborar seu projeto migratório, contando com o suporte não apenas dos imigrantes residentes no Brasil, mas também daqueles que estão morando fora do Haiti, nos EUA ou França.

Por meio da compreensão da perspectiva transnacional, buscou-se destacar que o haitiano que se deslocou para o Brasil nesta década é um transmigrante, pois seus laços com o país de origem permanecem vinculados e existe a perspectiva de um retorno bem sucedido marcado pelo aspecto da diáspora haitiana, sendo inclusive incentivado pelo núcleo familiar, que permanece no Haiti, e também por aqueles que migraram para outros países.

\*\*\*

Diante disso, é possível afirmar que a pesquisa realizada foi bem sucedida por ter sido capaz de responder satisfatoriamente os questionamentos inicialmente propostos, inclusive revelando aspectos que não eram preliminarmente esperados. Nesse sentido, é importante destacar que a entrevista semi-estruturada e o Grupo focal se revelaram técnicas metodológicas suficientemente capazes de fornecerem as informações desenhadas nos roteiros temáticos. Apesar de algumas dificuldades referentes ao idioma, elas foram precisas no tocante a apreensão das perspectivas pessoais dos imigrantes, facilitada pela possibilidade que os pesquisadores tiveram de introduzir questões de acordo com o desenrolar de cada tema, o que trouxe maior precisão para a coleta dos dados. Especialmente, percebeu-se que no grupo focal houve a possibilidade da discussão de temas mais complexos, históricos e culturais, como a questão da escravidão, Revolução Haitiana, colonização, etc, por exemplo, enquanto

nas entrevistas, temas mais pessoais como família, anseios, travessia com documentação irregular, etc, por exemplo, foram mais frequentes.

O aparato teórico de Joseph Handerson sobre a diáspora haitiana foi fundamental para que se pudesse ter uma melhor perspectiva da dimensão da migração na sociedade haitiana. A partir dela foi possível perceber como a história sociopolítica do país afetou sua atual geração e a configuração do projeto migratório do grupo estudado. O conceito de projeto migratório, quando analisado no universo da realidade do imigrante haitiano que fez parte desta pesquisa, se encaixa como ponto central da perspectiva da diáspora haitiana, revelando a complexidade histórica, social e cultural dos fatores que envolvem o ato de emigrar dentro desta sociedade. Além disso, o conceito da diáspora foi primordial também, pois por meio dele pode-se localizar, identificar e compreender os comportamentos e dinâmicas dos outros conceitos pontuais levantados ao longo da pesquisa, como retorno, transnacionalismo e redes migratórias. Isso porque, o a diáspora haitiana surgiu de forma mais definida na década de 1960, como um movimento de emigração temporária de haitianos e posterior retorno ao país de origem, no entanto, tal fenômeno vem se construindo e reconstruindo ao longo do tempo, de acordo com as mudanças no contexto doméstico e internacional, e tendo como um dos seus suportes centrais as redes migratórias, que por sua vez se apoiam no transnacionalismo cada vez mais fortalecido pelo avanço tecnológico e da globalização.

Cabe salientar ainda que, embora a temática das migrações tenha sido cada vez mais debatida e estudada no Brasil, ainda são escassas pesquisas científicas no que tangem a questão do projeto migratório. Entender a mobilidade humana internacional contemporânea a partir da interação de seus aspectos estruturais, pessoais e relacionais se mostra como um dos caminhos exitosos para a compreensão cada vez mais precisa deste fenômeno tão complexo.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDEBERT, C. **The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?**. Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 34, n. 1, p. 55- 71, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00055.pdf>

BAENINGER, R. & PERES, R. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. Revista Brasileira de Estudos de População. vol.34 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982017000100119](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100119)

BARBOSA, F. H. **A crise econômica de 2014/2017**. Estud. av. vol.31 no.89 São Paulo Jan./Apr. 2017

BARBOUR, R.S.; KITZINGER, J. **Developing focus group research**. London: Sage, 1999.

BASCH; SCHILLER, N. e BLANC. **Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States**. Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

BERNAL, G;(1991). **Iberoamérica: Evolución de una Economía Dependiente**. In: GARCÍA, L. N. (Coord.). “Historia de las Américas”. Madri: Alhambra Longman/Universidad de Sevilla, 1991.

BORDIEU, P. **Um analista do inconsciente**. In: SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade (Prefácio). Edusp – São Paulo, 1998.

BRZOZOWSKI, J. **Migração internacional e desenvolvimento econômico**. Estudos Avançados 26(75), 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142012000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200009)

CÂMARA, Irene Pessoa de Lima. **Em nome da Democracia: OEA e a crise haitiana – 1991-1994**. Brasília: Instituto Rio Branco - Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

CAMPOS, M. B. “Migração”. In: CAVALCANTI, L. et al (Org). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CASTRO, Y. **Teoría transnacional: revisitando la comunidad de los antropólogos**. Política y Cultura, 23:181-194, 2005.

CAVALCANTE, F. **Sucesso ou fracasso? Uma avaliação dos resultados da MINUSTAH**. e-cadernos ces. 06 | 2016. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Revues.org. Disponível: <https://eces.revues.org/342>

CAVALCANTI, L.; PARELLA, S. **El retorno desde una perspectiva transnacional**. REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual – Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília, 2014.

CAVALCANTI, L. “Imigração e mercado de trabalho no Brasil: características e tendências”. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual – Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. “A Caminho da conclusão: meia década de novos fluxos migratórios no Brasil”. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual – Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_. “A movimentação dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro a partir do CAGED”. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual – Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília, 2017.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Resumo executivo: migrações e mercado de trabalho**. Relatório Anual 2018. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, 2018.

CAVALCANTI, L.; TONHATI, T.; OLIVEIRA, A. T. **Os imigrantes haitianos no Brasil: forma de entrada, permanência e registros** In: CAVALCANTI, L.; TONHATI, T.; DUTRA, D.; OLIVEIRA, M. (Org.). “A imigração haitiana no Brasil: características sócio-demográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal”. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, 2019.

CEPAL. **Globalización y desarrollo**. Santiago de Chile: Cepal, Naciones Unidas, 2002. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/2724-globalizacion-desarrollo>

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes. 1990.

COGO, D. **Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re) significado em redes migratórias de haitianos**. REU, Sorocaba, SP, v. 40, n. 2, dez. 2014.

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados. Ministério da Justiça do Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/seguranca-e-justica/2012/01/governo-vai-regularizar-situacao-de-haitianos-no-pais-e-restringir-novas-imigracoes>

Conselho de Segurança das Nações Unidas – CSNU. **Resolution 1542, Adopted by the Security Council at its 4961st Meeting, S/Res/1542**. Nova Iorque: Conselho de Segurança das Nações Unidas, abril, 2004. Disponível em: [https://digitallibrary.un.org/record/520532/files/S\\_RES\\_1542%282004%29-EN.pdf](https://digitallibrary.un.org/record/520532/files/S_RES_1542%282004%29-EN.pdf)

CORSINI, L. **A potência da hibridação: Édouard Glissant e a creolização**. In: “Lugar comum – estudos de mídia, cultura e democracia”. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

La Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 25-26 mai-dez 2008. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30823566/COMPLETO\\_25-26.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DGuerra+Civil+Imaterial+Prototipos+de+Con.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190807%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\\_request&X-Amz-Date=20190807T223206Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=7466813519c242640058c043171845f850247383c2dbaff989140fb5b6d44a69#page=191](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30823566/COMPLETO_25-26.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DGuerra+Civil+Imaterial+Prototipos+de+Con.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190807%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190807T223206Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=7466813519c242640058c043171845f850247383c2dbaff989140fb5b6d44a69#page=191)

COSTA, E.P.L. **O Brasil e a MINUSTAH**. Security and Defense Studies Review, Interdisciplinary Journal of the Center for Hemispheric Defense Studies, v. 5, n. 1, 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267797091\\_O\\_Brasil\\_e\\_a\\_MINUSTAH](https://www.researchgate.net/publication/267797091_O_Brasil_e_a_MINUSTAH)

CUNHA, J.S. et al. **Crise mundial e a trajetória do Brasil, entre 2008 e 2015**. Cadernos do CEAS, Salvador, n. 234, p. 4-46, 2015. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/download/12/10>

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FAZITO, D. **Análise de redes sociais e migração – Dois aspectos fundamentais do “retorno”**. Revista Brasileira de Ciência Sociais. Vol.25, nº 72, fevereiro/2010.

FERGUSON, J. **Migration in the Caribbean: Haiti, the Dominican Republic and beyond**. London: Minority Rights Group International, 2003. Disponível em: <https://minorityrights.org/publications/migration-in-the-caribbean-haiti-the-dominican-republic-and-beyond/>

FERNANDES, D. “O Brasil e a migração internacional no século XXI – notas introdutórias”. In: PRADO, E.J.P.; COELHO, R. (Org.). **Migrações e trabalho**. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. Disponível em: [http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal\\_mpt/2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87/Livro\\_Migracoes\\_e\\_TrabalhoWEB.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT\\_TO=url&CACHEID=ROOTWORKSPACE.Z18\\_395C1BO0K89D40AM2L613R2000-2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87-kXzEWbQ](http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal_mpt/2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87/Livro_Migracoes_e_TrabalhoWEB.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=ROOTWORKSPACE.Z18_395C1BO0K89D40AM2L613R2000-2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87-kXzEWbQ)

FIGUEIREDO, E. **O Haiti: história, literatura e cultura**. Revista Brasileira do Caribe, Goiânia, Vol.VI, nº12. Jan-Jun 2006, p. 371-395. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/7567/4640>

FREEDOM HOUSE – Relatórios. Disponível em: <http://freedomhouse.org/report/freedom-world/2003/haiti#.VAC9uPldVuQ>

FUSCO, W. **Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado) – instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp – SP, 2005.

FUSCO, W. ; REZENDE, D. F. A. **Redes Sociais**. In: Dicionário crítico das migrações internacionais. Brasília: Editora UnB, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GORENDER, J. **O épico e o trágico na história do Haiti**. Janela para a História. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100025&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100025&script=sci_arttext&tlng=es)

HAGGERTY, R.A. (ed). **Dominican Republic and Haiti : country studies**. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1991. Disponível em: <https://cdn.loc.gov/master/frd/frdcstdy/do/dominicanrepubli00metz/dominicanrepubli00metz.pdf>

HANDERSON, J. **Diásporas. Sentidos sociais e mobilidades haitianas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.a Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n43/0104-7183-ha-21-43-0051.pdf>

HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese (Doutorado em antropologia social) – Museu Nacional, UFRJ - RJ, 2015.b

\_\_\_\_\_ **O universo espiritual e cultural da primeira república negra: Haiti.** Razão e Fé, Pelotas, dez./2006.

HERODOTE.NET . 1492 À 1804 – D’Hispaniola à Haïti. Disponível em: [https://www.herodote.net/1492\\_1804-synthese-174.php](https://www.herodote.net/1492_1804-synthese-174.php)

INTERNATIONAL CRISIS GROUP – ICG. **Haiti after the Elections: Challenges for Préval's First 100 Days. Latin America/ Caribbean Briefing 10.** Porto Príncipe, Bruxelas: International Crisis Group, 11 mai. 2006. 16.

Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/latin-america-caribbean/haiti/haiti-after-elections-challenges-preval-s-first-100-days>

INSTITUT HAITIËN DE STATISTIQUE ET D’INFORMATIQUE. **Ministère de l’Economie et des Finances.** [Online], Disponível em: [http://www.ihsi.ht/produit\\_demo\\_soc.html](http://www.ihsi.ht/produit_demo_soc.html)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World migration report 2015. Migrants and cities: new partnerships to manage mobility.** Geneva: IOM, 2015. Disponível em: <https://www.iom.int/world-migration-report-2015>

JACOBSON, E. **An Introduction to Haitian Culture for Rehabilitation Service Providers.** Center for International Rehabilitation Research Information and Exchange (CIRRIE),

University of New York, Buffalo, NY, 2003. Disponível em: <http://cirrie-sphhp.webapps.buffalo.edu/culture/monographs/haiti.php>

JANSEN, C. J. **Some sociological aspects of migration**. In: JACKSON, J. A. (Ed.). Migration. Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

JUBILUT, L.L. **O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Método, 2007. 240p. : Apêndice. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/O-Direito-Internacional-dos-Refugiados-e-sua-Aplica%C3%A7%C3%A3o-no-Ordenamento-Jur%C3%ADdico-Brasileiro.pdf>

JUSTUS, P. **Brasil é a sexta maior economia do mundo**. O Globo, São Paulo. 06 mar, 2012. Economia [Online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-a-sexta-maior-economia-do-mundo-4233033>

KELLY, P. F. **Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration**. In: PORTES, A. (org.). The economic sociology of immigration. Nova York, Russell Sage, 1995.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). **Migração interna; textos selecionados**. Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 89-114.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LEVY, M.S.F. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972)**. Rev. Saúde Pública [online]. 1974, vol.8, suppl., pp. 49-90. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101974000500003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101974000500003&script=sci_abstract&tlng=pt)

MANCHINERI, A. S. S.; MORAIS, M. J. **Povo Manchineri: redes migratórias, fronteiras e relações afetivas**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

MARTINE, G. **A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21.** São paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001)

MASSEY, D. S. et al. **Return to Aztlan: the social process of international migration from western Mexico.** Los Angeles: University of California Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium.** Oxford: Clarendon press, 1998.

MARCONI, M. A, LAKATOS. E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** ATLAS: São Paulo, 1996.

MATIJASCIC, V. B. **Haiti: uma história de instabilidade política.** São Paulo: Anais do XX Encontro Regional de Historia: Historia e Liberdade, 2010. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Vanessa%20Braga%20Matijascic.pdf>

MAZZUOLLI, V. de O. **Curso de direito internacional público.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon.** Lajeado: Editora da Univates, 2015.

MILAMOVIC, B. **On the threshold of the Third Globalization: why liberal capitalism might fail?** Washington, DC: Word Bank, 1999. Preliminary draft. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=262176](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=262176)

MILESI, R., ANDRADE, C.A. **A sociedade civil na atenção aos imigrantes e refugiados – o agir do IMDH.** In: PRADO, E.J.P.; COELHO, R. (Org.). **Migrações e trabalho.** Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. Disponível em:



[http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal\\_mpt/2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87/Livro\\_Migracoes\\_e\\_TrabalhoWEB.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT\\_TO=url&CACHEID=ROOTWORKSPACE.Z18\\_395C1BO0K89D40AM2L613R2000-2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87-kXzEWbQ](http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal_mpt/2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87/Livro_Migracoes_e_TrabalhoWEB.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=ROOTWORKSPACE.Z18_395C1BO0K89D40AM2L613R2000-2744ae77-4584-4d92-b91d-185adc09ba87-kXzEWbQ)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/05/solicitacoes-de-refugio-cresceram-800-nos-ultimos-4-anos>. Acesso em: junho 2014

MORAES, I.A.; ANDRADE, C.A.A.; MATTOS, B.R.B. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, Vol. 4, nº. 20, out. 2013. Disponível em: <https://hcommons.org/deposits/objects/hc:22518/datastreams/CONTENT/content>

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, J. B. **Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil**. Revista Brasileira de Política Internacional 53 (1):111-129, 2010.

MOREL, M. **A revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito**. São Paulo: Paco Editorial, 2017

MORGAN, D. L. **The Focus Group Guidebook**. Thousand Oaks: Sage, 1998. Disponível: [https://www.researchgate.net/publication/247881979\\_The\\_Focus\\_Group\\_Guidebook](https://www.researchgate.net/publication/247881979_The_Focus_Group_Guidebook)

MOULIN, C., MEDEIROS, M.M. **As políticas de proteção humanitária: o caso da Cruz Vermelha no Haiti pós-terremoto**. PUC-RIO: Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2013/relatorios\\_pdf/ccs/IRI/IRI-Mariana%20Marques%20de%20Medeiros.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2013/relatorios_pdf/ccs/IRI/IRI-Mariana%20Marques%20de%20Medeiros.pdf)

MUSGROVE, F. **The migratory elite**. Londres, Heinemann, 1963.

NEIBURG, F. **Imaginary Moneys and the Popular Economy in Haiti**. Submitted to *American Ethnologist*, 2013.

NETO, A. R. V. **Arquipelização cultural**. ALETRIA: Revista de Estudos de Literatura - v. 22, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/3852/3795>

NETO, F.P.V. “Epopéia militar brasileira no Haiti”. In: HAMANN, E.P., TEIXEIRA, C.A.R. (Org.). **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões**. Centro conjunto de Operações de Paz no Brasil – Sérgio Vieira de Mello. Rio de Janeiro, out. 2017.

NICHOLLS, D. **From Dessalines to Duvalier: Race, Colour and National Independence in Haiti**. Nova Brunswick: Rutgers, 1996.

OLIVEIRA, A.T.R. **A mobilidade espacial de âmbito internacional no brasil: uma visão através do sistema de tráfego internacional**. Cadernos OBMIGRA – Revista Migrações Internacionais, v.1 n. 2, 2016.

PATARRA, N. L. **Migrações internacionais: teorias, políticas e desenvolvimentos sociais**. Estudos avançados, São Paulo, v.20, 2006.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage; 1990.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas**. SOCIUS working papers. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.

PIZZOL, S. J. S. **Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária**. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 42, n. 3, p. 451-468, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032004000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032004000300003)

PORTES, A., GUARNIZO, L., LANDOLT, P. **The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field.** 1999.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Heráclito de Éfeso.** São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

RAMÍREZ, J. **Diáspora.** In: Dicionário crítico das migrações internacionais. Brasília: Editora UnB, 2017.

ROSA, R. M. **A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais.** Universitas, Relações Internacionais. Brasília, 2006. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/93bf60fbb67e75781ac8638b7672ec16/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2031894>

ROSSI, P.; MELLO, G. **Choque recessivo e a maior crise da história: a economia brasileira em marcha ré.** Centro de Estudos de conjuntura e Política Econômica. Campinas, Unicamp, abril – 2017. Disponível em: [http://www3.eco.unicamp.br/images/arquivos/NotaCecon1\\_Choque\\_recessivo\\_2.pdf](http://www3.eco.unicamp.br/images/arquivos/NotaCecon1_Choque_recessivo_2.pdf)

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 32.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SADER, E. **A grande revolução negra.** História, 2004. Consciência.net [Online]. Disponível em: <http://www.consciencia.net/2004/mes/01/sader-haiti.html>

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. **Teorias das migrações internacionais.** XII Encontro Nacional da ABEP. Caxambu, outubro de 2000. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/969/0>

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **O que é um imigrante?** Peoples méditerranéens, n.7, junho, 1979.

\_\_\_\_\_. **O retorno – elemento constitutivo da condição do imigrante.** Volume especial de *Travessia – Revista do Migrante*, ano XIII, número especial, jan. 2000

SILVA, E. B. da; SOARES, A. L. **A Revolução do Haiti: Um estudo de caso (1791 – 1804).** *Revista Ameríndia*, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/amerindia/article/view/1380>

SINATTI, G. **Migrations, transnacionalism and the lócus of research: multi-locality and the shift from ‘sites’ to ‘fields’**”, **Simposio internacional "Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones.** Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, 14-15 Febrero 2008.

SIQUEIRA, S. **Projeto migratório.** In: *Dicionário crítico das migrações internacionais.* Brasília: Editora UnB, 2017.

SILVA, S. A. **Brazil, a new Eldorado for immigrants?: The case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy.** *Urbanities*, Vol.3, November/2010. Disponível em: [http://www.anthrojournal-urbanities.com/docs/tableofcontents\\_5/2-Sidney%20Antonio%20da%20Silva.pdf](http://www.anthrojournal-urbanities.com/docs/tableofcontents_5/2-Sidney%20Antonio%20da%20Silva.pdf)

SOARES, W. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga.** Tese (Doutorado em demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, UFMG - BH, 2002

\_\_\_\_\_. **Rede migratória.** In: *Dicionário crítico das migrações internacionais.* Brasília: Editora UnB, 2017.

STEIMAN, M., GUMERA, M., FERRETTI, M. **Terremoto no Haiti: uma experiência multiprofissional.** *Einstein* (São Paulo) vol.9 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082011000100001&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082011000100001&script=sci_arttext&tlng=pt)

STEPICK, A. **Haitian boat people: a study in the conflicting forces shaping U.S. immigration policy.** Florida: US Policy Immigration, Vol. 45: Nº 2, 1982. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/44442715\\_Haitian\\_Boat\\_People\\_A\\_Study\\_in\\_the\\_Conflicting\\_Forces\\_Shaping\\_US\\_Immigration\\_Policy](https://www.researchgate.net/publication/44442715_Haitian_Boat_People_A_Study_in_the_Conflicting_Forces_Shaping_US_Immigration_Policy)

SUTTER, C., KING, A.M. **Vivendo sobre escombros: qualidade de vida no Haiti pós-terremoto.** Salud & Sociedad . Vol. 3, nº. 3, Pp. 235 – 249. Setembro – dezembro, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/salsoc/v3n3/3n3a01.pdf>

TONHATI, T., ARAÚJO, D., MACÊDO, M. “A inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho formal segundo a RAIS – 2010 a 2016”. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.;

TONHATI, T. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro.** Relatório Anual – Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais, Brasília, 2017.

UZIEL, E. **Três questões empíricas, uma teórica e a participação do Brasil em operações de paz das Nações Unidas.** Política Externa, v. 14, n. 4, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/301479217\\_Tres\\_questoes\\_empiricas\\_uma\\_teorica\\_e\\_a\\_participacao\\_do\\_Brasil\\_em\\_operacoes\\_de\\_paz\\_das\\_Nacoes\\_Unidas](https://www.researchgate.net/publication/301479217_Tres_questoes_empiricas_uma_teorica_e_a_participacao_do_Brasil_em_operacoes_de_paz_das_Nacoes_Unidas)

VALDERRAMA, C.B.F. **Transnacionalismo. Emergencia y fundamentos de una nueva perspectiva migratoria,** 2007.

VERGARA, S.C. **MÉTODOS DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO.** São Paulo: Editora Atlas, 2005.

VIANA, S.M.K. **A Minustah e a participação brasileira.** Revista Senso Comum, nº 1, 2009, p. 22-37. Disponível em: <https://sensocomum.xanta.org/index.php/revista/article/view/6/4>

XAVIER, I. R. **Projeto migratório e espaço: os imigrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 2010.

## ANEXOS

### ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

*Bom dia/tarde/noite, meu nome é X e sou estudante da Universidade de Brasília e junto com outros colegas estamos realizando uma investigação sobre X. Agradeço seu tempo e a sua disposição para o desenvolvimento desta conversaço. As respostas que nos brinde e a gravação da conversaço serão utilizadas de maneira anônima e unicamente para os objetivos da pesquisa. Se não tiver nenhuma pergunta, podemos começar. Muito obrigada/obrigado*

### PROJETO MIGRATÓRIO

- Circunstâncias e razões sobre a decisão de emigrar:
  - a. Momento, Circunstâncias e Causas que levaram a pessoa a emigrar para o Brasil
  - b. Situação no país de origem antes de emigrar (Exemplo: trajetória laboral, nível educativo, situação econômica)
  - c. Por que escolheu o Brasil como lugar de destino
  - d. Redes migratórias
  - e. Imaginário sobre o Brasil e as possíveis oportunidades
  - f. Como materializou economicamente os recursos para emigrar
  
- Experiências migratórias prévias a migração internacional da pessoa e da família:
  - a. Campo-cidade
  - b. Experiências em áreas de fronteiras
  - c. Fatores que intervêm na escolha do lugar de destino
  - d. Expectativas do “grupo doméstico” na decisão de emigrar para o Brasil
  - e. Cronologia e etapas antes de chegar no Brasil (rotas)

### SITUAÇÃO LABORAL E FAMILIAR NO CONTEXTO DE CRISE NO BRASIL

- Trajetória laboral

- a. Breve revisão e cronologia da trajetória no mercado de trabalho (empregos)
  - b. Dificuldades e barreiras (língua, como a língua afetou a trajetória laboral, questões culturais, gênero)
  - c. Facilidades (outras línguas, religião, experiências prévias)
- Percepção de crise
    - a. Percepção da situação do Brasil (envio de remessas, câmbio monetário)
    - b. No mercado de trabalho (Exemplo: desemprego, dificuldade para se manter no emprego...)
    - c. Aumento de discriminação do mercado de trabalho (Se sim, quais?)
    - d. Aumento da dificuldade para progredir no trabalho (realizar cursos profissionalizantes, ter mais experiência profissional)?

## **RETORNO**

- Projeto de retorno
  - a. Averiguar se há intenção de retorno e se é um projeto baseado no assentamento ou na perspectiva do retorno (Você pensa retornar para o Haiti?)
- Preparação para o retorno
  - b. Tempo,
  - c. Condições materiais,
    - a. Negociação familiar. A decisão de retorno foi consensuada na família? Todos os membros tiveram voz e voto, incluindo as mulheres?
    - d. Investimentos no país de origem,
    - e. Formação laboral ou educativa no Brasil
- Experiências próprias e familiares
  - f. Percepção dos familiares e amigos de ter retornado do Brasil ou de outros países
  - g. Quais são os aspectos positivos e negativos que pesam na decisão do retornar?

## **CIRCULARIDADE**



- Projeto de circularidade
- a) você pensa em re-emigrar para outro país/estado? (Qual? Por quê?)
- Motivos/razões para a circularidade
- b) Condições materiais/ Crise econômica
- c) Negociação familiar.
- d) Busca de oportunidades
- e) Mobilidade laboral
- f) Formação educativa
- g) Questões afetivas
- h) Dificuldades/degradação das condições do local
  
- Dependência econômica
- Experiências próprias e familiares
- i) Quais são os aspectos positivos e negativos que pesam na decisão de circular re-emigrar?
- j) Caso de ficar no Brasil/estado, quais condições seriam determinantes?

### **IMPACTO DAS QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NAS RESPOSTAS À CRISE ECONÔMICA**

- Participação diferenciada na toma de decisões
- k) Considera que as mulheres têm mais liberdades no Haiti ou no Brasil? Essa situação é importante na decisão de ficar ou retornar?
- l) Diferenças nas tarefas feitas em casa no Haiti e no Brasil; decisão individual ou em família para os momentos de lazer.
  
- Dependência econômica
- m) Companheira/o trabalha e trabalhava no Haiti; administração do próprio dinheiro; dinheiro suficiente para cobrir necessidades.

- Responsabilidade na reprodução humana
  - n) Diferença de ter filhos no Haiti e no Brasil
  - o) Número e idade de filhos e se freqüentam a escola
  - p) Há diferença de quem tem a responsabilidade do cuidado dos filhos no Brasil
  - q) Cuidado dos filhos no Haiti
  - r) Envio de dinheiro
  - s) Onde gostaria que os filhos crescessem
  - t) Licença maternidade paga e ajuda durante a licença
  - u) Discriminação no trabalho pela gravidez
  - v) Bolsa Família e Planejamento Familiar.
  
- Barreiras lingüísticas
  - w) Cursos de português para estrangeiros
  - x) Onde tem sentido uma barreira lingüística
  - y) Pessoas próximas que não falam português, que só falam crioulo haitiano - relação com elas e tempo de permanência no Brasil (acesso à informação básica na sua língua no Haiti).
  
- Preconceito racial
  - z) Discriminação pela cor da pele no Brasil.

### **DADOS BÁSICOS DO ENTREVISTADO**

Nome	
Idade	
Sexo	
Estudos formais	
E-mail, telefone	
Lugar/estado de origem (rural/urbano)	
Bairro/Cidade	
Estudos formais	
Situação familiar	> Estado civil, > N° de filhos
Ano em que chegou no Brasil	
Bairro de residência no Brasil	
Moradia	> Aluguel, propriedade,

	➤ Com quem divide a residência?
Outros membros da família emigrantes	➤ Lugar de destino
Para os empresários: ano que iniciou a atividade empresarial	

## **ANEXO II – ROTEIRO GRUPO FOCAL**

### **ROTEIRO GRUPO FOCAL**

Duração: entre 1 e 2 horas

Participantes: 10 imigrantes haitianos (mínimo 7 e máximo 12 para um bom debate. É importante garantir que cada participante tenha oportunidade de pelo menos 10 minutos de fala)

1 Mediador: \_\_\_\_\_

1 Operador de gravação: \_\_\_\_\_

1 Digitador/Suporte: \_\_\_\_\_

Objetivos: 1) Identificar os projetos de retorno ou circularidade; 2) Analisar as diferentes formas em que a crise econômica impactou na inserção no mercado de trabalho brasileiro; 3) Identificar os vínculos transnacionais; 4) Constatar as perspectivas futuras de retorno e/ou re-emigração.

---

### **BLOCO I – SITUAÇÃO ATUAL DE CRISE ECONÔMICA**

*Questão-chave: Como os haitianos percebem a crise econômica?*

- No mercado de trabalho (Exemplo: desemprego, dificuldade para se manter no emprego)
- Aumento de discriminação do mercado de trabalho (Se sim, quais?)
- Aumento da dificuldade para progredir no trabalho (Exemplo: realizar cursos profissionalizantes, ter mais experiência profissional)?
- No Bairro (Exemplo: dificuldade para pagar o aluguel, aumento da violência)
- Nas Remessas (Diminuição do envio de remessas)
- Negociação familiar (Como a crise é percebida na família)

### **BLOCO II – VÍNCULOS COM O PAÍS DE ORIGEM OU OUTROS PAÍSES**

*Questão-chave: Como é o vínculo dos haitianos com o país de origem ou outros países?*

- Vocês utilizam redes sociais e dispositivos tecnológicos (Quais e como se utiliza?) para comunicação no Haiti ou outros países?
- Remessas
- Cuidado a distancia (família transnacional)
- Ajudas para re-emigrar
- Suporte emocional

### **BLOCO III - PROJETOS DE RETORNO**

*Questão-chave: Vocês gostariam de permanecer no Brasil? Vocês gostam do Brasil? Preferem retornar para o Haiti?*

- Vocês acham que a saída para a atual crise é retornar para o Haiti?
- Quais as condições ideais para retornar para o Haiti? (Exemplo: Depois de juntar um dinheiro?)
- Quais os aspectos positivos e negativos que pesam na decisão do retornar?
- No atual momento o que seria ideal, retornar ou permanecer no Brasil?
- Em caso de permanecer, quais as estratégias que se deve adotar (Exemplo: mudar de trabalho, de cidade, fazer cursos)

### **BLOCO VI - CIRCULARIDADE**

*Questão-chave: Vocês pensam em reemigrar para outro Estado do Brasil? Para outro país?*

- Re-emigrar para outro país? (qual? Por quê?)
- Ficar no Brasil (Em que condições: ficar na cidade, mudar de cidade, mudar de trabalho?)
- Pensam reunir toda a família?

**Questão final: Se você tivesse oportunidade de dizer algo as autoridades brasileiras e haitianas, o que vocês diriam sobre a imigração haitiana para o Brasil?**

**SOLICITAR ESSES DADOS DETALHADOS NO FINAL DO GRUPO FOCAL**

<b>Dados básicos dos entrevistados</b>		
Nome:		
Bairro/Cidade:		
Telefone		
email:		
Lugar/estado de origem (rural/urbano)		
Idade	Sexo	Ano que chegou no Brasil:
Estudos formais no Haiti		
Estudos formais no Brasil		
Outros membros família que também são emigrantes (lugar de destino):		
Situação administrativa		
Situação familiar (estado civil, nº de filhos):		
Bairro de residência no Brasil		
Moradia (aluguel, propriedade)		
Com quem divide a residência?		
Para os empresários: ano que iniciou a atividade empresarial:		
Possui propriedades no Haiti?		

## **ANEXO III – Resolução Normativa 27 – CNIg**

### **Resolução Normativa nº 27 de 25/11/1998**

#### **CNIg – Conselho Nacional de Imigração**

Disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração.

**O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO**, instituído pela Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

**Art. 1º** Serão submetidas ao Conselho Nacional de Imigração as situações especiais e os casos omissos, a partir de análise individual.

§ 1º Serão consideradas como situações especiais aquelas que, embora não estejam expressamente definidas nas Resoluções do Conselho Nacional de Imigração, possuam elementos que permitam considerá-las satisfatórias para a obtenção do visto ou permanência.

§ 2º Serão considerados casos omissos as hipóteses não previstas em Resoluções do Conselho Nacional de Imigração.

**Art. 2º** Na avaliação de pedidos baseados na presente Resolução Normativa serão observados os critérios, princípios e objetivos da imigração, fixados na legislação pertinente.

**Art. 3º** As decisões com base na presente Resolução Normativa não constituirão precedentes passíveis de invocação ou formarão jurisprudência para decisão de qualquer outro órgão.

**Art. 4º** Fica revogada a Resolução nº 32, de 19 de outubro de 1994.

**Art. 5º** Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

**JOÃO CARLOS ALEXIM**

**Presidente do Conselho Nacional de Imigração**

## **ANEXO IV – Resolução Normativa 97 – CNIg**

### **CNIg - Conselho Nacional de Imigração**

#### **Resolução Normativa nº 97 de 02/12/2012**

Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti

**O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO**, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

**Art. 1º** Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

**Parágrafo único.** Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

**Art. 2º** O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

**Parágrafo único.** Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País.

**Art. 3º** Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação laboral para fins da convalidação da



permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor.

**Art. 4º** Esta Resolução Normativa vigorará pelo prazo de 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado.

**Art. 5º** Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

**PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA**

Presidente do Conselho Nacional de Imigração

## **ANEXO V – Resolução Normativa 113 – CNIg**

### **CNIg - Conselho Nacional de Imigração**

#### **Resolução Normativa nº 113 de 09/12/2014**

Vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

O **CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO**, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

**Art. 1º** Fica prorrogada, até 30 de outubro de 2015, a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

**Art. 2º** Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

**PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA**

Presidente do Conselho

## ANEXO VI

### Quadro resumo com os pseudônimos dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Estado civil	Pseudônimo	Chegada ao Brasil
Entrevistado 1	Masculino	Solteiro	Bernardo	2016
Entrevistado 2	Feminino	Solteiro	Mina	2018
Entrevistado 3	Feminino	Casado	Catheline	2014
Entrevistado 4	Feminino	Casado - 2 filhos	Melissa	2015
Entrevistado 5	Masculino	Solteira	Jules	2018
Entrevistado 6	Masculino	Solteira	Odney	2018
Entrevistado 7	Masculino	Solteira	Jameson	2013
Entrevistado 8	Masculino	Casado – 2 filhos	Wilkens	2012
Entrevistado 9	Masculino	Solteiro	Robert	2014
Entrevistado 10	Masculino	Solteiro	Jean	-
Entrevistado 11	Feminino	Divorciada - 2 filhos	Anaica	2016
Entrevistado 12	Masculino	-	Ency	2014
Entrevistado 13	Masculino	Solteiro	Karl	2013
Entrevistado 14	Feminino	-	Tatiana	2013
Entrevistado 15	Masculino	-	Isaac	2018
Entrevistado 16	Feminino	Solteiro	Cristelle	2014
Entrevistado 17	Masculino	Solteiro	Widnel	2014
Entrevistado 18	Feminino	Casada - 2 filhos	Eyma	2014
Entrevistado 19	Masculino	Casado - 2 filhos	Yves	2013
Entrevistado 20	Feminino	-	Sandra	2010
Entrevistado 21	Feminino	Casada - 3 filhos	Leila	2015
Entrevistado 22	Masculino	-	Paul	2012
Entrevistado 23	Feminino	Solteiro	Malia	2018

Entrevistado 24	Masculino	Solteiro – 2 filhos (Um no Haiti, outro no Brasil)	Loubens	2012
Entrevistado 25	Masculino	Casado – 3 filhos (Estão na República Dominicana)	Oslon	2018
Entrevistado 26	Masculino	Casado – 3 filhos (A esposa e dois filhos estão no Brasil, o terceiro está no Haiti)	Odelin	2010
Entrevistado 27	Masculino	Solteiro	Begory	2013
Entrevistado 28	Masculino	Casado - 1 filho (No Haiti)	Mackens	2015
Entrevistado 29	Masculino	Solteiro	Burk	2013
Entrevistado 30	Feminino	Casada – 1 filho (Estão no Brasil e o filho é brasileiro)	Alexa	2013
Entrevistado 31	Feminino	Solteira	Aimee	2013